

AZUSA – REVISTA DE ESTUDOS PENTECOSTAIS

Volume XI - Número 2

jul./dez. 2020

Revista Semestral da Faculdade Refidim

Joinville/SC

ISSN - 2178-7441

Azusa – Revista de Estudos Pentecostais
Volume XI– Número 2
jul./dez. 2020

Azusa – Revista de Estudos Pentecostais. - v. XI, n. 2
(jul./dez. 2020) - Joinville: REFIDIM, 2020.
Semestral.
123 p.
Editor: Claiton Ivan Pommerening
ISSN: 2178-7441
I. Pommerening, Claiton Ivan. II. Título.

Editor:

Prof. Dr. Claiton Ivan Pommerening, Faculdade Refidim, Joinville, SC, Brasil

Editor Executivo:

Prof. Me. Valdinei Ramos Gandra, Faculdade Refidim, Joinville, SC, Brasil

Conselho Editorial:

Prof. Dr. Gedeon Freire de Alencar, PUC/SP

Prof. Dr. Bernardo Campos - Perú

Prof. Dr. Claiton Ivan Pommerening, Faculdade Refidim, Joinville, SC

Prof. Dr. Daniel Chiquete Beltrán - México

Prof. Dr. Joel Haroldo Baade, Faculdade Refidim, Joinville/SC; UNIARP, Caçador, SC, Brasil

Profa. Dra. Kathleen M. Griffin - Argentina

Prof. Dr. Luis Alberto Orellana Urtubia - Universidad Arturo Prat (Chile)

Prof. Dr. Sidney Moraes Sanches, Faculdade Nazarena do Brasil

Prof. Dr. David Mesquiati de Oliveira, Faculdade Unida de Vitória (UNIDA)

Comissão Científica *ad hoc*

Prof. Dr. Adriano Souza Lima, PUC/PR

Prof. Dr. Claiton Ivan Pommerening, Faculdade Refidim - Joinville/SC, Brasil

Prof. Dr. Fernando Albano, Faculdade Refidim - Joinville/SC, Brasil

Prof. Dr. David Mesquiati de Oliveira, Faculdade Unida de Vitória/ES, Brasil

Prof. Dr. Joel Haroldo Baade, Faculdade Refidim, Joinville/SC; UNIARP, Caçador, SC, Brasil

Prof. Me. Regina Sanches, Faculdade Nazarena do Brasil

Prof. Dr. Sidney Moraes Sanches, Faculdade Nazarena do Brasil

Prof. Me. Valdinei Ramos Gandra, Faculdade Refidim, Joinville, SC, Brasil

Profa. Ma. Andréa Nogueira dos Santos, Faculdade Refidim, Joinville, SC, Brasil

Revisão:

Equipe de Pesquisa da Faculdade Refidim

Diagramação:

Prof. Me. Joel Montanha

Capa:

João Batista (JB)

Traduções Abstracts:

Raphaelson Steven Zilse

Órgão Semestral editado pela

FACULDADE REFIDIM

Rua Cerro Azul, 888 - Bairro Nova Brasília - 89.213-480 - Joinville – SC

Fone/Fax (47) 3466 0058

E-mail: ceeduc@ceeduc.edu.br - Site: www.ceeduc.edu.br

Diretor Geral: Prof. Dr. Claiton Ivan Pommerening

Solicita-se permuta.

Biblioteca: Cristiane Salazar - biblioteca@ceeduc.edu.br - (47) 3466 0058

Os artigos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião dos editores.

Sumário

- 1. ADOECIMENTO E SAÚDE NOS DISCURSOS E NAS PRÁTICAS ASSEMBLEIANAS: INTERPELAÇÕES PROVOCADAS PELA PANDEMIA DO COVID-19 5**
- 2. ESCATOLOGIA PENTECOSTAL EM TEMPOS DE PANDEMIA..... 35**
- 3. OS DESAFIOS DA ECLESIOLOGIA PENTECOSTAL EM TEMPOS DE PANDEMIA .. 58**
- 4. NEOLIBERALISMO E NECROPOLÍTICA EM TEMPOS DE COVID-19 89**

ADOCIMENTO E SAÚDE NOS DISCURSOS E NAS PRÁTICAS ASSEMBLEIANAS: INTERPELAÇÕES PROVOCADAS PELA PANDEMIA DO COVID-19

Valdinei Ramos Gandra¹

Orlando Afonso Camutue Gunlanda²

Bianca Nicolli da Silva³

Joel Worma de Souza⁴

RESUMO

Este artigo propõe cartografar os discursos e as práticas em clave teológico-pastoral dos/as assembleianos/as em relação ao tema do adoecimento e da saúde. A escolha se justifica pela considerável presença do referido grupo na dinâmica religiosa do Brasil, levando em conta que se trata da segunda maior força religiosa de tradição cristã no país, atrás somente da tradição católica, e a maior igreja de tradição evangélico-pentecostal. A análise que se faz parte, por um lado, de uma abordagem acadêmica, tendo em vista que se trata de um artigo produzido a partir de uma série de encontros promovidos pelo Grupo de Estudos Pentecostais (GEP) da Faculdade

¹ Docente da Faculdade Refidim. Doutorando em Teologia (PUC/PR); Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade (UNIVILLE); Especialização em Educação a Distância (UCDB); Graduação em Teologia (FTSA), Graduação em História (UNIASSELVI) e Graduação em Processos Gerenciais em Processos Gerenciais (FACINTER).

² Docente da Faculdade Refidim. Mestre em Psicologia (UFSC); Especialização em Teologia e Cuidado (REFIDIM); Graduação em Psicologia (ACE); Graduação em Teologia (REFIDIM).

³ Discente do Bacharel em Teologia da Faculdade Refidim.

⁴ Discente do Bacharel em Teologia da Faculdade Refidim.

Refidim; mas também parte, por outro lado, de uma experimentação religiosa, tendo em vista que os autores transitam por espaços de vivência pentecostal. Por conta da complexidade da temática opta-se por uma metodologia de cunho cartográfico, considerando que o objetivo é apenas sinalizar algumas sinuosidades do território assembleiano, sem a pretensão de estabelecer resultados fechados e definitivos. Sendo assim, busca-se ouvir os discursos antropológicos dos teólogos assembleianos (análise bibliográfica), particularmente em relação ao que se pensa em termos de adoecimento e saúde; busca-se também tomar nota das práticas de cuidado que se estabelecem na rede de apoio e proteção, tendo como dispositivo de análise o conceito de Coping Religiosos/Espiritual positivo e negativo (análise de campo).

PALAVRAS-CHAVES: Adoecimento e Saúde; Discursos e Práticas Assembleianas; Coping Religioso.

ABSTRACT

This article proposes to map the theological-pastoral discourses and practices of the assemblies in relation to the theme of illness and health. The choice is justified by the considerable presence of this group in the religious dynamics of Brazil, taking into account that it is the second largest religious force of Christian tradition in the country, behind only the Catholic tradition, and the largest church with an evangelical-Pentecostal tradition. The analysis that is part, on the one hand, of an academic approach, considering that it is an article produced from a series of meetings promoted by the Group of Pentecostal Studies (GEP) of Faculdade Refidim; but also part, on the other hand, of a religious experimentation, considering that the authors transit through spaces of Pentecostal experience. Due to the complexity of the theme, a cartographic methodology is chosen, considering that the

objective is only to signal some sinuosities of the Assembly territory, without the intention of establishing closed and definitive results. Thus, we seek to listen to the anthropological discourses of the Assembly theologians (bibliographic analysis), particularly in relation to what is thought in terms of illness and health; it also seeks to take note of the care practices that are established in the support and protection network, using the positive and negative concept of Religious / Spiritual Coping as an analysis device (field analysis).

KEYWORDS: Illness and Health; Assembly Speeches and Practices; Religious Coping.

INTRODUÇÃO

A Pandemia nos pegou de surpresa. Até dezembro de 2019 a COVID-19, para regiões como o Brasil, era apenas uma notícia sobre o que estava acontecendo na China. Como quase sempre, pensávamos que seria mais um daqueles fenômenos distantes da gente, coisa estrangeira, experiências dos outros, tanto que o carnaval, por exemplo, ocorreu normalmente no início desse ano. Bem, aos poucos fomos tomando ciência de que a COVID-19 estava ganhando um novo rosto: o rosto europeu. As telas das nossas TVs, computadores, celulares e outros dispositivos móveis enchem-se de notícias acerca do rápido aumento de pessoas contaminadas pelo vírus nos países europeus, tais como Itália, Espanha, Alemanha, Inglaterra, França, entre outros.

A realidade ainda era um pouco distante da nossa, mas já nos preocupava. Estávamos em estado de vigília, pois muitos de nós mantínhamos contatos com pessoas próximas que estavam na Europa nesse

período e experimentavam os efeitos sanitários e sociais do vírus, compartilhando conosco suas percepções, angústias e, em muitos casos, desejo de sair rapidamente da Europa, até então epicentro da COVID-19. O vírus, definitivamente, estava cada vez mais próximo da gente aqui na América Latina.

Os primeiros casos foram notificados, as primeiras paralisações começaram a acontecer; agendas econômicas começaram a ser reorganizadas; a discussão pública passou a dedicar sua atenção às questões sanitárias; algumas cidades começaram a tomar medidas sanitárias mais drásticas, tais como: paralizações de transportes públicos, fechamento de escolas e estabelecimentos comerciais; aumento da ocupação dos leitos de UTI dos hospitais públicos com casos da COVID-19; declaração de estado de emergência nacional; paralisação de todas as atividades que promoviam aglomerações, entre elas os cultos religiosos; finalmente, o estabelecimento da quarentena. Enfim, o Brasil estava vivendo o que até então eram apenas notícias sobre outros países.

Estamos vivendo a maior crise sanitária dos últimos cem anos. Suas implicações são globais; a força do COVID-19 extrapolou os limites nacionais em uma velocidade impressionante; fez das ruas um lugar perigoso para permanecer; produziu a redução do contato físico, provocando uma reorganização das nossas presenças nos espaços públicos. A atual situação, de modo geral, exigiu de nós a opção pelos espaços domiciliares - os prováveis lugares de segurança - embora estejamos sempre expostos à visita indesejada do vírus, pois apesar de alguns poderem estar em isolamento social, existe uma grande maioria que, pelos custos do capital, não podem fazer de suas casas o local de maior permanência durante as vinte quatro horas do dia.

De modo geral, fomos, em todos os sentidos, interpelados pela COVID-19, sendo obrigados a pensar tanto a crise sanitária, quanto os seus efeitos nos projetos societários vigentes na maior parte do mundo. Para o bem ou para o mal, se fez necessário pensar nas questões econômicas, políticas, educacionais, ambientais, saúde, religião e por diante. Se fez necessário “repensar o projeto civilizatório”, arquitetado pela modernidade e ampliado pela racionalidade neoliberal. Se o impacto também se dá nas religiosidades e espiritualidades, pode-se dizer que a “agenda teológica” também foi afetada. Desse modo, entre as muitas indagações que ecoam insistentemente nesse momento, ainda que silenciosamente, uma se apresenta com singular potência: quais são as possíveis respostas teológicas para a pandemia? Como a teologia cristã, por exemplo, esboça reflexões acerca da pandemia provocada pela COVID-19? Se partirmos da premissa de que a experiência cristã é pluriversal, então faz mais sentido localizar a questão no interior de cada segmento dessa tradição e ver como elas orquestram essas indagações.

Assim, este ensaio se ocupa em tecer considerações sobre essas interpelações a partir dos territórios teológico-doutrinários em que se dão as experiências pentecostais, especificamente assembleiana. Diante disso, há que se traduzir a pergunta formulada anteriormente de tal modo que seja possível cartografar os sentidos que as experiências religiosas assembleianas tendem a produzir quanto às questões de adoecimento e produção de saúde.

Salientamos que as discussões propostas aqui são decorrentes dos múltiplos olhares e percepções de pesquisadores (professores e acadêmicos) praticantes da religiosidade assembleiana. Por um lado, isso é bom, levando em conta o lugar privilegiado e a familiaridade com os aspectos histórico-culturais próprios do grupo, pois possibilita acessos ao vocabulário religioso

que não é somente a fala, mas é também corporeidade, entre outras coisas. Mas, por outro lado, existe o risco de não se operar um distanciamento suficiente. Por isso, assumimos a perspectiva da cartografia, pois, por meio dela, as afecções, as imprecisões resultantes da proximidade, as leituras posicionadas, a negação da neutralidade são elementos que compõem as análises e dão corpo ao conhecimento produzido, conhecimento esse que é sempre impreciso, vulnerável, localizado e tecido no encontro entre as sensibilidades de quem pesquisa e o campo-tema que é pesquisado.

Outra questão importante na análise, diz respeito aos termos que serão empregados nesse artigo em diálogo com os temas do adoecimento e da saúde, são eles: religião, religiosidade e espiritualidade. Em relação ao primeiro, religião, entende-se aqui em termos institucionais: visão de mundo, tradições, crenças e valores bem definidos por intermédio de textos sagrados, de documentos oficiais, também com estrutura hierárquica, com estrutura arquetônica, entre outras coisas que caracterizam uma instituição religiosa. Por exemplo, a instituição Igreja Evangélica Assembleia de Deus pertence a categoria de religião. Quanto ao termo religiosidade, tem a ver com a expressão da espiritualidade vivenciada e experimentada por intermédio do arcabouço religioso escolhido ou herdado por vias da tradição cultural e/ou familiar; tem a ver também com o sentimento de transcendência diante da finitude humana. Desse modo, ser assembleiano/a pertence a categoria de religiosidade.

Por último a espiritualidade, que está relacionada ao modo como se produzem sentidos e propósitos da vida. Ela diz respeito a ideia de completude e bem-estar consigo e com o todo que circunda o sujeito. Também diz respeito à percepção de realização frente a vida e de ligação com algo que transcende o indivíduo. Essa compreensão de espiritualidade

não se restringe a crença, já que pode ser vivida e experimentada por pessoas sem vínculos religiosos ou até mesmo ateus e agnósticos. Muita coisa poderia ser dita a respeito, já que o vocabulário da espiritualidade é por demais amplo, mas em relação à saúde, por exemplo, no contexto hospitalar, “a espiritualidade estará intimamente relacionada ao processo de produção de sentido e propósito do sofrimento que comumente acompanha a doença”.⁵

Tendo colocado os principais aspectos a serem discutidos nesse ensaio, as considerações propostas aqui, percorrerão o seguinte itinerário: inicialmente discorreremos sobre os aspectos antropológicos da teologia assembleiana para compor um conjunto de reflexões que nos auxiliam a compreender os sentidos atribuídos ao corpo e como ele é cuidado. Em seguida, apresentamos considerações sobre as relações existentes entre o sentido sobre o corpo e os sentidos sobre o adoecimento e saúde do mesmo. Entendemos que essa relação é fundamental para pensar o modo como em uma pandemia, por exemplo, o sujeito pentecostal irá reagir aos discursos e práticas propostas pela ciência médica quanto ao cuidado sanitário.

Por fim, em diálogo com os saberes da saúde coletiva, psicologia social comunitária e práticas pastorais compusemos uma série de proposições que apontam caminhos que podem fazer das comunidades assembleianas espaços de prevenção e cuidado básico em saúde, bem como lugar de desenvolvimento de ações que amenizam os efeitos sociais, econômicos, políticos e sanitários produzidos pela pandemia do COVID-19 no contexto brasileiro.

⁵ ESPERANDIO, Mary Rute Gomes Esperandio. Teologia e a pesquisa sobre espiritualidade e saúde: um estudo piloto entre profissionais da saúde e pastoralistas. Horizonte, Belo Horizonte (MG), ano 2014, v. 12, n. 35, p. 805-832, jul./set.

1. ASPECTOS DA ANTROPOLOGIA TEOLÓGICA ASSEMBLEIANA: TEORIA E PRÁTICA

Em trabalhos anteriores, Fernando Albano⁶, Orlando Gunlanda e Valdinei Gandra⁷ fizeram discussões sobre as principais noções que a teologia pentecostal assembleiana tem acerca do corpo e, a partir delas, o modo como o sujeito assembleiano produz relações com o seu corpo e com o dos outros. Retomaremos parte dessas discussões com o objetivo de fazer uma espécie de desenho do pensamento antropológico assembleiano brasileiro. Esses pesquisadores, de modo geral, apontam para o fato de que existe uma leitura pessimista e negativada do corpo por parte do pensamento assembleiano.

Na tradição assembleiana é comum a noção de que o ser humano é tricotômico. Embora existam perspectivas internas distintas dessa, especialmente por parte daqueles (as) que se localizam nos contextos acadêmicos, maior parte dos sujeitos assembleianos pensam o corpo como matéria constituída por três dimensões distintas: espírito, alma e corpo. Para constatar essa tese retomamos alguns dos pensadores oficiais da tradição assembleiana brasileira – aqueles que produziram tanto as teologias sistemáticas, quanto os materiais de formação doutrinária e pastoral – para mapear suas principais ideias acerca do corpo.

Eurico Bergstén, por exemplo, compreende que Deus, sendo trino, criou o ser humano como um ser tríplice, isto é, composto de corpo, alma e

⁶ ALBANO, Fernando. Dualismo corpo/alma na teologia pentecostal. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: EST/PPG, 2010.

⁷ GANDRA, Valdinei Ramos; GUNLANDA, Orlando Afonso Camutue. Linguagens Teológicas e Antropológicas: Implicações na Conceituação da Arte na Assembleia de Deus. Azusa: Revista de Estudos Pentecostais, Joinville, v. 7, n.2, p. 53-70, jul./dez. 2016.

espírito. O autor afirma que Deus “criou o homem com uma parte espiritual, ou seja, com alma e espírito. Esta parte espiritual é invisível e imaterial, conhecida como o ‘homem interior’ e habita no corpo, que é ‘homem exterior’”.⁸ A dimensão exterior é a menos importante e a mais corruptível. Suas demandas devem ser atendidas sempre em último lugar na hierarquia das prioridades da vida de um(a) cristão(ã).

Elienai Cabral, outro importante teólogo assembleiano, compreende que o corpo só tem seu valor na medida em que estabelece a correta relação com o espírito, ou seja, seu poder deriva da alma, que é superior e o governa. “A alma manda e o corpo apenas obedece”.⁹ Nessa mesma linha de pensamento, Severino Pedro da Silva, leva até as últimas consequências essa perspectiva ao interpretar a teologia paulina como principal fundamento de uma perspectiva tricotômica e seus desdobramentos valorativos: “Vosso espírito, alma e corpo” (I Ts 5.23). Segundo esse teólogo, “o espírito é a parte proeminente, daí ser mencionado primeiro; o corpo é a mais inferior, e por isso é mencionado por último; a alma fica no meio e por isso é mencionada entre os outros dois”.¹⁰

Fernando Albano, importante pesquisador do pensamento antropológico assembleiano brasileiro, compreende que na tradição assembleiana o corpo é instrumentalizado para fins espirituais e coisificado como objeto que serve de veículo da alma para se comunicar com o mundo.¹¹ Nessa mesma perspectiva, destacamos, em trabalho anterior, que a

⁸ BERGSTÉN, Eurico. Teologia sistemática. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005. p. 127.

⁹ CABRAL, Elienai. Mordomia cristã. Rio de Janeiro: CPAD, 2003. p. 60.

¹⁰ SILVA, Severino Pedro da. O homem: a natureza humana explicada pela Bíblia. Rio de Janeiro: CPAD, 1988. p. 126.

¹¹ ALBANO, 2010.

antropologia assembleiana brasileira ao atribuir um valor excessivamente negativo ao corpo tende a investir pouco nas discussões sobre corporeidade.¹² Como resultado dessa postura investe-se pouco, ou quase nada, em práticas e saberes acerca do corpo, seus cuidados, seu bem-estar e sua centralidade na compreensão da pessoa humana.

Como desdobramento dessas perspectivas é comum encontrarmos nas comunidades assembleianas discursos do tipo: “o importante é alimentar o espírito, pois esse é o que volta para Deus”; “A carne (corpo) é má e não devemos permitir que suas vontades permaneçam em nós. Ela é como se fosse um cachorro violento que precisa ser acorrentado”; “O mais importante é cuidar da alma porque o corpo é barro que volta ao pó”. Essas e tantas outras falas evidenciam a prioridade do sujeito pentecostal: “cuidar do espírito e da alma”. Quanto ao corpo, faz-se o necessário para que ele, no máximo das hipóteses, não seja um “empecilho” para as atividades que fortalecem o espírito.

Essa leitura é fundamental para compreender as relações que se estabelecem entre a dimensão histórica da vida e a perspectiva escatológica, por exemplo. É pelo fato de que o corpo é de menor importância que as contingências históricas, os problemas de saúde e bem-estar social são relegados ao segundo plano na escala de relevâncias da vida eclesial assembleiana. Ao mesmo tempo, vive-se na expectativa da redenção completa desse corpo. O corpo é passageiro, assim como as questões que o afligem, entre elas as doenças.

¹² GUNLANDA; GANDRA, 2016.

Diante de uma crise sanitária como a proporcionada pela COVID-19 o imaginário assembleiano não se questiona primeiramente sobre as possibilidades do cuidado e prevenção desse corpo ao contágio e adoecimento, pelo contrário. A primeira indagação é: de que modo eu devo proceder para que essa crise sanitária não interfira na minha dinâmica espiritual, pois ela – a dinâmica espiritual - é que não deve ser “contaminada”. O padecimento do corpo é problema secundário. A questão primária é sobre o padecimento do espírito. A prioridade da prevenção é para o espírito e não para o corpo.

Os vestígios dessa percepção podem ser verificados, por exemplo, na rápida adesão dos/as assembleianos/as ao retorno das atividades congregacionais, especialmente no sul do país. É necessário voltar aos cultos, mesmo sob a hipótese da contaminação, pois na verdade o mais importante é que o espírito esteja salvo e prevenido do “vírus do pecado” que tenazmente invade o sujeito assembleiano, mesmo no seu espaço domiciliar e na sua dinâmica intrafamiliar. Nesse sentido, o cuidado com a saúde (física e mental) é objeto secundário da tradição assembleiana e da sua pastoral.

2. ADOECIMENTO E SAÚDE NO UNIVERSO ASSEMBLEIANO: DISCURSIVIDADE TEOLÓGICA

A teologia sistemática organizada por Stanley Horton¹³ reserva um capítulo para expor as noções de adoecimento na perspectiva pentecostal de modo geral. Essa é uma das principais obras de teologia sistemática utilizada pela tradição assembleiana brasileira para reflexões e elaborações

¹³ HORTON, Stanley M. (Ed). Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal. 11. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

doutrinárias. Nesse sentido, fazer um diálogo com essa obra é fundamental para compreender os modos como a tradição assembleiana compreende o adoecimento.

De modo geral, aparece nessa obra a ideia de que qualquer adoecimento estará vinculado pelo menos a três aspectos: o pecado, a influência demoníaca e a permissão divina como mecanismo de disciplina, castigo ou pedagogia. Nesse sentido, qualquer experiência de adoecimento deve ser compreendida como parte do plano de Deus ou como resultado da ação pecaminosa dos seres humanos que, via de regra, afronta a soberania divina.

Elienai Cabral entende que “o pecado acarretou punições naturais e físicas na vida do ser humano”.¹⁴ Ele afirma ainda que a maldição do pecado resultou em punições ao corpo humano, como o “desgaste físico, doenças, fraquezas que provocam mal-estar e desconforto”.¹⁵ Ainda segundo ele, a alma e o espírito ficaram expostos a angustias, tristezas, paixões sem domínio e desejos conflitantes. Assim, a doutrina da queda, sob a perspectiva pentecostal, implica numa compreensão trágica da vida humana e, ao mesmo tempo, produz uma espécie de antropologia pessimista.¹⁶ Dito de outro modo, o pensamento pentecostal compreende que o corpo humano ao se destituir de uma relação com Deus perdeu sua potência positiva e passou a ser “dominado”, essencialmente, pela potência negativa que tende a fragilizar o corpo, levando-o à morte.

¹⁴ CABRAL, 2013, p.324.

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ ALBANO, 2010.

Retomando o pensamento de Bergstén é possível constatar uma analogia fundamental para a compreensão da antropologia assembleiana: a relação entre natureza humana e o tabernáculo judaico, conforme perspectiva de uma leitura bíblica alegórica, muito praticada entre os(as) assembleianos(as). Assim, tal como o tabernáculo no deserto era dividido em três partes, também o homem está constituído por três dimensões. O pátio do tabernáculo representa a parte externa e visível do homem, que é seu corpo; o lugar santo, que não se podia ver de fora, representa a alma. Por sua vez, o lugar santíssimo representa o espírito do homem. A dimensão sacra do ser humano.

Portanto, a parte exterior do homem é visível e mortal, enquanto a parte interior é imaterial, invisível e imortal. Com isso, ao corpo se atribuem os sentidos de exterioridade, transitoriedade, fragilidade e vulnerabilidade. O corpo é o lugar onde se manifesta um dos traços característicos dessa vulnerabilidade: o adoecimento. Ao ser vulnerável, o corpo está sujeito às contingências da natureza e aos processos de adoecimento. Nesse sentido, a doença é um dos atestados mais expressivos da condição pecaminosa e, portanto, frágil do corpo.

Numa experiência como a que estamos vivenciando – a Pandemia provocada pelo COVID-19 – o corpo está constantemente exposto ao adoecimento e, como consequência, à morte. A teologia assembleiana compreende esse adoecimento mundial como um sinal histórico do pecado humano; como uma espécie de mensagem divina acerca do final dos tempos. Desse modo, o COVID-19 é entendido como um dispositivo corretivo para que a humanidade perceba sua extrema vulnerabilidade e se volte para Deus como a única e verdadeira segurança, mesmo que o corpo pereça com o vírus.

Diretamente proporcional à perspectiva de adoecimento, a racionalidade assembleiana compreende que qualquer prática médica efetiva para o cuidado do corpo adoecido é resultante da manifestação da vontade de Deus. A sabedoria médica é resultante da inspiração divina. Qualquer experiência de cura ou criação de vacina dependerá exclusivamente da vontade de Deus que impera sobre a história e não da engenharia médica.

Nessa perspectiva existe certa “desconfiança” tanto da ciência médica, quanto de qualquer racionalidade política que proponham terapêuticas para qualquer doença. Como se diz comumente: “O último diagnóstico é Deus quem dá. Portanto, a cura é Ele quem opera”. Essas ideias ao mesmo que promovem uma espécie de “coragem” para enfrentar a doença e uma crise sanitária como a provocada pelo COVID-19, também promovem uma postura negacionista e resistente às proposições feitas pelas instituições que estão na gestão sanitária.

Ao mesmo tempo em que o sujeito assembleiano acredita que o vírus jamais o destruirá, pois ele, possivelmente, não está em pecado e está no centro da vontade de Deus, também acredita que qualquer cura ou produção de saúde só será possível mediante a ação direta de Deus no plano histórico, ainda que seja pela medicina. Com isso, as ações de prevenção, educação comunitária em saúde, a aposta na criação de políticas públicas em saúde e tantas outras questões relacionadas ao plano histórico se tornam preocupações secundárias. Talvez nem sejam questões pertinentes para o imaginário assembleiano, embora reconheçamos sempre as exceções, as fissuras e resistências a esse pensamento majoritário no próprio seio assembleianos, e nós somos exemplos disso.

Por isso, é necessário reposicionar dois aspectos que, a nosso ver, determinam a relação negacionista que as igrejas assembleianas brasileiras

têm produzido com a pandemia: a noção de corpo e a noção de adoecimento. Enquanto o corpo for tido como inferior, desprezível e não-prioritário em relação às outras dimensões da pessoa humana será impossível produzir práticas de cuidado e promoção de saúde como pautas pastorais da igreja. Por outro lado, enquanto o adoecimento for compreendido apenas como fruto do pecado ou aplicação da disciplina divina será impossível empreender qualquer agenda engajada no cuidado do corpo, da igreja local, do bairro e da cidade.

Para que a igreja seja um ponto de articulação no território, em diálogo com a Unidade Básica de Saúde, os Centros de Referência de Assistência Social e outras entidades que compõem a rede protetiva é necessário que se assumam outra leitura de corpo, outra perspectiva sobre o adoecimento e produção de saúde. A promoção do bem-estar social de todos os moradores de um determinado território depende, significativamente, do tipo de discurso religioso que é produzido nele. Nesse sentido, a pandemia tem convocado a igreja e sua teologia a realizarem movimentos outros de leitura sobre sua presença no território e na cidade que seja promotora de práticas de prevenção em saúde e propositora de estratégias de cuidado.

3. PRODUÇÃO DE SAÚDE NO UNIVERSO ASSEMBLEIANO: PRÁTICAS DE CUIDADO

Existem relações próximas entre as instituições de cuidado em saúde e as instituições de cuidado espiritual. Nas instituições de cuidado em saúde a pessoa é envolvida pelas práticas terapêuticas por intermédio do aparato técnico-humano disponível: médicos, enfermeiros, medicamentos, aparelhos de saúde, entre outros elementos e sujeitos que envolvem o cuidado da pessoa. Do mesmo modo, nos espaços de cuidado espiritual, por exemplo, as pessoas são cuidadas por intermédio de todo o aparato religioso,

tais como: orações, visitas, palavras de ânimo, aconselhamento e orientação pastoral, além de outras práticas de atendimento espiritual.

Essa separação entre espaço de cuidado biomédico e espaço de cuidado espiritual é algo recente, tendo em vista que por muito tempo os espaços de religiosidade eram, ao mesmo tempo, promotores de cuidado aos enfermos. Os (as) clérigos (as) não somente se responsabilizavam pelos ofícios eclesiais, mas também pela diaconia, ou seja, pelo serviço de cuidado aos enfermos, pois havia uma compreensão de que o serviço ao próximo fazia parte do compromisso efetivo com Cristo.

Com o advento da modernidade, com sua ênfase otimista na capacidade humana e certa desconfiança para com os elementos da religião, o ambiente hospitalar se consolida como espaço da racionalidade técnico-científica, dificultando o fluxo das religiosidades, que são vistas como concepções mágicas do mundo, irracionais, infantis, enfim, “anticientíficas”. Essa visão se impôs até mesmo nos espaços de saúde vinculadas às instituições religiosas, já que, mesmo diante de tal situação, continuaram atuando na área de saúde mantendo hospitais e outros espaços de cuidado à saúde.

No entanto, pode-se dizer, que nas últimas décadas tem surgido uma abertura para que a religiosidade seja aliada no bem-estar e no restabelecimento da pessoa enferma. É muito comum, por exemplo, nos horários de visita hospitalar, um fluxo intenso de religiosidades e, diga-se de passagem, de espiritualidades, transitando por entre os quartos que acomodam os pacientes em tratamento. Desse modo, ainda que uma visão técnica se imponha na área de saúde, aos poucos as pesquisas vão mostrando a importância da espiritualidade nos processos terapêuticos de

restabelecimento do sujeito, principalmente em doenças de alta complexidade e sofrimento, como é o caso, por exemplo, do câncer.¹⁷

Entre as pesquisas realizadas, relacionando religião e saúde, destaca-se a de Coping (enfrentamento) religioso/espiritual, que tem a ver com a investigação dos modos pelas quais se percebe a relação entre experiência religiosa e saúde, bem como na qualidade de vida das pessoas “espiritualizadas”. Trata-se da constatação de que há por parte das pessoas que estão vivendo uma situação extrema de stress, como por exemplo, no enfrentamento de um quadro grave de adoecimento, uma capacidade de elaborar táticas e estratégias cognitivas e comportamentais, com o intuito de enfrentamento da situação. As pesquisas apontam para o fato de que isso ocorre com maior densidade e bom resultado em pessoas que possuem um amplo repertório religioso e/ou espiritual.

Desse modo, quando a religiosidade/espiritualidade se apresentam como aliadas no processo de reestabelecimento da saúde do indivíduo, tem-se aí um Coping positivo. Destacase também que o sentido religioso não ajuda somente o indivíduo adoecido, mas também é algo que afeta todos os envolvidos no processo, principalmente familiares e amigos próximos, já que encontram na religiosidade/espiritualidade recursos para suportar o processo, como por exemplo no acompanhamento de internações nas Unidades de Tratamento Intensivo (UTI's).¹⁸ Mas há também situações em

¹⁷ Cf. VEIT, Carina Maria; CASTRO, Elisa Kern. Coping religioso/espiritual em mulheres com câncer de mama. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v 65 (n 3): 421-435, 2013. Disponível em: . Acesso em: 10 de setembro de 2020.

¹⁸ Cf. ESPERANDIO, Mary Rute; MICHEL, Renate Brigitte; TREBIEN, Heitor Augusto Colli; Menegatti, Cláudia Lúcia. Coping religioso/espiritual na antessala da UTI: reflexões sobre a integração da espiritualidade nos cuidados em Saúde. *Interações*, Belo Horizonte (MG), v 12, n 22, p. 303-322, ago. /dez, 2017. Disponível em: . Acesso em: 10 de setembro de 2020.

que a religiosidade tende a agravar o sofrimento, ampliando e aprofundando ainda mais o quadro de stress dos envolvidos, gerando com isso prejuízos para o enfrentamento da situação adversa que se coloca. Quando isso ocorre, trata-se de Coping negativo. O Coping religioso/espiritual, positivo e negativo, também se aplica em doenças graves, geradoras de situações de saúde irreversíveis que exigem cuidados paliativos.¹⁹

Assim, por conta de seu caráter quali-quantitativo, tais estudos podem iluminar a reflexão teológica pentecostal, particularmente na área de teologia pastoral, possibilitando identificar as boas práticas de cuidado integral e também na identificação de práticas que geram mal-estar para a pessoa adoecida, portanto em situação de stress.²⁰ O objetivo aqui não é abarcar a totalidade das práticas e das falas, mas citar alguns exemplos de como há elementos positivos e negativos nos discursos teológicos e nas intervenções assembleianas no campo da saúde.

3.1 Discursividade teológica e práticas de saúde: coping religioso/espiritual assembleiano positivo

Em relação aos aspectos positivos da religiosidade assembleiana frente a promoção de saúde e bem-estar, destacam-se alguns discursos e ações eficientes na produção de sentido e na promoção de hábitos e comportamentos saudáveis, como por exemplo, a condenação do uso de cigarros e do consumo de bebidas alcoólicas, apenas para ficar em dois exemplos. Sabe-se que muitos/as assembleianos/as são oriundos de

¹⁹ Cf. MATOS, Ticiane Dionizio de Souza; MENEGUIN, Silmara; FERREIRA, Maria de Lourdes da Silva; MIOT, Hélio Amante. Qualidade de vida e Coping religioso-espiritual em pacientes sob cuidados paliativos oncológicos. Revista Latino-Americana de Enfermagem, Ribeirão Preto (SP), v 25, p. 1-9, 2017. Disponível em: . Acesso em: 10 de setembro de 2020.

²⁰ Cf. ESPERANDIO, 2014.

situações agudas de alcoolismo e, por conta disso, de ambientes com forte tendência de desagregação e violência familiar. Além disso, percebe-se também por parte da religiosidade assembleiana, uma competência para influenciar positivamente estilos de vida, como por exemplo, a ética do trabalho, valorização da família (embora limitada a modelos específicos), a socialização em torno da religião e das religiosidades, ênfase no comportamento ético na sociedade, entre outras coisas positivas que contribuem para o arranjo social. Ainda se destaca, nessa linha, o trabalho histórico que os/as assembleianos/as realizam nos presídios em todo o Brasil, nos impressos institucionais das primeiras décadas da implantação das Assembleias de Deus consta inclusive serviços religiosos realizados por Frida Vingren, esposa de Gunnar Vingren, um dos fundadores da igreja, nos presídios do Rio de Janeiro.²¹ Muitos/as assembleianos/as são oriundos de cadeias e presídios em todo o país, inclusive há em uma das igrejas Assembleias de Deus da cidade de Joinville um importante congresso de ex-presidiários. São conhecidas, por intermédio de pesquisas nas áreas de humanas, a promoção de sentido e orientação ofertada pela espiritualidade assembleiana aos que estão à margem da sociedade, invisíveis para o alcance das políticas públicas, mas próximos de uma rede de solidariedade

²¹ Cf. ULRICH, Claudete Beise; VILHENA, Valéria Cristina; SILVA, Leicyelem von Rondow. Frida Maria Strandberg, uma missionária esquecida: movida pela Ruah e impedida pelos “homens de Deus”. Revista Pistis Prax Teologia Pastoral, Curitiba (PR), v. 10, n. 3, p. 625-656, set./dez. 2018. Disponível em: . Acesso em 20 de setembro de 2020. GANDRA, Valdinei Ramos. A 'instrumentalização' política de Frida Strandberg Vingren: de silenciada à mito assembleiano. In: V Congresso Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião - ANPTECRE, 2015, Joinville. Anais do V Congresso ANPTECRE (2015). Curitiba: PUC/PR, 2015. v. 5. p. GT0101-ST1908.

promovida por igrejas das Assembleias de Deus nas periferias das grandes cidades.²²

Outro aspecto importante em relação às práticas e discursos teológicos assembleianos, tem a ver com o surgimento de uma consciência mais positiva para com as dimensões da corporeidade, amenizando um pouco a desconfiança em torno da pecaminosidade que “habita a carne”²³, conforme descrito acima. Não é incomum encontrar, por exemplo, assembleianos/as que cultivam o cuidado com o corpo por intermédio da “cultura fitness”, frequentando espaços especializados (academias de exercícios físicos), se vestindo com roupas próprias desse estilo de vida e cuidando da alimentação para alcançar uma vida saudável. Há líderes religiosos famosos entre os/as assembleianos que se tornaram ícones desse modo de ser. Nessa mesma linha, percebe-se também a criação de eventos voltados para a saúde da mulher e do homem. É muito comum, por exemplo, em algumas igrejas, a inserção de eventos específicos para mulheres (outubro rosa) e para homens (novembro azul) na agenda anual de atividades. São eventos que tratam sobre saúde feminina e saúde masculina, bem como também questões de bem-estar com profissionais da área de saúde. Do mesmo modo, destaca-se também uma visão mais tranquila em relação à sexualidade, já que nesses cursos são discutidos aspectos da saúde sexual.

Enfim, está ocorrendo uma flexibilização da “espinha dorsal” das práticas e dos discursos teológicos assembleianos, relativizando assim um pouco as rigidezes e os tabus da corporeidade assembleiana, principalmente

²² Conferir, por exemplo: ALENCAR, Gedeon Freire de. *Assembleias de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)*. São Paulo: Arte Editorial, 2010.

²³ Para o assembleiano o termo bíblico carne geralmente está atrelada ao corpo, embora em muitas passagens bíblicas se refira a natureza humana decaída.

quando se analisa as duas últimas décadas do século XXI, algo que coopera para uma melhora no enfrentamento dos vários aspectos da vida.

Em termos de cuidado aos doentes, há uma promoção de integração e apoio mútuo, particularmente em relação ao enfrentamento de situações graves geradoras de stress. Destaca-se nesse sentido, por exemplo, a importância que os assembleianos dão à questão do sofrimento em seus ritos litúrgicos. É muito comum a oração pelos necessitados (enfermos, desempregados, etc.) logo após os cânticos e a leitura oficial do texto bíblico. Geralmente os nomes são lidos, as situações mais graves são explicitadas e abre-se a oportunidade para que o público presente na reunião também manifeste suas necessidades, podendo até mesmo ir diante do púlpito e solicitar a unção com óleo. Além disso, se alguma situação nova se apresentar, não há obstáculo algum para que o pastor faça mais uma oração especial para o enfermo. Também é parte importante do culto, atualmente com menor intensidade, o testemunho do fiel, onde se faz um breve relato da “antiga vida adoecida” e a “nova vida liberta e curada”, podendo ser a libertação de algum vício, de uma vida na criminalidade e/ou contravenção, a cura de alguma doença grave ou as duas coisas e outras mais. A cada ênfase discursiva de transformação por parte do/da que testemunha, reverbera um brado dos fiéis glorificando e exaltando a Deus pela transformação e/ou cura do/a irmão/ã. Trata-se de uma prática terapêutica para o sujeito que fala e o sujeito que ouve, pois se cria um ambiente de fortalecimento de convicções em torno da possibilidade de que uma pessoa em estado grave pode ser transformada e curada.

Também se verifica uma rede de apoio e proteção em relação aos fiéis que estão adoecidos e também aos que não são assembleianos, mas que solicitam orações e visitas, tendo em vista que há entre os líderes e os

componentes dos diversos departamentos da igreja (grupo de jovens, círculo de oração, grupos de música, grupos de casais, entre outros) uma intensa comunicação para tornar conhecida as pessoas necessitadas, entre elas as que estão enfermas. Além disso, há uma “mobilização de cuidado”, distribuindo responsabilidades de apoio aos enfermos. Pode-se dizer que faz parte da “cultura assembleiana” a prática do cuidado para com os enfermos, particularmente em duas ações contundentes, a oração e a visitação, criando assim, uma rede de solidariedade e cuidado.

Desse modo, conforme apontam as pesquisas sobre Coping religioso/espiritual, o sujeito adoecido sente-se mais seguro, mais confiante para enfrentar (coping) situações de altíssimo grau de stress, como são os casos que envolvem questões complexas de saúde e bem-estar. Segundo Gobatto e Araújo²⁴, discorrendo sobre a atuação dos/as psicólogo/as na área de oncologia, os benefícios práticos da estratégia de Coping religioso/espiritual são: “maior adesão ao tratamento, facilitação do acesso a redes de suporte e integração social, produção de sentido/propósito da vida, esperança e redução de sintomas depressivos”.

3.2 Discursividade teológica e práticas de saúde: coping religioso/espiritual assembleiano *negativo*

Discorreremos acima sobre a dimensão positiva dos discursos e das práticas assembleianas no manejo de sentido religioso às questões de adoecimento e de saúde, entretanto há também modos negativos de enfrentamento dessas questões. Mas quais seriam esses modos de

²⁴ GOBATTO, Caroline Amado; ARAUJO, Tereza Cristina Cavalcanti. Coping religioso-espiritual: reflexões e perspectivas para a atuação do psicólogo em oncologia. Revista Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar, Rio de Janeiro, v 13, n 1, jun., 2010, p. 59.

enfrentamento (coping) negativo no caso de situações estressante por conta do adoecimento, particularmente em situações de complexidade e gravidade? Em artigo de revisão sistemática de literatura a respeito de Coping religioso/espiritual entre 2003-2013, Foch, Silva e Enumo²⁵, apresentam as seguintes considerações sobre os aspectos negativos:

“[...] questionar a existência, bem como o amor e os atos de Deus; sentir insatisfação ou descontentamento em relação a Deus ou à instituição religiosa; presença de conflitos interpessoais com membros do grupo religioso; duvidar dos poderes de Deus para interferir na situação estressora; delegar a Deus a resolução dos problemas; a crença de um Deus punitivo.

As questões pontuadas pelas autoras evidenciam uma fratura teológica entre as pessoas que reverberaram tais enunciados, tendo em vista que se percebe o questionamento de valores fundamentais da vida espiritual-religiosa, como por exemplo, crer na existência de um criador e ser amado por ele, experimentando no cotidiano, independente das circunstâncias, uma vida de proximidade por intermédio de práticas de religiosidade e espiritualidade. Não é preciso muito esforço para compreender que se intensificam a dor e o sofrimento em circunstâncias de “crise de saúde” atreladas à “crise de fé”. Quando uma pessoa se sente punida por Deus por ocasião de uma doença grave, tem-se aí dor sobre dor.

²⁵ FOCH, Gisele Fernandes de Lima; SILVA, Andressa Melina Becker; ENUMO, Sônia Regina Fiorim. Coping religioso/espiritual: uma revisão sistemática de literatura (2003-2013). Arquivos brasileiros de psicologia, Rio de Janeiro, v. 69, n 2, p. 53-71, 2017.

Agora que temos pelo menos alguns sinalizadores a respeito do enfrentamento espiritual-religioso negativo, vamos percorrer o “território assembleiano” para tentar identificar vestígios do que poderia ser entendido como discursos e práticas negativas de Coping religioso/espiritual. Iniciamos com as concepções de fé, bem como com os discursos teológicos que a fundamentam ou que lhe são decorrentes.

Sabe-se que os/as assembleianos/as, assim como todo o campo religioso brasileiro de tradição cristã, foi muito impactado por aquilo que Magali Cunha²⁶ cunhou como “explosão gospel”. Também se sabe, embora seja algo amplo e complexo, que a “cultura gospel” tem por fundamento teológico o que se define como “teologia da prosperidade” que, além do discurso de empreendedorismo vinculado a fé, afirma que o cristão fiel possui uma “blindagem” divina em relação aos males que afligem a sociedade, particularmente as enfermidades, pois elas seriam provenientes de ações malignas que atingiriam somente as pessoas que estão em pecado, portanto que vivem segundo os valores do mundo. Tem-se aí um maniqueísmo religioso, ou seja, um dualismo entre o bem, representado por Deus, e o mau, representado pelo diabo. Do mesmo modo, a igreja, e as práticas relacionadas a ela, pertenceria a Deus e o mundo, com seus costumes culturais, pertenceria ao diabo. Por isso que também perpassa a “cultura gospel” uma teologia da “batalha espiritual”²⁷ que, segundo se pensa, ocorre o tempo todo nas “regiões invisíveis”, mas com desdobramentos em todas as áreas da sociedade. Para resumir, a teologia do

²⁶ CUNHA, Magali do Nascimento. A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

²⁷ GOMES, M. S. A “guerra espiritual” no Brasil: apropriações do imaginário religioso no pentecostalismo brasileiro. HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 15, n. 47, p. 1084-1085, 30 set. 2017.

gospel tupiniquim atribui a doença ao diabo e a saúde e o bem-estar a Deus. Daí a necessidade de se colocar a fé em ação, declarando e/ou profetizando a vitória e a benção de Deus, já que as palavras se materializam, pois, “há poder nas palavras”.

Essa teologia, apresentada de forma resumida, pois é mais ampla e complexa, gera um Coping religioso/espiritual negativo, particularmente em situações graves de adoecimento, pois o sujeito fica se questionando sobre o que teria feito para desagradar a vontade de Deus e, por conta disso, receber a punição divina. Mas a situação pode ser ainda mais grave, quando o doente percebe que a comunidade de fé o vê como alguém que está em falta diante de Deus, principalmente quando se sugere que ele confesse suas faltas para alcançar a cura da enfermidade. Não é de se estranhar que tal situação gera desconforto e aprofunda o sofrimento, podendo gerar dificuldades no tratamento ou até mesmo o desenvolvimento de quadros depressivos. A situação pode alcançar níveis altíssimos de stress quando se esgota as possibilidades de cura e o paciente entra em cuidados paliativos, situação que afeta também os familiares. Pode-se gerar com isso, como foi sinalizado acima, insatisfação ou descontentamento em relação à instituição religiosa, bem como conflitos interpessoais com membros do grupo religioso. Cria-se uma sensação de abandono por parte da comunidade, quando se necessitava o contrário disso, o acolhimento e o conforto espiritual.

Essa teologia também se apresentou como fundamento no enfrentamento da pandemia provocada pelo coronavírus (Covid-19), levando em conta que a situação foi “espiritualizada” nos moldes da teologia da “batalha espiritual”. Se há uma compreensão de que o vírus é uma trama do diabo, criado em um país comunista (China) dominado por ele, (por isso vírus do diabo e/ou vírus chinês), trata-se, portanto, de uma situação que se

enquadra em uma “guerra espiritual”, cuja vitória somente será possível em “território espiritual”. Por causa disso, somente os que são espirituais poderão entender as tramas diabólicas que estão por trás da pandemia. Desse modo, nega-se a realidade concreta do vírus, bem como também o combate científico-racional da pandemia, já que as políticas públicas de saúde seriam instrumentalizadas pelo diabo para trazer confusão e prejuízo para o país, particularmente para as igrejas que, por conta do isolamento social, foram fechadas e/ou tiveram o público reduzido no período de pico da contaminação.

Além disso, por conta de um alinhamento político-ideológico com o presidente Jair Messias Bolsonaro (eleito em 2018), tido como um baluarte na defesa da moral cristã²⁸, houve uma retroalimentação discursiva no sentido de minimizar o impacto do vírus, já que agora o país estava sob a liderança de um governo “terrivelmente” cristão e que, por conta disso, estava “blindado” pela proteção e pela benção de Deus. Em diferentes circunstâncias o presidente se referiu ao vírus como uma “gripezinha”, um “resfriadinho”, uma “histeria” e que só atingiria “os fracos”, para ficar apenas em algumas falas. Além disso, em vários momentos promoveu ajuntamentos de pessoas, desobedecendo as orientações do Ministério da Saúde do seu próprio governo. Em plena pandemia houve troca de dois ministros da saúde, permanecendo por um bom tempo um interino que depois foi efetivado na pasta. Segundo dados do Jornal Folha de São Paulo, até o dia 22 de setembro o país contabilizava 138,2 mil mortes por causa da

²⁸ Embora algumas posturas do atual mandatário se distanciem da moral assembleiana, como o uso frequente de palavras e em relação à família, já que ele está no terceiro casamento, apenas para ficar em dois exemplos.

pandemia e 4,5 milhões de infecções pela doença desde o começo da pandemia.²⁹

Diante dessa teologia maniqueísta, fortemente ufanista, não seria uma análise desconexa da realidade conjecturar o sofrimento de muitos/as assembleianos (e de muitos/as outros/as evangélicos/as) infectados pelo vírus, em particular pela impossibilidade de suporte pastoral diante do quadro de isolamento. Além do sofrimento provocado pela doença, o sentimento de angústia pelo abandono por parte de Deus e por parte da comunidade de fé. Em muitos casos o sofrimento se apresentou mais agudo pelo agravamento do quadro e, não raro, o óbito em total isolamento e distanciamento familiar. Destaca-se nessa situação, os familiares e amigos que não puderam viver o luto, pois a situação impôs limites em relação a isso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (PROVISÓRIAS)

Diante do que fora apresentado, percebe-se uma ambiguidade nos discursos e nas práticas assembleianas, tendo em vista que, se de um lado, percebe-se um compromisso com a potência da vida, possibilitando uma rede de sentido e de enfrentamento (coping) do adoecimento, por outro lado, por conta de uma “teologia do poder”, alinhada, entre outras coisas, com estruturas políticas camaleônicas, se distancia de pautas do evangelho tão bem delineadas por Jesus, como mostra o Evangelho de Lucas: "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para pregar boas novas aos

²⁹ Embora algumas posturas do atual mandatário se distanciem da moral assembleiana, como o uso frequente de palavrões e em relação à família, já que ele está no terceiro casamento, apenas para ficar em dois exemplos.

pobres. Ele me enviou para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos e proclamar o ano da graça do Senhor" (Lc 4. 18-19).

Por conta disso, os (a)s assembleianos (as) precisam problematizar os dualismos e maniqueísmos próprios da tradição grega que bloqueiam o surgimento de novas potências para a vida, como diz o texto bíblico: “vinho novo em odres novos” (Mt 9. 16-17). Talvez fosse o caso de teólogos (as) assembleianos (as) revisitarem o conceito semítico de Nefesh³⁰ que sinaliza para a integralidade do ser humano no mundo, conectando a vida, a morte, o desejo, a vida social, enfim, a vida em sua completude.

A situação atual convoca a teologia pentecostal-assembleiana, em termos de reflexão pastoral, a fornecer respostas para a realidade concreta dos milhares de assembleianos (as) que experimentam o sofrimento por conta da pandemia de Covid-19. A resposta não deve ser da moral evangélica, embora não se a exclua, e também não deve ser da relação espúria com o estado, mas por intermédio das boas novas (evangelho). Além disso, se faz necessário entender as competências que se estabelecem no contrato social, já que há realidades que devem ser enfrentadas com a “razão”, que não é algo do diabo, mas dada por Deus segundo sua graça criadora, cabendo aos (às) assembleianos (as) a “razão” do evangelho que acolhe na dor e no sofrimento e cria uma rede de solidariedade e justiça, conceitos que não são ideológicos, mas neotestamentários.

³⁰ NETO, Willibaldo Ruppenthal. O conceito de Nefesh no Antigo Testamento. *Vox Scripturae* – Revista Teológica Internacional – São Bento do Sul/SC – vol. XXIV – n. 1 – jan-jun 2016 – p. 31-53.

REFERÊNCIAS

- ALBANO, Fernando. Dualismo corpo/alma na teologia pentecostal. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: EST/PPG, 2010.
- ALENCAR, Gedeon Freire de. Assembleias de Deus: origem, implantação e militância (1911- 1946). São Paulo: Arte Editorial, 2010.
- BERGSTÉN, Eurico. Teologia sistemática. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.
- CABRAL, Elienai. Mordomia cristã. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.
- CUNHA, Magali do Nascimento. A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- ESPERANDIO, Mary Rute Gomes Esperandio. Teologia e a pesquisa sobre espiritualidade e saúde: um estudo piloto entre profissionais da saúde e pastoralistas. Horizonte, Belo Horizonte (MG), v. 12, n. 35, p. 805-832, jul./set, 2014.
- ESPERANDIO, Mary Rute; MICHEL, Renate Brigitte; TREBIEN, Heitor Augusto Colli; Menegatti, Cláudia Lúcia. Coping religioso/espiritual na antessala da UTI: reflexões sobre a integração da espiritualidade nos cuidados em Saúde. Interações, Belo Horizonte (MG), v 12, n 22, p. 303-322, ago./dez, 2017.
- FOCH, Gisele Fernandes de Lima; SILVA, Andressa Melina Becker; ENUMO, Sônia Regina Fiorim. Coping religioso/espiritual: uma revisão sistemática de literatura (2003-2013). Arquivos brasileiros de psicologia, Rio de Janeiro, v. 69, n. 2, p. 53-71, 2017.
- GANDRA, Valdinei Ramos; GUNLANDA, Orlando Afonso Camutue. Linguagens Teológicas e Antropológicas: Implicações na Conceituação da Arte na Assembleia de Deus. Azusa: Revista de Estudos Pentecostais, Joinville, v. 7, n.2, p. 53-70, jul./dez. 2016.
- GANDRA, Valdinei Ramos. A 'instrumentalização' política de Frida Strandberg Vingren: de silenciada à mito assembleiano. In: V Congresso Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião - ANPTECRE, 2015, Joinville. Anais do V Congresso ANPTECRE (2015). Curitiba: PUC/PR, 2015. v. 5. p. GT0101-ST1908.
- GOBATTO, Caroline Amado; ARAUJO, Tereza Cristina Cavalcanti. Coping religiosoespiritual: reflexões e perspectivas para a atuação do psicólogo em oncologia. Revista Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar, Rio de Janeiro, v 13, n 1, jun., 2010.
- GOMES, M. S. A “guerra espiritual” no Brasil: apropriações do imaginário religioso no pentecostalismo brasileiro. HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 15, n. 47, p. 1084-1085, 30 set. 2017.
- HORTON, Stanley M. (Ed). Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal. 11. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

MATOS, Ticiane Dionizio de Souza; MENEGUIN, Silmara; FERREIRA, Maria de Lourdes da Silva; MIOT, Hédio Amante. Qualidade de vida e Coping religioso-espiritual em pacientes sob cuidados paliativos oncológicos. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto (SP), v 25, p. 1-9, 2017.

NETO, Willibaldo Ruppenthal. O conceito de Nefesh no Antigo Testamento. *Vox Scripturae – Revista Teológica Internacional – São Bento do Sul/SC – vol. XXIV – n. 1 – jan-jun 2016 – p. 31-53.*

SILVA, Severino Pedro da. O homem: a natureza humana explicada pela Bíblia. Rio de Janeiro: CPAD, 1988.

ULRICH, Claudete Beise; VILHENA, Valéria Cristina; SILVA, Leicyelem von Rondow. Frida Maria Strandberg, uma missionária esquecida: movida pela Ruah e impedida pelos “homens de Deus”. *Revista Pistis Prax Teologia Pastoral, Curitiba (PR)*, v. 10, n. 3, p. 625- 656, set./dez. 2018.

VEIT, Carina Maria; CASTRO, Elisa Kern. Coping religioso/espiritual em mulheres com câncer de mama. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v 65 (n 3): 421-435, 2013.

ESCATOLOGIA PENTECOSTAL EM TEMPOS DE PANDEMIA

Aילו Martins³¹

Daiani Maria Oliveira³²

Elias Mande Laurindo André³³

Fernando Albano³⁴

Gilvan Nery de Souza³⁵

Heber Almeida do Nascimento³⁶

Joel Peres da Silva³⁷

³¹ Doutorando em Teologia (PUC-Paraná). Mestrado em Teologia (FABAPAR). Pós-graduado MBA em Gestão de Pessoas (UNINTER). Pós-graduado em Educação a Distância (Portal da Educação/Universidade Dom Bosco). Graduado em Administração de Empresas (UNIVILLE). Ciências Contábeis (UNIASELVI) e Teologia (FATE/Methodista). Avaliador do MEC/BASIS. Coordenador do grupo de estudos GEP (Grupo de Estudos do Pentecostalismo). Pesquisador do RELEP - Rede Latino-americana de Estudos Pentecostais Professor da Faculdade Refidim. E-mail: ailto@ceeduc.edu.br

³² Aluna graduanda (segundo período) do curso de Bacharel em Teologia EaD da Faculdade Refidim. E-mail: daiani.m.oliveira@gmail.com.br.

³³ Mestrando em Educação (IFSC). Pós Graduação especialização em Discipulado e Cuidado (Faculdade Refidim). Bacharel em Teologia (Faculdade Refidim). Tutor da Faculdade Refidim. E-mail: tutoria@ceeduc.edu.br.

³⁴ Doutor em Teologia pelo Instituto de Pós-Graduação das Faculdades EST, São Leopoldo, RS. Mestre em Teologia pelo Instituto de Pós-Graduação das Faculdades EST. Licenciado em Ensino Religioso (Ciência da Religião) pela Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE, Joinville, SC. Graduação em Curso Livre de Teologia pela Faculdade Refidim, Joinville, SC. Atualmente é docente e pesquisador da Faculdade Refidim. Coordenador de Pesquisa e da Pós-Graduação - Faculdade Refidim. Tem experiência na área de Teologia e Ensino Religioso, com ênfase em Teologia Sistemática, atuando principalmente nos seguintes temas: Teologia Pentecostal, Teologia Sistemática, Pneumatologia, Cristologia, Teologia e esfera pública. Professor da Faculdade Refidim. E-mail: fernando@ceeduc.edu.br.

³⁵ Aluno graduando (segundo período) do curso de Bacharel em Teologia EaD da Faculdade Refidim. E-mail: jariel.nery@hotmail.com.

³⁶ Aluno graduando (quarto período) do curso de Bacharel em Teologia EaD da Faculdade Refidim. E-mail: heber.sfs@hotmail.com.

³⁷ Aluno graduando (sétimo período) do curso de Bacharel em Teologia EaD da Faculdade Refidim. E-mail: joel.peres2@hotmail.com.

RESUMO

Este artigo quer compreender a relação entre escatologia pentecostal e pandemia. Ambas marcam o imaginário religioso pentecostal, ou seja, a perspectiva do fim de todas as coisas e o papel ocupado pelas pandemias no *eschaton* divino. Durante muito tempo, a escatologia inibiu as ações dos pentecostais neste mundo. Na atualidade, têm ocorrido mudanças no seio pentecostal, apesar de se perceber posturas conservadoras e dogmáticas em relação às últimas coisas. Para alguns pentecostais, a pandemia da Covid-19 é concebida como uma das pragas que inevitavelmente assolaria o mundo nos últimos dias, mas, ainda, não é a grande tribulação, portanto, o grande mal ainda está por vir. Diante disso, os pentecostais animados por sua escatologia associada a uma concepção de ser humano marcado pelo dualismo, são frequentemente inclinados a demonstrar certa indiferença em relação às tribulações do cotidiano. Assim, é necessário cultivar a ideia de que a escatologia não conduz necessariamente ao escapismo diante do mundo, mas, antes inspira a ação responsável e cuidadora em meio às tribulações do tempo presente.

PALAVRAS-CHAVE: Escatologia pentecostal; pandemia; tribulação; sociedade.

ABSTRACT

This article aims to understand the relationship between pentecostal eschatology and pandemic. Both mark the pentecostal religious imaginary,

³⁸ Aluno graduando (quarto período) do curso de Bacharel em Teologia EaD da Faculdade Refidim. E-mail: contatomisael@gmail.com.

that is, the perspective of the end of all things and the role played by pandemics in the divine eschaton. For a long time, eschatology inhibited the actions of pentecostals in this world. Nowadays, there have been changes in the pentecostal bosom, although conservative and dogmatic attitudes towards the last things are perceived. For some pentecostals, the Covid-19 pandemic is conceived as one of the plagues that would inevitably plague the world in recent days, but it is not yet the great tribulation, so the great evil is yet to come. In view of this, pentecostals motivated by their eschatology associated with a conception of human being marked by dualism, are often inclined to show a certain indifference in relation to the tribulations of everyday life. Thus, it is necessary to cultivate the idea that eschatology does not necessarily lead to escapism from the world, but rather inspires responsible and caring action amid the tribulations of the present time. Keywords: Pentecostal eschatology; pandemic; tribulation; society.

INTRODUÇÃO

A escatologia pentecostal ³⁹ em relação às diversas teorias escatológicas constitui-se oficialmente dispensacionalista, pré-

³⁹ Entre as várias classificações do pentecostalismo, a pesquisa se utiliza da classificação de sociólogo Paul Freston, a respeito das três ondas do movimento pentecostal: a primeira onda, o pentecostalismo clássico, com a chegada e fundação da Congregação Cristã em 1910 e da Assembleia de Deus em 1911. A segunda onda ocorre nos anos de 1950 e início de 1960. Com as igrejas pentecostais, Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962) são os destaques desse período. A terceira onda designada também de neopentecostal: a Igreja Universal do Reino de Deus e a Internacional da Graça de Deus. Seus precursores são o Bispo Edir Macedo e o Missionário R.R. Soares. Quanto à história do protestantismo David Martin (1978) divide a dissidência protestante em três ondas: a puritana ou calvinista, metodista e a pentecostal. FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. Nem anjos nem demônios. Interpretações sociológicas do Pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 70. A

tribulacionista e pré-milenarista. A igreja pentecostal que opera pela via da escatologia futura, constitui-se inoperante e omissa no presente em relação às demandas advindas da sociedade. Por isso, a perspectiva da escatologia presente, alicerçada na esperança é coerente com a vocação pentecostal de cuidar das pessoas. Contudo, na prática esta perspectiva escatológica pentecostal de caráter milenarista, não consegue ser relevante para a sociedade em geral em tempos de pandemia. Apenas influencia os pentecostais, oferecendo possibilidades subjetivas para suas crenças e espiritualidades. Neste sentido, dois aspectos fundamentais influenciam essa prática, o escapismo e a especulação.

O escapismo escatológico representa para a igreja pentecostal uma segurança em tempos de pandemia, visto que de forma arrebatadora os pentecostais serão salvos destas tribulações. Contudo, este estado de livramento exclui as responsabilidades dos pentecostais frente à sociedade em crise e desconfigura as responsabilidades frente aos princípios do evangelho de Cristo em sua essência, o qual chama a atenção para a justiça social. Já, a especulação escatológica alimenta-se de eventos que venham promover o caos. De acordo com esta visão, quanto maior as crises e os sofrimentos que atingem a humanidade solidificada por via da especulação, mais legitimidade esta teoria alcança. Diante disso, conforme o pensamento especulativo, a pandemia pode ser compreendida como uma praga vinda da parte de Deus ou do Diabo. Assim, os pentecostais tentam harmonizar e deslocar os efeitos da pandemia para suas convicções escatológicas especulativas.

“Vem o fim, o fim vem”, esta frase marca o imaginário pentecostal. Sim, a escatologia pentecostal é fundamental para se entender o modo como o pentecostal lê a realidade que o cerca. Todas as coisas são vistas a partir do futuro da vinda de Cristo e inauguração do reino de Deus. Inclusive as tragédias históricas, guerras, mortes e pandemias, entre estas também o Coronavírus é interpretado escatologicamente. Sendo assim, este artigo pretende refletir sobre essa relação: escatologia e pandemia em perspectiva pentecostal, assim como apontar alguns possíveis caminhos escatológicos, hoje.

1. APONTAMENTOS SOBRE A ESCATOLOGIA PENTECOSTAL

A escatologia de modo geral, constitui um desafio, dado ao fato que existem diferentes percepções doutrinárias a respeito da mesma. No entanto, a título de orientação, é fundamental destacar que, a abordagem será feita a partir da concepção pentecostal sobre a escatologia como o título deste tópico sugere.

Lançar-se ao desafio de tecer considerações em relação à escatologia é entregar-se à “tentação” de dizer algo sobre o futuro, sobre os momentos finais anteriores à segunda vinda de Cristo. Pode-se até ser mais audaciosos, e dizer que é a expressão do caráter humano – sempre disposto a prever o futuro. Uma tentativa de diminuir as angústias a respeito do que o futuro e a realidade do mundo reservam para a humanidade.

Em termos conceituais, Zibordi define a escatologia como oriunda da fusão de dois termos gregos: *eschatos* traduzido como último, derradeiro, final, extremo e *logia* entendido como coleta. “Estudo dos acontecimentos

que hão de ocorrer conforme a soberana vontade de Deus”⁴⁰. Portanto, a escatologia nos remete ao futuro da igreja de Cristo e do mundo como um todo.

De modo geral a escatologia pentecostal abrange as seguintes temáticas: arrebatamento da igreja, tribunal de Cristo, grande tribulação, vinda de Jesus a terra, fim do Império do Anticristo, julgamento das nações, milênio (após a prisão de Satanás), a revolta do Diabo e seu julgamento, juízo final, novos céus e nova terra. A compreensão acerca desses temas orienta/influencia diretamente o modo como os pentecostais lidam experiência humana, principalmente no que concerne à responsabilidade social e cidadania.

1.1 O ESCAPISMO NA ESCATOLOGIA PENTECOSTAL – RELAÇÕES E INFLUÊNCIAS

A escatologia pentecostal clássica é caracterizada pelo escapismo. Este é fruto de concepções antropológicas que orientam a vida de um grande número de cristãos pertencentes a este grupo. De forma conceitual, o escapismo revela uma atitude de isenção à participação nas questões de ordem sociais na esfera pública. Revela um isolamento individual ou comunitário que transcreve uma não responsabilização com a vida humana na esfera pública e com os agenciamentos da mesma nesse espaço. É importante mapear o substrato que sustenta e configura tal atitude de isenção. Ao tecer considerações sobre o olhar antropológico presente no ambiente pentecostal, Fernando Albano afirma o seguinte:

⁴⁰ ZIBORDI, Ciro Sanches. Escatologia: a doutrina das últimas coisas. In: GILBERTO, Antonio (Ed.) Teologia sistemática pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. p. 486.

*O dualismo antropológico, ainda que moderado, se constitui numa das características da teologia pentecostal brasileira. Isso explica a insuficiência em práticas que visam à transformação da realidade social e material, bem como o distanciamento dos pentecostais da vida social*⁴¹.

Compreende-se a partir deste olhar que a atitude de isenção acima mencionada é fundamentada numa compreensão antropológica dualista. A relação do pentecostal com o corpo e a alma, dentro da perspectiva dual, demarca a sua posição diante do mundo. Tal posição tem como premissa uma escala valorativa na qual as questões de ordem espiritual e uma forte ênfase na salvação da alma têm primazia em detrimento do aqui e agora. Essa perspectiva dualista da teologia pentecostal revela também a sua compreensão ética e sua cosmovisão. É a partir deste lugar que se encaminha para efetivamente focalizar na escatologia pentecostal. Segundo Albano:

*O modo como se olha para o futuro sempre influencia o presente. Neste sentido, certa compreensão de futuro pode servir para dar manutenção ao presente ou pode exigir sua transformação e, conseqüentemente, se amplia ou restringe a liberdade e dignidade humana*⁴².

Tomando como base este pronunciamento, é legítimo pensar que a concepção escatológica pentecostal ou a cosmovisão pentecostal sobre o futuro, influencia diretamente no engajamento social, ou, na pouca

⁴¹ ALBANO, Fernando. Dualismo corpo/alma na teologia pentecostal. Dissertação [Mestrado em Teologia], Escola Superior de Teologia, São Leopoldo. 2010. p. 21.

⁴² ALBANO, Fernando. Escatologia pentecostal: aspectos íntimos e implicações públicas. In: Caminhos, Goiânia, v. 12, n.2, p. 407-415, jul./dez. 2014. p. 407.

expressão da responsabilidade social dos pentecostais. No entanto, pode-se afirmar que o escapismo tem como base primeiramente a compreensão antropológica pentecostal, e em segundo lugar a relação deste olhar antropológico com a sua perspectiva escatológica. Essa ideia de uma influência direta da escatologia pentecostal na vivência cotidiana dos pentecostais também é corroborada por Albano, ao afirmar que a concepção de futuro pentecostal interfere diretamente na sua vivência presente, orienta o modo de atuação ou participação deste na vida social⁴³.

Essa compreensão antropológica e escatológica, também afeta diretamente o modo como se compreende a soteriologia pentecostal, principalmente, por conta da perspectiva dualista que perpassa a mesma. Para Fajardo a escatologia pentecostal em geral tende a reforçar o dualismo, em lugar de conduzir a uma superação do mesmo, não propõe caminhos de uma superação efetiva, ao contrário, alimenta-o cada vez mais⁴⁴. Para Albano esta ambiguidade presente no pentecostalismo contradiz a própria experiência religiosa deste segmento, por conduzir a uma negação da liberdade humana⁴⁵. A liberdade humana que a experiência religiosa pentecostal propõe deveria ser mobilizadora de uma participação efetiva na esfera pública, porém, por conta do dualismo que marca a concepção escatológica, antropológica e soteriológica tem-se uma isenção, um ausentar-se do espaço público e das responsabilidades sociais próprias deste espaço que é o que chamamos aqui de escapismo.

⁴³ ALBANO, 2014.

⁴⁴ FAJARDO, M. Pinheiro. Revista Paralellus, ano 2, n. 4, jul./dez, Recife, 2011.

⁴⁵ ALBANO, 2014.

A relação que se estabelece com a esfera pública é sempre numa perspectiva de resgate - “resgatar os perdidos das mãos do inimigo” – portanto é sempre uma relação de não vinculação, de transitoriedade, o mundo e conseqüentemente a esfera pública constitui-se num lugar de constante passagem unicamente, na qual o crente pentecostal tem a missão de pregar para salvação das “almas” perdidas. Isso envolve até o modo como as próprias comunidades de fé são configuradas. Elas são concebidas principalmente, com o objetivo de salvar os indivíduos, não como comunidade que antecipa o Reino de Deus. Essa constante fuga constante fuga da esfera pública contradiz a ação ontológica do Espírito, enquanto potencializador e viabilizador da ação de Deus no mundo, ação de Deus feita através de homens guiados pelo seu Espírito no mundo, portanto, na esfera pública. “Espírito de Deus é contrário ao isolamento e escapismo do mundo, seja individual ou comunitário”⁴⁶. Portanto, é necessário repensar a identidade pentecostal, que para Fajardo essa identidade foi criada a partir de uma perspectiva de marginalização social, econômica e cultural, que conseqüentemente, resultou na implantação de um discurso de negação do mundo⁴⁷.

1.2 A especulação da escatologia pentecostal - impactos e percepções

No tópico anterior, se abordou de forma breve sobre como as concepções antropológicas, soteriológicas e escatológica pentecostal orienta, de forma direta, o modo como os crentes pentecostais se colocam na vida pública. Porém, não se apresentou aspectos que caracterizam esses

⁴⁶ ALBANO, 2014, p. 412

⁴⁷ FAJARDO, 2011.

conceitos, principalmente a escatologia que eixo norteador desse trabalho, então, se fará agora uma breve caracterização da escatologia pentecostal.

De forma resumida a principal ênfase da escatologia pentecostal é a concepção a pré-milenista, entendida como a crença de que o reino milenar de Jesus, o Messias não se daria na história, ao contrário, considerando o estado decadente progressivo da humanidade, Ele viria encerrar a história e reinar por mil anos⁴⁸. Esse olhar escatológico se desdobra numa forte ênfase no fim do mundo, algo muito frequente nas mensagens de pregadores pentecostais. Essa forte ênfase para Rocha, gera uma atitude de relativização no que tange aos bens terrenos e uma aparente apatia em termos de atuação na sociedade e na participação política⁴⁹.

A forte fixação no fim do mundo e na segunda vinda de Cristo, também denominada de parousia é pauta prioritária das comunidades cristãs desde as igrejas primitivas, porém, fazendo uma leitura rápida da história da igreja cristã, percebe-se que no pentecostalismo a parousia resgate o seu valor de centralidade e, conseqüentemente, reorienta o posicionamento dos fiéis. Para Fajardo:

Assim como na efervescente expectativa da parousia de Cristo em algumas comunidades cristãs primitivas (1Tes 4,13-18), o pentecostalismo antigo apareceu como um reavivar desses rumores escatológicos e apocalípticos, adotando um posicionamento ético que recaiu na

⁴⁸ ROCHA, Daniel. Concepções escatológicas e vida social no Pentecostalismo Brasileiro. Revista Protestantismos e Pentecostalismos, V. 6, n. 2, 2016.

⁴⁹ ROCHA, 2016.

*desconsideração e negação deste mundo, experimentando sempre de novo a marginalidade já estabelecida*⁵⁰.

Entende-se que ao mesmo que o pentecostalismo atualizou a crença na parousia, como algo iminente, também reforçou o escapismo. Nesse sentido Albano afirma que “a expectativa da repentina parousia praticamente impede a possibilidade de criar um modelo novo de sociedade”⁵¹. Ainda segundo Albano há um abandono do mundo, para uma nova sociedade, uma sociedade vindoura, cuja presença efetiva desta sociedade depende unicamente da graça de Deus sem a participação humana⁵².

Com o passar dos anos essa apatia em termos de participação política tem se esvaído, a participação ou a presença de pentecostais nos centros de decisões políticas tem crescido de forma significativa. Para Rocha a partir das eleições de 1986 houve uma alteração anteriormente adotada por algumas igrejas pentecostais no âmbito político, principalmente a Assembleia de Deus, passou-se a considerar a possibilidade de eleger parlamentares ligados a alguma comunidade assembleiana⁵³. Sobre esta alteração, Rocha nos convida a atentar para o seguinte aspecto:

Interessamo-nos em observar tal fenômeno não do ponto de vista meramente eleitoral ou do crescimento da participação de políticos evangélicos nas casas legislativas brasileiras, mas pelo viés do discurso teológico, mais precisamente escatológico, que busca

⁵⁰ FAJARDO, 2011, p. 85.

⁵¹ ALBANO, 2014, p. 412

⁵² ALBANO, 2014.

⁵³ ROCHA, 2016.

*legitimar essa mudança de postura dos pentecostais frente à política nacional*⁵⁴.

Ao debruçar-se sobre as razões desta presença pública dos pentecostais, principalmente na esfera política, Rocha, chama atenção para uma possível espiritualidade da política e da vida social⁵⁵. As lutas que outrora preenchia o imaginário pentecostal, entendidas como “batalha espiritual” agora passam a ser objetivadas, travadas na esfera pública, “os anjos e demônios passam a atuar nas estruturas profanas do governo e da sociedade civil”⁵⁶. A participação na esfera pública ganha novos contornos, os “homens de Deus” agora também transitam nessa esfera e passam a disputar lugares de poder nesses espaços. Houve uma inversão, no pré-milenismo clássico havia uma forte consciência da iniquidade do mundo, que conduziu os pentecostais ao isolacionismo, no entanto, agora na escatologia presente da batalha espiritual, a consciência do mal na sociedade e na política leva ao engajamento. Agora há a necessidade de “ganhar” os espaços públicos para Jesus. Tendo em vista que foi apresentado o contexto maior da escatologia pentecostal e sua relação com este mundo e sua vida social, agora se pode voltar mais precisamente à problemática da pandemia.

2. APONTAMENTOS SOBRE A PANDEMIA

2.1 Definição de Pandemia – conceitos

⁵⁴ ROCHA, 2016, p.70.

⁵⁵ ROCHA, 2016.

⁵⁶ ROCHA, 2016, p.73.

O conceito de pandemia se desenvolveu por via da evolução semântica e etimológica do termo, das idiossincrasias⁵⁷ dos povos antigos. Originalmente do grego, a palavra pandemia representa a junção dos prefixos “pan” (tudo, todo) e “demos” (povo) e também era empregada no sentido genérico, fazendo referência a qualquer evento que venha abranger toda população, Platão, fez uso da palavra, pela primeira vez, em seu livro “Das Leis”, seguido por Aristóteles, e Galeno, no qual se utilizou do termo pandêmico, referindo-se a doenças epidêmicas de grande alcance⁵⁸. Já, o conceito foi introduzido no vocábulo médico português, em 1873, por Domingos Vieira, ainda o conceito moderno de pandemia é o de uma epidemia de grandes proporções, que se espalha a vários países e a mais de um continente⁵⁹.

O conceito epidemiologia, etimologicamente, significa estudo das epidemias. Com o tempo, este termo adquiriu um segundo sentido, ampliando o seu campo semântico, o que constitui fenômeno comum a todas as línguas, neste sentido, a epidemiologia estuda tanto as epidemias como as doenças e condições morbígenas não epidêmicas⁶⁰. O estudo da epidemiologia constatou na história que as pandemias e as epidemias muitas coexistiram no tempo e no espaço e foram mais mortíferas que quaisquer armamentos bélicos em tempo de guerra⁶¹. Contudo, quando ocorrem

⁵⁷ Idiossincrasias - é uma característica de comportamento peculiar de um indivíduo ou de determinado grupo. O termo tem vários sentidos, variando de acordo com o contexto em que é empregado, sendo também possível ser aplicado para símbolos que significam algo para uma pessoa em particular.

⁵⁸ REZENDE, Joffre Marcondes de. Epidemia, endemia, pandemia. Epidemiologia. Revista UFG, Goiânia, v. 27, p. 153-155, 18 ago. 1998.

⁵⁹ REZENDE, 1998.

⁶⁰ REZENDE, 1998.

⁶¹ RICON, Ferraz, A. As grandes pandemias da história. Porto: Rev. Ciência Elem., v. 8 (2): 25. 2020.

atentados reais à vida, sempre fizeram despertar o melhor das potencialidades humanas, em busca de soluções e alternativas que venham contribuir para o cuidado e a proteção da vida humana.

Os conceitos epidemia e endemia são os mais antigos nos postulados científicos em medicina, a diferença entre os termos traz a ideia que o primeiro termo se caracteriza pela incidência, em curto período de tempo, de grande número de casos de uma doença, já, o segundo termo se traduz pelo aparecimento de menor número de casos ao longo do tempo⁶². Entretanto, a distinção entre epidemia e endemia não leva em conta somente o critério quantitativo, mas o que define o caráter endêmico de uma doença é o fato de ser a mesma peculiar a um povo, país ou região, ou seja, uma doença habitualmente comum entre pessoas de uma mesma região, cuja incidência se prende à ocorrência de determinados fatores locais⁶³.

2.2 A pandemia na história – historiografia

Ao longo da história da humanidade, podem-se observar vários casos de pandemias, nos quais dizimaram muitas vidas, sem regras e normas, por parte das autoridades, em defesa da população, muitas doenças acometiam pessoas de todas as idades, classes, e até mesmo animais. Acredita-se que condições sanitárias e o desconhecimento das causas dessas doenças, ocasionaram tão propagação, que devastou populações inteiras, chegando ao ponto de alterar o curso da própria história⁶⁴. Embora muitas dessas epidemias provavelmente tenham sido causadas por diferentes agentes,

⁶² REZENDE, 1998.

⁶³ REZENDE, 1998.

⁶⁴ REZENDE, Joffre Marcondes de. À sombra do plátano: crônicas de história da medicina. São Paulo: Editora Unifesp, 2009.

como: malária, cólera, varíola, febre tifóide e tifo exantemático, eram rotuladas de forma genérica como peste. Entre tais eventos pode-se citar: peste de Atenas 430 a.C, peste de Siracusa 396 a.C, peste Antonina séc.II d.C, peste Justiniana 542 d.C, e até então considerada a mais trágica Peste Negra do Século XIV, Gripe Espanhola do século XX⁶⁵.

As causas das pandemias ao longo da história perpassa os modos de vida e a organização político-econômico das distintas sociedades e o cruzamento destas diferentes culturas, repercutindo assim em trajetórias com formações históricas específicas, tensionadas por dinâmicas polarizadas no espaço e no tempo por tendências estruturais contrastantes, tanto, de evolução, quanto, de involução⁶⁶. Estes modos de vida são identificados pela expansão populacional da humanidade em três momentos: 1ª onda - caracterizados pelo surgimento da revolução agrícola; 2ª onda - permitindo ao homem deixar de ser nômade, pela revolução industrial e 3ª onda - a qual ampliou os sistemas de produção e consumo em massa, e, pela revolução informacional⁶⁷. Esse processo evolutivo é marcado por ondas de pragas e outras epidemias letais, com fortes consequências no colapso demográfico.

Como descrito acima, as grandes pandemias da história ocorreram nesse contexto do processo evolutivo. Uma das primeiras epidemias descritas num texto histórico foi a Peste de Atenas, de autoria de Tucídides, em 430 a.C, e de acordo com o historiador os moradores de Atenas atribuíam o mal ao envenenamento da água pelo inimigo, embora, que não havia

⁶⁵ REZENDE, 2009.

⁶⁶ SENHORAS, Elói Martins. Coronavírus e o papel das pandemias na história humana. Boletim de conjuntura. Revista UFRR. Ano II, vol. 1, n. 1, Boa Vista, 2020.

⁶⁷ TOFLER, A. Future Shock: The Third Wave. New York: Bantam Books, 1981.

provas do aparente delito⁶⁸. Já, a conhecida peste Antonina (165-180 d.C) no Império Romano, pode ter sido a primeira pandemia, cujo a peste se difundiu rapidamente, fruto das movimentadas rotas comerciais e militares existentes em Roma⁶⁹. Uma das pandemias mais trágicas foi a Peste Negra (1348-1351 d.C), responsável pela morte de cerca de um terço da população do Ocidente, com repercussões sérias na vida social dos tempos subsequentes⁷⁰.

A Gripe Espanhola foi a maior pandemia do século XX, A designação deve-se ao facto de ter sido noticiada pela imprensa espanhola, num tempo de neutralidade da Espanha, sem censura institucionalizada, a pandemia cursou em três vagas e evoluiu de forma letal para quadros de infecção respiratória que de forma insólita atingiu adultos saudáveis, dizimou várias dezenas de milhões de vidas humanas⁷¹. Já, no século XXI surgiram outras pandemias nos casos do Ebola (2018 e 2016), zika vírus (2016), poliomielite (2014), Coronavírus SARS (2012) e gripe suína, H1N1 (2009). No início do ano de 2020, a rápida difusão internacional do novo coronavírus (2019 n-CoV), tendo como epicentro de propulsão da pandemia, a cidade de Wuhan na China, e mais de 20 países afetados, em menos de um mês, fez com que a OMS (Organização Mundial de Saúde) declarasse situação de emergência de saúde internacional⁷². Assim, se faz necessário em um mundo cada vez mais globalizado gerando uma série de sensibilidades e vulnerabilidades biológicas aos países, a criação de agendas de cooperação internacional, transparência comunicacional e de respostas compartilhadas se tornam

⁶⁸ RICON, 2020.

⁶⁹ RICON, 2020.

⁷⁰ RICON, 2020.

⁷¹ RICON, 2020.

⁷² SENHORAS, 2020.

pilastras essenciais, para o sucesso do sistema de governança da saúde pública global, minimizando assim riscos epidemiológicos e consequências socioeconômicas⁷³.

3. A ESCATOLOGIA PENTECOSTAL EM TEMPOS DE PANDEMIA

Tendo apresentado, no tópico anterior, um breve perfil histórico das pandemias mais conhecidas e seus efeitos na vida humana, agora, a pesquisa vai considerar a relação entre a escatologia pentecostal e a questão epidêmica, assim como certa concepção escatológica pode resultar em transformação da realidade, ou espera passiva.

3.1 A teoria pré-tribulacionista e a pandemia (tribulação)

A doutrina pré-tribulacionista defendida pelo pentecostalismo clássico ensina que a Igreja será arrebatada da Terra antes que se inicie o período de Grande Tribulação. Defende uma hermenêutica das profecias bíblicas de forma literal e se fundamenta no dispensacionalismo. O objetivo da Grande Tribulação é lidar com o povo de Israel e não com a Igreja, que já teve o seu período de salvação na dispensação da graça⁷⁴. Portanto, os pentecostais acreditam que o arrebatamento ocorrerá antes do período de Grande tribulação. De acordo com a interpretação pentecostal, a grande tribulação diz respeito à última das setenta semanas de anos de Daniel 9.24-27, assim, sua duração será de sete anos. Este período é conhecido como o tempo da

⁷³ SENHORAS, 2020.

⁷⁴ PENTECOST, J. Dwight. Manual de escatologia. São Paulo: Vida, 1998. p. 217-240.

ira de Deus, ou seja, o período em que Deus irá derramar a sua ira sobre os gentios que não aceitaram o amor de Cristo (1 Ts 1.10; 5.9; Ap 6.16-17)⁷⁵.

Este terrível tempo, segundo a perspectiva pentecostal, ocorrerá após o Arrebatamento. Diz respeito ao tempo anunciado pelos profetas do Antigo Testamento e confirmado pelo restante das Escrituras (Dn 12.1; Is 61.2; 34.8.). O profeta Daniel, por exemplo, refere-se a uma tribulação jamais dantes experimentada (Dn 12.1). O evangelho de Mateus 24.21-29 descreve-a como a Grande Tribulação. Apocalipse 3.10 descreve como a hora da tentação que há de vir sobre todo o mundo, para tentar os que habitam na terra. A hermenêutica pentecostal nos assegura, porém, que os crentes fieis escaparão através do arrebatamento e conseqüentemente deveriam encarar essa vida como transitória⁷⁶. Diante deste quadro apocalíptico, deveríamos aceitar Jesus como Senhor e salvador. Ele trará novidade de vida, santificação do indivíduo, assim como a vida eterna no céu. Também, espera-se que os crentes compartilhem a mensagem de salvação com as pessoas do seu entorno.

Um ponto certamente admirável da escatologia pentecostal é sua seriedade em relação à palavra de Deus, acompanhada de seu desejo de resgatar a dimensão apocalíptica da Bíblia. Como alguns dos dias de Jesus, a perspectiva pentecostal destaca a iminência da vinda de Cristo⁷⁷. Contudo, a concepção pentecostal tradicional acerca do mundo em que vivemos é quase gnóstica, ou seja, o mundo é mal e não há nele bem algum. Assim, a dimensão do mundo, enquanto criação divina é esquecida. A implicação é

⁷⁵ SILVA, Esequias Soares da (Org.). Declaração de fé das Assembleias de Deus. Rio de Janeiro: CPAD, 2017. p. 187.

⁷⁶ SILVA, 2017, p. 185-186.

⁷⁷ SILVA, 2017

que parece faltar um adequado engajamento social além da dimensão privada da vida. Com isso, se tem uma retirada para uma espécie de espiritualidade intra-templo, ligada a uma escatologia supramundana que não se compromete com a transformação do nosso mundo⁷⁸.

Diante desse contexto de compreensão escatológica, a atual pandemia da Covid19 é apenas mais uma tribulação, mas, afinal de contas, não é a grande tribulação. Uma vez que esta ocorrerá só depois do arrebatamento da igreja, então, essa tribulação da pandemia e outras que virão de alguma forma são reduzidas em seu peso e importância. Mas, ocorre que o sofrimento das pessoas é real, mesmo que não seja a grande tribulação. Ainda, geralmente os pentecostais consideram as epidemias como açoite a esse mundo mal, portanto, um justo castigo divino. Porém, em relação ao juízo divino, deve-se tomar cuidado para não seguir o caminho dos amigos de Jó, para quem todo sofrimento é consequência de algum pecado. Na realidade, podem-se especular as razões teológicas da pandemia, mas deveria ter cuidado em ser dogmáticos nessa questão.

Em suma: as crenças escatológicas pentecostais podem contribuir, ainda que de forma inconsciente, para que não se leve tão a sério as tribulações do cotidiano, desse mundo mal, resultando numa certa resignação indevida e falta de engajamentos que lutam pela melhora do nosso mundo atual. Em termos positivos, a escatologia pentecostal, abre-se para a dimensão futura do reino de Deus, considerando seriamente os dados escatológicos, em sua dimensão futurista.

⁷⁸ ALBANO, 2014, p. 407-411.

3.2 Proposta para uma escatologia pentecostal renovada: cuidado e esperança

A humanidade viveu, nos últimos tempos, uma confiança em sua própria onipotência, celebrando os grandes feitos da ciência, acreditando ter chegado ao seu estágio de total maturidade, não necessitando mais de nada nem de ninguém. Nesse contexto parece faltar espaço para Deus. No entanto, o pavor das últimas duas Grandes Guerras; o massacre de inúmeros seres humanos, sejam-nos mais diversos conflitos armados, seja na violência cotidiana em nossas cidades; a fome; a miséria e, mais recentemente, a situação em que vivemos afligidos pela Covid-19, nos levam a pensar e criticar nossa pretensão de onipotência.

Bastou o menor e mais informe elemento da natureza, um vírus, para nos recordar que somos mortais, que o poderio militar e a tecnologia não bastam para nos salvar. A escatologia pentecostal, nessa situação, têm, pois, uma tarefa profética de denunciar tal pretensão humana de onipotência e o faz recordando que só Deus é absoluto e eterno. Outra tarefa fundamental de uma escatologia pentecostal atual é dar as razões da esperança (1Pedro 3.15). Se isso é sempre importante em qualquer tempo e lugar, nas atuais circunstâncias em que estamos, é urgente e necessário. Sim, a escatologia pentecostal pode contribuir como sinal de esperança, para a superação do que estamos vivendo, afligidos que somos pelo novo Coronavírus. E ela o faz anunciando e realizando a sempre antiga e tão nova virtude: esperança. Eis nossa tarefa: divulgar a esperança!⁷⁹

⁷⁹ WRIGHT, N.T. Deus e a pandemia: uma resposta cristã sobre o coronavírus e suas consequências. São Paulo: Thomas Nelson, 2020.

A esperança na Bíblia é algo muito exigente. Ela não é anunciada em tempos de prosperidade e tranquilidade. Pelo contrário: é em tempos sombrios, de destruição ou desolação, quando tudo parece perdido, que alguém tem a ousadia de anunciar a esperança que brota da promessa de Deus, a qual abre para um futuro insuperavelmente melhor que o presente de tristeza e morte em que o povo se encontra. A escatologia se desenvolve ante a ameaça da destruição de nosso mundo. Neste sentido, para Jürgen Moltmann, um dos mais destacados teólogos contemporâneos, a escatologia é idêntica à esperança cristã, que abrange tanto aquilo que se espera como o ato de esperar, suscitado por esse objeto. A fé cristã vive da ressurreição de Cristo e se estende em direção às promessas do retorno glorioso de Cristo, a resposta definitiva de Deus para os sofrimentos do mundo⁸⁰. Moltmann escreveu: “o que seria de nós se não nos apoiássemos na esperança, e se nossos sentidos não se dirigissem para fora deste mundo, no caminho iluminado pela palavra e pelo Espírito de Deus em meio a essas trevas”⁸¹.

Portanto, com Moltmann, a escatologia pentecostal pode aprender a desenvolver o cuidado e a esperança. A desenvolver uma espiritualidade apocalíptica, que não resulta numa existência caracterizada pela espera passiva, ou seja, uma espera que torna a igreja insensível ante o sofrimento do mundo. Antes, pelo contrário, uma esperança escatológica renovada que mobiliza os pentecostais para uma caminhada de transformação constante, pois a fé se apoia na esperança, que rejeita esse mundo, mas, não como fuga, mas como interesse pela sua transformação à luz do reino vindouro.

⁸⁰ MOLTSMANN, Jürgen. Teologia da esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. São Paulo: Loyola, 2005. p. 30.

⁸¹ MOLTSMANN, 2005, p. 33.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que para os pentecostais, as epidemias são sinais da irrupção da parousia de Jesus e início de um novo tempo. Essa crença contribui para que as igrejas pentecostais fiquem focadas principalmente na evangelização e pregação, mas sem apresentar a mesma força nas questões sociais ou de cuidado.

O *ethos* pentecostal é influenciado fortemente por sua escatologia. Sendo assim, se a Bíblia diz que haverá pragas, terremotos, epidemias, mortes, etc. e que nos últimos dias haverá uma grande tribulação, após a vinda de Jesus para arrebatá-la Igreja, por que se envolver seriamente na resolução das pequenas tribulações do cotidiano (sociais, políticas, etc)? Por que tentar combater os males presente do mundo mal e caído, destinado à condenação? Contudo, propomos que a escatologia pentecostal não deve ser entendida como determinação trágica da história, mas como esperança no futuro de Deus.

A escatologia pentecostal à luz da realidade pandêmica deve incentivar ações de cuidado, tanto de si quanto do outro. Isso pode inclusive significar concretamente, mãos que se juntam para a oração, assim como para a lavagem. É preciso higienizar alma/corpo, e, dessa forma se combate o mal presente, ainda que saibamos que a vitória final, somente terá lugar na história pela entrada desta na eternidade de Deus.

REFERÊNCIAS

ALBANO, Fernando. Dualismo corpo/alma na teologia pentecostal. Dissertação (Mestrado), São Leopoldo, Faculdades EST/PPG, 2010.

- _____. Escatologia pentecostal: aspectos íntimos e implicações públicas. In: CAMINHOS, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 407-415, jul./dez. 2014.
- FAJARDO, M. Pinheiro. Revista Paralellus, ano 2, n. 4, jul./dez, Recife, 2011, p. 181- 192.
- FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. Nem anjos nem demônios. Interpretações sociológicas do Pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MOLTMANN, Jürgen. Teologia da esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. São Paulo: Loyola, 2005.
- PENTECOST, J. Dwight. Manual de escatologia. São Paulo: Vida, 1998.
- REZENDE, Joffre Marcondes de. Epidemia, endemia, pandemia. Epidemiologia. Revista UFG, Goiânia, v. 27, p. 153-155, 18 ago. 1998.
- _____. À sombra do plátano: crônicas de história da medicina. São Paulo: Editora Unifesp, 2009.
- RICON, Ferraz, A. As grandes pandemias da história. Porto: Rev. Ciência Elem., v. 8 (2): 25. 2020.
- ROCHA, Daniel. Concepções escatológicas e vida social no Pentecostalismo Brasileiro. Revista Protestantismos e Pentecostalismos, v. 6, n. 2, 2016. p. 63-74.
- SENHORAS, Elói Martins. Coronavírus e o papel das pandemias na história humana. Boletim de conjuntura. Revista UFRR. Ano II, vol. 1, n. 1, Boa Vista, 2020.
- SILVA, Esequias Soares da (Org.). Declaração de fé das Assembleias de Deus. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.
- TOFLER, A. Future Shock: The Third Wave. New York: Bantam Books, 1981.
- WRIGHT, N.T. Deus e a pandemia: uma resposta cristã sobre o coronavírus e suas consequências. São Paulo: Thomas Nelson, 2020.
- ZIBORDI, Ciro Sanches. Escatologia: a doutrina das últimas coisas. In: GILBERTO, Antonio (Ed.) Teologia sistemática pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2008

OS DESAFIOS DA ECLESIOLOGIA PENTECOSTAL EM TEMPOS DE PANDEMIA

Andréa Nogueira dos Santos⁸²

Erick Silva⁸³

Mário Trindade⁸⁴

Paulo Roberto De Oliveira Pereira Junior⁸⁵

RESUMO

O presente artigo tem como proposta refletir sobre as ações e desafios da igreja em tempos de pandemia. A intenção é analisar a partir de várias ações tomadas pela igreja, qual o nível de comprometimento que a mesma tem com Cristo e seu evangelho quando o assunto são práticas cristãs. A artigo visa trazer um panorama sintetizado da situação pandêmica no Brasil e no mundo e faz também uma abordagem das implicações que a mesma trouxe para o contexto pentecostal enquanto igreja. Foi feito também um apanhado sobre as ações de várias denominações neste momento de crise desde as mais louváveis até as reprováveis de acordo com o evangelho. E por fim se propõe uma ressignificação das práticas pastorais, a fim de que as mesmas deem condições aos líderes religiosos de trazer respostas aos questionamentos do

⁸² Mestra em Teologia pela EST na linha de pesquisa "Estudo e ensino da Bíblia". Especialista em Aconselhamento Cristão e Cuidado. Graduada em Teologia e Secretariado Executivo. Professora na Faculdade Refidim no Bacharel em Teologia presencial e a distância. Coordenadora de Extensão e Marketing na Faculdade Refidim. Membro da igreja Assembleia de Deus em Joinville SC.

⁸³ Graduando em Teologia (Faculdade Refidim).

⁸⁴ Graduado em Teologia (Faculdade Refidim, 2019). Pós-graduando em Gestão de EAD (Uniasselvi).

⁸⁵ Graduando em Teologia (Faculdade Refidim).

ser humano, que teve sua vida completamente mudada como consequência da pandemia.

PALAVRAS-CHAVE: Pandemia; Novo normal; Ecclesiologia Pentecostal; Evangelho de Cristo

ABSTRACT This article proposes to reflect on the actions and challenges of the church in pandemic times. The intention is to analyze, from various actions taken, what level of commitment the church has with Christ and his gospel in relation to Christian practices. The article aims to provide a synthesized overview of the pandemic situation in Brazil as well in the world and also addresses the implications it brought to the pentecostal context as a church. There was also an overview of the actions of various denominations at this time of crisis, from the most praiseworthy to those that were reprehensible according to the gospel. Finally, it is proposed to give a new meaning to pastoral practices, so that they provide conditions for religious leaders to give answers to the human being questions, whose life has been completely changed as a result of the pandemic situation.

KEYWORDS: Pandemic; New Normal; Pentecostal Ecclesiology; Gospel of Christ.

INTRODUÇÃO

O Coronavírus vem causando um impacto global sem precedentes nos últimos cem anos, a pandemia em escala mundial provocou mudanças em todos os espaços e de todas as formas, desde os contextos micros até os contextos macros. De multinacionais a micro empresas, da criança ao idoso, tanto o pobre como o rico tiveram suas vidas, rotinas e hábitos abruptamente

transformadas de um momento para o outro. A pandemia aconteceu de forma tão surpreendente que foi capaz de delinear oficial e mundialmente o fim do século XX e o início do século XXI.

Entre tantos setores afetados, a religião foi uma das esferas que primeiro sofreu o choque deste novo mundo que, embora sem nenhuma apresentação ou aviso prévio, surgiu e trouxe consigo desafios nunca antes imaginados e apresentou, ou melhor, impôs a religião uma nova forma de ser religião, de ser igreja, um novo jeito de transmitir sua mensagem e novos caminhos para se manter presente na vida das pessoas. A partir de agora nada mais será como era e, querendo ou não o desafio de se reinventar é real não apenas para a igreja no Brasil, mas em todo o mundo.

A pandemia levou os governantes a decretar duras medidas com a intenção de combater o vírus e evitar uma contaminação em massa, entre as mesmas estava o fechamento de todos os templos religiosos, as igrejas foram impedidas de receber seus membros, de realizar cultos presenciais e de promover qualquer que seja o evento que culmine em aglomeração. A prudência é o veículo que neste momento norteou, ou precisaria nortear, as tomadas de decisões sobre os novos rumos da igreja.

Sobre Isso Oliveira reitera que:

Por isso, discernimento e prudência são virtudes requeridas por parte de igrejas e líderes pastorais nesse momento. A julgar pelo perigo de contágio, por parte de pastores/as e/ou leigos/as no cuidado às pessoas. Assim como o risco de cuidadores pastorais infectarem fiéis e/ou seus familiares em suas atividades ministeriais. A morte de mais de 60 Padres italianos no cuidado de enfermos e

*a notícias da morte de alguns pastores/as nesse período corrobora com essa preocupação.*⁸⁶

O momento pede novas e rápidas adaptações, cultos e celebrações a partir do decreto de fechamento, ganham com mais proeminência o espaço virtual, lugar onde muitas igrejas já se faziam presente, porém de forma secundária, os cultos presenciais sempre tiveram a prioridade. Mas agora o que era virtual e secundário se tornou o meio principal pelo qual a liderança encontra uma forma de não perder o elo com seus membros e ter a possibilidade de continuar transmitindo sua mensagem.

Todavia, apenas cultos não foram suficientes, o cenário mundial de crise exigiu que a igreja se preocupasse e desse amparo aos seus membros como um todo, e não apenas no âmbito espiritual. Devido a pandemia as pessoas vivem agora todos os tipos de problemas tais como: problemas financeiros com a perda de emprego, psicológicos devido a mudança radical na vida e na rotina, problemas familiares, etc. E agora as novas demandas humanas cobram (mesmo que subjetivamente) por respostas da parte da igreja e se tais respostas não forem convincentes as consequências podem ser muito sérias.

Neste novo cenário o significado de pastor precisa ser e ir além da definição cunhada no período pré pandemia. Sobre isto Santos pondera que:

Não podemos seguir alimentando ovelhas insaciáveis que querem ver seus líderes no trabalho, enquanto se tornam

⁸⁶ OLIVEIRA, Márcio Divino. Cuidado pastoral da igreja em Tempos de pandemia: Covid-19. Portal Metodista. São Paulo, v.25. n1, 2020.<
<https://www.metodista.br/revistas/revistasmetodista/index.php/Caminhando/article/view/10336/7240>>. Acesso em: 19 jul. 2020.

*obesas. Ainda que seus pastores trabalhem, o valor deles não está apenas naquilo que fazem, mas naquilo que representam.*⁸⁷

O presente artigo tem como objetivo analisar os impactos e implicações que a pandemia trouxe para a realidade da igreja e pretende também propor novos caminhos para uma ressignificação das práticas pastorais, a fim de que a igreja consiga atender tanto às novas demandas que a pandemia impôs, como também oferecer respostas a contento para uma membresia que inevitavelmente, sofreu mudanças em sua estrutura humana como um todo. O momento urge por um posicionamento evangelicamente legítimo da igreja pentecostal no Brasil para que sua identidade não seja comprometida.

Sobre isto o apóstolo Paulo reitera que:

*De sorte que somos embaixadores da parte de Cristo, como se Deus por nós rogasse. 2 Co 5.20.*⁸⁸

As perguntas estão formuladas e a resposta dada a estas perguntas feitas neste novo tempo, definirá o futuro da igreja e a credibilidade que a mesma terá (ou não) para se manter como representante de Cristo e do seu Reino na terra.

1. A PANDEMIA NO BRASIL E NO MUNDO

⁸⁷ SANTOS, Vacílius. Sete desafios para a igreja e os pastores na pandemia. Revista Ultimato. São Paulo, 05 jun ,2020.< https://www.ultimato.com.br/conteudo/7-desafios-para-a-igreja-e-os-pastores-napandemia?utm_source=akna&utm_medium=email&utm_campaign=Newsletter-ultimas-504-AB>. Acesso em: 19 jul. 2020.

⁸⁸ BÍBLIA, 2 Coríntios, 5, 20. Tradução de Almeida Corrigida e fiel. < <https://www.bibliaonline.com.br/acf/2co/5>>. Acesso em: 19 jul. 2020.

O tempo presente tem de fato, se tornado um desafio e no momento em que este artigo é escrito, o Brasil conta com mais de 84.000 mortes e mais de 2 milhões de casos⁸⁹ do novo corona vírus (Covid-19). De longe, esta é a maior crise sanitária que o país já viveu, e quanto ao mundo como um todo, certamente esta pandemia entrou para a história como uma das mais devastadoras.

Dentro do contexto global, soma-se quase 13 milhões de diagnósticos do Covid-19 destes, infelizmente, pouco mais de 571.000⁹⁰ vidas já cruzaram o estado material para o imaterial e deixaram famílias, amigos, trabalhos etc. Na mente daqueles que estão preocupados com o futuro, algumas perguntas surgem, como: Isto poderia ter sido evitado? Quando isto acabará? Como será daqui para frente? Infelizmente é necessário elucidar que as previsões daqui para frente não são boas, tanto no aspecto político quanto no econômico e alguns destes impactos já são sentidos no presente, como o aumento gradativo do desemprego.

Sobre a pandemia, tendo como prisma o aspecto espiritual, o que se sabe é que tudo isto tem uma raiz e um início, para a tradição cristã o mal que entrou no mundo tem origem no pecado:

Na versão original do mundo não existiam calamidades (Gênesis 1 e 2). Deus criou um mundo perfeito, no qual tudo era muito bom e funcionava perfeitamente. Com a entrada do pecado no mundo, entretanto, Deus amaldiçoou a terra e o resultado foi que a terra não seria

⁸⁹ GOOGLE. Coronavírus (COVID-19). São Paulo, 2019. Disponível em: Acesso em: 24 de jul. 2020.

⁹⁰ Idem.

mais um lugar totalmente aprazível para o ser humano (Gn 3.17-20). A morte entrou no mundo e será o último inimigo a ser derrotado por Deus (1 Coríntios 15.26; Apocalipse 20.14). A criação foi submetida à vaidade e corrupção (Rm 8.20-22). O resultado disso é que passaram a existir secas, fomes, terremotos (e outros desastres naturais), pestes (pragas, epidemias) e guerras. A esses e outros eventos semelhantes chamamos de calamidades.⁹¹

Sendo assim, no que se refere ao âmbito da fé cristã, sabe-se que esta pandemia tem por base e origem acontecimentos do início da criação do ser humano. Em uma análise geral e sintetizada da história, é possível constatar que este não foi o primeiro vírus e nem será o último que acometerá os seres vivos do planeta. Olhar para o corona vírus como uma pandemia proveniente de falhas morais e sobretudo éticas, acumuladas pelo ser humano ao longo do tempo, talvez seja uma alternativa para encarar o problema.

Doravante, a culpa não deve ser atribuída à Deus, pois Ele é essencialmente justo e permite que o homem faça suas escolhas, contudo também não intervém no momento da colheita de suas más escolhas. Ainda a partir deste viés, é preciso lembrar que “nenhuma calamidade passada, nem a atual crise da Covid-19, se comparam às terríveis calamidades em série que Deus anuncia para o final dos tempos.

⁹¹ DE AQUINO, J.P. Uma Brevíssima Teologia Bíblica das Calamidades. São Paulo: Instituto Presbiteriano Mackenzie, 2020. Disponível em: Acesso em: 13 de jul. 2020

Um tema que se repete na Bíblia toda é o dia do Senhor”⁹², contudo, se amparar numa pseudo esperança de que em um passe de mágica tudo se resolva é um caminho de alienação da realidade, é preciso se conscientizar sobre as escolhas presentes, para que a colheita futura não seja uma colheita de, e em dores.

Contudo, dentre todas essas coisas que aos olhos de muitos são negativas, existe uma esperança de que⁹³

viveremos em uma terra restaurada, unida com o céu. O templo será o próprio Deus e todos aqueles que amaram Jesus Cristo durante a sua vida habitarão na terra restaurada, terão comunhão plena com Deus e uns com os outros, conhecerão a Deus mais profundamente a cada dia e serão totalmente e para sempre libertos de todo tipo de calamidade.

Todavia é preciso definir com precisão o papel da igreja de Cristo em meio ao caos, e isto não se restringe apenas ao Brasil, mas a igreja de Cristo em um contexto universal.

Como disse Antônio Carlos Costa em seu livro *Convulsão Protestante*, “é impossível na fé cristã separar o pensamento da ação, a verdade da prática, o pressuposto intelectual da consciência ética”⁹⁴. Por fim, por mais que a pandemia agiu em lugares diversos ao redor do mundo, ela pode ser

⁹² DE AQUINO, J.P. *Uma Brevíssima Teologia Bíblica das Calamidades*. São Paulo: Instituto Presbiteriano Mackenzie, 2020. Disponível em: . Acesso em: 13 de jul. 2020.

⁹³ Idem.

⁹⁴ COSTA, Antônio Carlos. *Convulsão protestante: quando a teologia foge do templo e abraça a rua*. São Paulo: Mundo Cristão, 2015. p. 37.

vista como uma lacuna para unir, culturas, pessoas, objetivos e interesses, com o propósito do bem comum de forma global.

Trazendo luz ao texto de Tiago, onde ele pondera que a verdadeira religião é “cuidar de órfãos e viúvas”⁹⁵. Se na prática o órfão e a viúva, ou seja, os menos favorecidos, forem tratados como pessoas em estado de maior vulnerabilidade e os que mais sofrem por conta da pandemia, seja por falta de dinheiro, por não poder ir trabalhar ou pelo fato de ter perdido um ente querido, teremos então encontrado o caminho como igreja de Cristo e o caminho da verdadeira religião.

2. A PANDEMIA E SUAS IMPLICAÇÕES PARA AS IGREJAS PENTECOSTAIS

Devido a propagação da pandemia do coronavírus as autoridades e governos de todo o mundo tomaram medidas drásticas para conter o crescimento do vírus e minimizar as mortes por ele causadas, no Brasil não foi diferente, e tais medidas causaram impacto em todos os setores e as igrejas já no início sentiram seus efeitos.

Enquanto medidas sanitárias orientavam o isolamento social para preservação de vidas. Emergiu a questão: Igrejas devem continuar com suas atividades presenciais? [...]Vários estados e municípios formalizaram ações desde a restrição do número de participantes até o fechamento dos templos e espaços de reuniões religiosas. [...] A Frente Parlamentar Evangélica do Congresso

⁹⁵ BÍBLIA, N.T. Epístola de Tiago. In BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada. Tradução: João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013. p. 824.

Nacional divulgou nota, em 18 de março, defendendo a abertura de templos para os cultos.⁹⁶

Apesar da postura negacionista da frente parlamentar evangélica e até mesmo do presidente da república, governos estaduais decretaram o isolamento social, um período onde a população deveria ficar em sua casa em quarentena, os comércios tiveram que fechar suas portas, as indústrias tiveram que reduzir seu quadro de funcionários em 50%, o setor de serviços teve que parar, somente serviços essenciais como as farmácias e supermercados foram mantidos.

As igrejas por sua vez ficaram proibidas de realizar seus cultos, desta forma não pôde mais receber os fiéis para reuniões presenciais, com a finalidade de que o contágio da doença fosse parado. Desta forma a igreja teve que rever sua metodologia de trabalho, de imediato focou em seus trabalhos através da internet, para prestar seus serviços aos membros e a sociedade de forma geral, só que agora de forma virtual.

Mas como fica a nossa comunhão em tempos de quarentena, de isolamento social?[...] Não podemos dizer que os meios virtuais suprem totalmente essa falta. Por sermos seres físicos, há coisas que não podemos fazer à distância. [...] Portanto, é inegável que estamos experimentando uma privação na experiência dessa comunhão [...] estamos momentaneamente impedidos de experimentar todos os deleites dessa comunhão. Essa é a experiência do cristão, em maior ou menor medida,

⁹⁶ CUNHA, Magali. Diante da crise do coronavírus, o que as igrejas podem fazer? São Paulo: Carta capital, 2020

*durante toda a sua vida aquém da volta de Cristo. [...] Usemos todos os meios virtuais que nos são cabíveis agora para ensinar as Escrituras e encorajar uns aos outros à perseverança. Todavia, tais meios não devem servir como substituto do culto público, mas apenas para despertar a ardente expectativa de que em breve nós seremos reunidos novamente”.*⁹⁷

As reuniões e cultos fazem parte do cotidiano das igrejas pentecostais, que têm nos mesmos um espaço para expressão de comunhão, fé e adoração, contudo para enfrentar este momento os pentecostais tiveram que se adequar, dando ênfase na transmissão de cultos online em plataformas virtuais. A internet já era uma ferramenta utilizada para assessorar e transmitir o trabalho e serviço da igreja realizado nos templos, em especial nos cultos com o objetivo de alcançar os que se viam impossibilitados de chegar ao templo.

Todavia, o pentecostal tem um jeito peculiar de cultuar e congregar, o contato físico é algo muito importante, estar frente a frente, aquele olhar, olho no olho, são demonstrações de carinho e amor entre as pessoas, a “Koinonia” termo de origem grega que significa comunhão, tem muita identificação com o pentecostal que expressa em palavras e ações o amor de Jesus em unidade de espírito.

Por isso a liderança da igreja pentecostal na cidade de Joinville/SC, se empenhou para que o afastamento fosse somente físico, a Assembleia de Deus através de inúmeras programações na rádio 107,5 FM e em suas

⁹⁷ Júnior, Heber Carlos de Campos. Em tempos de pandemia, como fica a comunhão? São Paulo: Centro presbiteriano de pós-graduação Andrew Jumper, 2020.

plataformas digitais se mantiveram próximos aos membros através de lives no Youtube, Facebook, Instagram, nos grupos de WhatsApp e Telegram, e assim procurar suprir a ausência nos cultos presenciais.

De fato, o Coronavírus se mostrou mais forte do que todos esperavam, além de ser um vírus que afeta o corpo físico das pessoas podendo levar ao óbito, ele afetou também a vida de todos tirando a normalidade das coisas, privando as pessoas de realizarem suas vontades e escolhas diárias, ou seja, a Covid-19 não atinge apenas quem se contagiou com o vírus, ela afetou tanto os doentes como as pessoas sãs, que mesmo sem possuírem o vírus, foram vítimas de seus efeitos.

No que se refere a doenças, o pentecostal tem em sua fé uma âncora de esperança, contudo, sem a possibilidade dos cultos presenciais, o mesmo precisou rever seus conceitos de fé, a fim de manter a comunhão que outrora era feita em comunidade, mas que agora só poderia ser feita em sua casa, individualmente.

O coronavírus alterou o curso normal da vida em todas as esferas da sociedade, e mesmo em meio a todas as restrições, a igreja pentecostal tem prestado auxílio emocional, espiritual e social. Como bem orientou o reformador Martinho Lutero que vivenciou um momento parecido com o nosso, diante da epidemia da Peste Negra que afetou a Europa em meados do século XIV, matando milhões de pessoas.

Vários espaços religiosos na internet recuperaram uma carta que o mais destacado inspirador da Reforma Protestante, Martinho Lutero, escreveu, em 1527, durante a epidemia da chamada “Peste Negra” que pôs fim a milhões de vidas na Europa (do livro Luther’s Works,

*Vol.43, Fortree Press, 1968, p. 116).[...] com uma série de orientações para que os protestantes seguissem as medidas de prevenção e cuidassem dos sofredores”.*⁹⁸

A igreja pentecostal tem somado como parceira das autoridades neste momento pandêmico de muitas dificuldades, os pentecostais continuam a auxiliar com apoio físico e espiritual a fim de proporcionar algum conforto e dar esperança a pessoas que estão emocionalmente abaladas por vários motivos e principalmente às pessoas que perderam seus entes queridos.

3. AS AÇÕES DA IGREJA EM TEMPOS DE PANDEMIA

A crise causada pela Covid-19 além de provocar muitas transformações, revelou também muitos problemas em praticamente todas as estruturas sociais: na família, na política, na economia e também na religião. No tocante a religião, o atual momento se tornou um instrumento capaz de revelar a condição espiritual e teológica em que a igreja de Cristo se encontra seja esta condição positiva ou negativa. A igreja é uma das expressões do Seu reino na terra, todavia esta posição se evidencia de fato, nas ações tomadas pela mesma em diferentes circunstâncias.

A mobilização em meio à crise da Covid-19 tem surgido nas mais variadas esferas. Empresas, indústrias e instituições bancárias por todo o país estão fazendo doações às pessoas afetadas pelas terríveis consequências da pandemia, e quando a sociedade se mobiliza na direção do próximo, espera-se que a igreja, como representante de Cristo e do seu Reino, tenha

⁹⁸ CUNHA, Magali. Diante da crise do coronavírus, o que as igrejas podem fazer? São Paulo: Carta capital, 2020.

uma mobilização ainda maior, e isto em parte tem acontecido entre várias denominações não apenas no Brasil, mas também no mundo.

A igreja católica por exemplo se desponta quando o assunto é amparo e cuidado, de forma macro suas ações acontecem no Brasil⁹⁹ e em outros países e envolve desde cuidados e assistência a doentes, idosos, menos favorecidos e até cuidados com pessoas em situação prisional neste momento de pandemia.

Toda a Igreja, não apenas na Itália, compromete-se a dar sua contribuição material neste momento de grave emergência, além do acompanhamento espiritual que oferece a várias iniciativas criativas após a suspensão das missas com a participação dos fiéis. De norte a sul, as dioceses tomaram medidas para responder concretamente à pandemia: abriram suas estruturas para hospedar pessoas ou grupos familiares que não podem viver a quarentena em sua própria casa, pagando hotéis para os pacientes que recebem alta por serem menos graves a fim de liberar lugares. As congregações religiosas masculinas e femininas que administram hospitais e asilos responderam com igual generosidade diante da crise de saúde, aumentando o compromisso com os doentes de Covid-19. Há também religiosas que, depois da explosão da emergência, transformaram seus conventos em ateliês

⁹⁹ A TV Aparecida exibiu um programa onde mostra algumas das ações da igreja no Brasil que pode ser visto em: <https://www.cnbb.org.br/tv-aparecida-exibe-programa-especial-sobre-as-acoes-da-igreja-no-brasil-napandemia/>. Várias ações da igreja no Brasil e no mundo também podem ser conhecidas pelo site <https://noticias.cancaonova.com/>.

para a produção de máscaras, um bem raro e precioso. A crise afeta a todos, mas as camadas sociais vulneráveis estão pagando as consequências, como sempre. Por isso, a CEI doou 10 milhões de euros à 220 Caritas diocesanas, dinheiro destinado a ajudar famílias em situações difíceis que a emergência de saúde literalmente colocou de joelhos: compra de necessidades básicas, pagamento de contas, realização de atividades de escuta para idosos sozinhos e pessoas frágeis, como o “Pronto, estamos aqui” de Gaeta, e a manutenção de serviços mínimos para aqueles que se encontram em extrema pobreza. A CEI também contribuiu com 500 mil euros para a Fundação Banco Alimentar, em apoio às 7.500 estruturas credenciadas que atendem diariamente cerca de um milhão e quinhentas mil pessoas que não têm comida suficiente.¹⁰⁰

Existem também as ações micro que ocorrem em muitas igrejas e denominações pelo país, líderes de igrejas evangélicas, reformadas e muçulmanas se mantêm em atividade neste período de isolamento.¹⁰¹ A igreja Assembleia de Deus em Joinville se mobilizou entregando cestas básicas aos menos favorecidos, fazendo visitas nos portões das casas e também visitas virtuais e prestando atendimento aos idosos.

¹⁰⁰ O QUE A IGREJA FAZ EM TEMPOS DE PANDEMIA? Vatican News. Cidade do vaticano, 25 mar, 2020.< <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2020-03/acao-igreja-tempos-coronavirus.html>>. Acesso em: 14 jul, 2020.

¹⁰¹ COM MAIOR PROCURA, IGREJAS MANTÊM ATENDIMENTO VIRTUAL E AÇÕES SOCIAIS NA PANDEMIA. Brasil de Fato, São Paulo, 8 mai. 2020. . Acesso em: 15 jul. 2020

No período inicial do isolamento quando os templos estavam fechados a IEADJO¹⁰² fez transmissão de cultos através de lives quatro vezes ao dia. Antes da pandemia a igreja já tinha uma presença forte na internet com a transmissão dos seus cultos oficiais e após a abertura dos templos, os cultos online continuam acontecendo assim como era antes. A igreja Betesda¹⁰³ que tem uma forte presença no ambiente virtual, também transmitiu mensagens diárias pela internet.

Igrejas e entidades evangélicas têm se mobilizado na promoção de lives em canais tais como: Facebook, Instagram e Youtube este é o caso da Editora Ultimato¹⁰⁴ que promoveu lives que contribuíram de forma significativa com este momento de crise. Este é o caso também da Faculdade Refidim¹⁰⁵ que tem proposto ciclos de diálogos com pesquisadores e pastores pentecostais de todo o Brasil, com o objetivo de propor reflexões sobre a pandemia e a igreja pentecostal no Brasil.

Outra igreja que ganhou ainda mais notoriedade virtual na pandemia foi a IBAB¹⁰⁶ Igreja Batista de Água Branca liderada pelo Pr. Ed René Kivitz, a igreja transmite cultos dominicais desde antes do início da pandemia e mesmo com autorização para a abertura dos templos, seu líder optou por não realizar cultos presenciais na intenção de resguardar a saúde de sua membresia e mantém até o momento os cultos virtuais.

Contudo, por outro lado observa-se também uma postura negacionista (no que se refere a gravidade da pandemia) tanto de autoridades políticas

¹⁰² <https://www.youtube.com/user/adjoinville>

¹⁰³ <https://www.youtube.com/user/BetsdaSP>

¹⁰⁴ <https://www.youtube.com/user/EditoraUltimato/videos>

¹⁰⁵ <https://www.facebook.com/RefidimFaculdade>

¹⁰⁶ <https://www.youtube.com/user/oficialibab>

evangélicas no Brasil, como também de autoridades religiosas.¹⁰⁷ O ministério da saúde em março deste ano fez o alerta sobre os riscos de aglomeração e formalizou algumas restrições. Contudo, de acordo com Cunha.

Dois religiosos se destacaram na rejeição à suspensão das atividades: o bispo Edir Macedo, da Igreja Universal do Reino de Deus, e o pastor Silas Malafaia, da Assembleia de Deus Vitória em Cristo. Malafaia divulgou um vídeo nas mídias sociais, em 14 de março, afirmando que ninguém o impediria de manter os “seus cultos”. Em 15 de março, também por vídeo, Macedo afirmou que o Coronavírus é uma invenção de Satanás e da mídia para induzir pessoas ao pânico e utilizou o depoimento de um patologista da Unifesp que desacreditava os alertas sobre a gravidade da pandemia.¹⁰⁸

Uma postura de negação diante de uma crise mundial de saúde, não promove apenas tensões entre posicionamentos contrários mas, e sobretudo, provoca uma condição fatal no que se refere a vida, isso acontece em função da influência que líderes políticos e religiosos tem sobre muitas pessoas¹⁰⁹,

¹⁰⁷ Como o artigo se trata da eclesiologia pentecostal, não será analisada a postura do Pr. Edir Macedo que faz parte do movimento neopentecostal.

¹⁰⁸ CUNHA, Magali. Diante da crise do Coronavírus, o que as igrejas podem fazer? Carta Capital, São Paulo, 24 mar, 2020. Diálogos da fé. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/diante-dacrise-do-coronavirus-o-que-as-igrejas-podem-fazer/>>. Acesso em: 14 jul. 2020.

¹⁰⁹ NETO, Fábio Souza. Por uma crítica cristã do poder: os evangélicos, o estado e a pandemia. Voz Faifae: Revista de Teologia da Faculdade FASSEB. São Paulo, v. 10, n.2. 2020. <<http://www.faifa.edu.br/revista/index.php/voxfai/fae/article/view/150>>. Acesso em: 14 jul. 2020.

levando estes a desacreditarem da própria ciência e como consequência, suas vidas ficam expostas a riscos. Sobre isso Cunha pondera que:

A Frente Parlamentar Evangélica do Congresso Nacional divulgou nota, em 18 de março, defendendo a abertura de templos para os cultos. Os deputados argumentaram que precisam de orações para enfrentar a “pandemia maligna”. Estes grupos receberam o apoio do presidente da República, Jair Bolsonaro que, em de entretenimento no dia 19 de março, defendeu que as igrejas devessem funcionar, com pastores e padres decidindo o que fazer se os locais se tornassem muito cheios.¹¹⁰

Apesar do posicionamento da liderança evangélica no congresso e também do presidente da República (que se declara cristão), o governador do estado de Santa Catarina Carlos Moisés, determinou o fechamento das igrejas em meados do mês de março até o dia 20 de abril, data em que novas medidas restritivas foram anunciadas para a abertura.¹¹¹

Em uma breve análise e posterior relação, tanto das ações do pastor pentecostal Silas Malafaia (que é um forte representante do movimento evangélico pentecostal), como também de autoridades políticas religiosas do país, entende-se que a conduta anti vida adotada, tanto por este, como por representantes políticos evangélicos na pandemia, não é condenável apenas em um sentido ético social, mas também em um sentido ético cristão.

¹¹⁰ CUNHA, 2020.

¹¹¹ Governo de SC libera funcionamento de igrejas e estabelecimentos comerciais. Notícias UOL. São Paulo, 21 abr,2020.. Acesso em: 14 jul. 2020

Ao se declararem cristãos, espera-se que suas decisões levem em conta a ética do evangelho de Cristo. Contudo, as ações de alguns representantes evangélicos foram contrárias a esta ética, eles assumiram um comportamento ilegítimo e reprovável quando comparados aos valores do Evangelho e do Reino de Deus.¹¹²

A igreja de Cristo tem um mestre, um líder maior que a direciona, e faz-se necessário que as atitudes do cristão e da igreja de Cristo estejam em harmonia com os valores que Ele próprio apreendeu como legítimos. Logo, toda e qualquer postura e ação precisa ter amparo e legitimidade nos valores do Evangelho. Quando ações são tomadas tendo esta máxima como fundamento, a proteção à vida se torna o principal alvo, visto que o Evangelho trabalha sempre em favor da proteção e promoção da vida humana.

4. RESSIGNIFICANDO PRÁTICAS PASTORAIS EM TEMPOS DE CRISE

“Diante do exposto entende-se que o mundo mudou e não se trata apenas de uma mudança temporal, mas de mudanças permanentes que estão ocorrendo e ainda acontecerão em todas as esferas sociais e isto inclui a igreja, a partir de agora qualquer tipo de ação terá que se relacionar não só com a fé, mas com as demandas populares.”¹¹³

¹¹² Depois de muita pressão social o pastor Silas Malafaia suspendeu os cultos presenciais e os ofereceu virtualmente.

¹¹³ PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Coronavírus: como as igrejas evangélicas estão se aproveitando da crise para ocupar o vácuo do estado. The Intercept Brasil, 2020. Disponível em: . Acesso em: 17 jul. 2020.

O novo *coronavírus* já tirou a vida de milhares de pessoas em todo o mundo, embora não tenha matado mais que a peste bubônica¹¹⁴, esta pandemia impôs à humanidade novas reflexões sobre como serão as práticas e ações na nova realidade.

Sobre isso Oliveira pondera que:

*Em meio a pandemia Covid-19 observa-se profundas mudanças no comportamento social dos/as brasileiros/as, procedimentos institucionais e de empresas, assim como nas práxis pastorais das Igrejas nesse período crítico de saúde pública.*¹¹⁵

Na última década a igreja se voltou para as áreas de tecnologia e mídias sociais como nunca antes em sua história, em grande parte os responsáveis por estas mudanças são os líderes das novas gerações que implementaram ideias muito singulares à liturgia do culto e abriram um leque de opções no se refere a formas de adoração e ao contato com sua membresia.

E agora diante desta pandemia a tendência é que as novas práticas pastorais ou a ressignificação delas, seja uma realidade cada vez mais presente e permanente assim como é real e irreversível o trabalho em sistema home-office,¹¹⁶ A forma de ser igreja mudou porque as pessoas mudaram e tiveram que se readaptar, passando por muitas transformações,

¹¹⁴ MICROSOFT. Rastreador do COVID-19. Bing. Disponível em: . Acesso em: 15 jul. 2020.

¹¹⁵ DE OLIVEIRA, Márcio Divino. Cuidado Pastoral da Igreja em Tempos de Pandemia: Covid-19. Revista Caminhando - UMESP, [online], São Paulo: Editeo, 2020, v. 25, n. 1, p. 257-276, jan./abr. 2020, Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/Caminhando/article/view/10336/7240>> . Acesso em: 19 jul. 2020. ISSN 2176-3828, trimestral, 1982-. p. 258.

¹¹⁶ DE OLIVEIRA. Opus. cit., p. 260.

por isso ressignificar as práticas pastorais tem se tornado algo cada vez mais urgente, para que a igreja consiga responder às demandas desta nova forma de viver da humanidade.

Novas ferramentas de interação surgem a cada dia e outras já existiam e estão aos poucos sendo implementadas pelas igrejas para disseminar a sua mensagem. De acordo com Oliveira é preciso repensar a práxis pastoral para que as pessoas sejam alcançadas com ajuda real e proximidade em meio a este momento delicado, mesmo que virtualmente. É aí que entra a contribuição da igreja e sua postura junto ao governo e à sociedade, auxiliando com suas práxis pastorais.¹¹⁷

Além do papel cidadão, a igreja tem também a responsabilidade de ser voz profética diante do sistema governamental e pode exercer o “ser igreja,” primando por boas relações e contribuindo criativamente e criticamente para a edificação da sociedade mesmo em tempos de crise.

*No estado de Pernambuco, as medidas de lockdown levaram o pastor presbiteriano Augustus Nicodemus a divulgar um vídeo dirigindo-se ao governador do Estado. Nele, sugere uma cláusula de exceção no decreto em vigor, permitindo o deslocamento dos pastores até os locais de culto, uma vez que por lá, pelo menos, a transmissão on-line seria possível.*¹¹⁸

¹¹⁷ Ibid.

¹¹⁸ NETO, Fábio de Sousa. Por uma crítica cristã do poder: os evangélicos, o estado e a pandemia. Vox Faifae: Revista de Teologia da Faculdade FASSEB, Goiânia: Faifa, 2020, v. 10, n. 2, Disponível em: . Acesso em: 19 jul. 2020. ISSN 2176-8986. Semestral, 2012-. p. 13.

Atualmente, segundo Castro (2000, p. 105), “[...] a preocupação básica da pastoral é a eficácia e a relevância da fé cristã, ela também é responsável pela inserção do povo de Deus no espaço público [...],”¹¹⁹ o que é urgente com a insegurança do povo de Deus nesse momento.

Chama-se a atenção para o fato de que alguns setores das igrejas protestantes brasileira já estavam integrados a mídia e as ferramentas digitais. [...]. Todavia o fenômeno em curso apresenta características diferentes. Surge das demandas atuais, o desafio de produzir práxis pastorais [...] em tempos de pandemia e de política de isolamento social. [...].¹²⁰

O processo de ressignificação não será um caminho solitário as novas ferramentas digitais possibilitam uma infinidade de escolhas, as novas TICs (Tecnologias de comunicação e informação), colocam a disposição mídias como: vídeos postados, ao vivo ou não em plataformas como: Youtube, Instagram e Facebook, bem como, postagens de mensagens de texto, áudio e vídeo, para WhatsApp, frases virais de orientação e cuidado para Status de WhatsApp e para Stories do Instagram e Facebook, reuniões por teleconferência.

Existem também possibilidades virtuais para os cultos semanais, bem como; o encontro semanal da escola bíblica dominical, discipulado, grupos de estudo, cursos teológicos como os da EPOS (Escola preparatória de obreiros Siloé criado e distribuído pela Faculdade Refidim) que estão sendo transmitidos virtualmente no período de isolamento, palestras, oficinas e

¹¹⁹ Apud DE OLIVEIRA, ibidem.

¹²⁰ DE OLIVEIRA. Opus. cit., p. 264.

conferências regionais, estaduais, nacionais e internacionais, via lives, em todas as redes sociais e plataformas de vídeo possíveis e através de salas virtuais como Meet, Zoom e da nova sala de vídeo chamada do WhatsApp, vinculada ao Messenger, ligações por WhatsApp-vídeo e muito mais.

Daí a necessidade de conhecer bem cada plataforma ou ferramenta digital para o êxito da elaboração dos conteúdos digitais e sua veiculação, [...].¹²¹

Não se trata de um momento fácil, pelo contrário é um momento bastante delicado para o líder religioso, pois a necessidade de se afastar trouxe consigo a oportunidade da igreja inovar e melhorar a sua forma de ser igreja, contudo o desejo ainda é estar junto, olhar nos olhos, oferecer cura através de um abraço e tantos outros gestos dos quais a tecnologia por si só não dá conta e que são muito importantes quando o assunto é saúde espiritual da membresia.

É necessário que, de acordo com Campos Júnior,

[...] usemos todos os meios virtuais que nos são cabíveis agora para ensinar as Escrituras e encorajar uns aos outros à perseverança. Todavia, tais meios não devem servir como substitutos do culto público, mas apenas para despertar a ardente expectativa de que em breve nós seremos reunidos novamente.¹²²

Contudo no cenário atual e pensando em tudo o que está por vir,

¹²¹ DE OLIVEIRA. Opus. cit., p. 264.

¹²² CAMPOS JÚNIOR, Heber Carlos de. Em tempos de pandemia, como fica a comunhão? CPAJ Mackenzie, São Paulo, 2020. Disponível em: . Acesso em: 17 jul. 2020.

Urge pensar ações criativas nesse tempo para ajudar àqueles que sofrem. Nesse sentido, as igrejas podem criar ou apoiar redes solidárias; ajudar instituições humanitárias com experiências neste campo. Também mobilizar os membros da igreja para apoiar seus vizinhos idosos ou pessoas do grupo de risco que precisam de auxílios nesse momento, [...]. De igual modo, confeccionar máscaras de proteção para distribuir às pessoas de riscos ou profissionais dos serviços essenciais.¹²³

Talvez, o maior impacto pessoal para alguns ministros da Palavra, seja o de não mais poder ofertar o bom e caloroso abraço a uma alma que necessita de remédio contudo, levando-se em conta que o corpo não é composto apenas do espírito, mas também de alma e corpo

As igrejas podem disponibilizar suas instalações ao poder público para participar de ações diversas nesse momento. [...]. Deste modo, a igreja pode ser um posto de vacinação (gripe); local de cadastramento de famílias beneficiárias dos sistemas governamentais de auxílio social; ponto de distribuição de cestas (governo ou ONGs), entre outras possibilidades.¹²⁴

De acordo com De Oliveira, “[...] o cenário indica que a construção de uma pastoral familiar, nestes tempos de pandemia, ganha uma relevância

¹²³ Ibidem, p. 266.

¹²⁴ Ibid.

singular: ajudar as famílias nestes tempos de medo e confinamento.”¹²⁵ Portanto, é imprescindível que a liderança desenvolva formas de se manter presente e oferecer auxílio em todas as esferas.

Isto posto, podemos citar como exemplo algumas sugestões ressignificadas de práticas pastorais:

- Lives e/ou palestras virtuais para as famílias em dias de confinamentos;
- Aconselhamento Pastoral familiar virtual (individual e em grupo);
- Pregações e mensagens virtuais voltadas às famílias; 4. Palestras virtuais tais como: Confinamento e saúde psíquica; confinamento e dependência química [...]; lares sem violência: em tempos de confinamento;
- Espiritualidade em tempos de pandemia [...];
- Pastoral específica de suporte e apoio a mulheres que sofrem violência doméstica;
- Aconselhamento Pastoral Específico para Noivos: a crise de adiar sonhos – casamento;
- Departamentos pastorais voltados ao auxílio a pessoas que devido a pandemia perderam seus empregos e mais importante ainda, perderam seus entes queridos.

¹²⁵ *Ib.*, 267.

- Vídeos com orientações gerais sobre cuidados preventivos à Covid-19;
- Entre outras ações.

Em relação ao luto, “a realização de ofício fúnebre (virtual) nesse momento e/ou de culto In Memoriam presencial quando terminar o isolamento, pode oferecer valiosos confortos às famílias enlutadas.”¹²⁶

A igreja também pode atuar à serviço da sociedade, com musicoterapia,

[...] músicos e grupos de música/corais das igrejas, guiados por uma pastoral solidária, poderiam pensar caminhos para fomentar, nos espaços cotidianos, músicas e hinos cristãos clássicos, fortalecedores de fé e esperança. Sem criar [...] riscos às vidas – quanto à circulação do vírus.¹²⁷

E dar voz à sociedade através de fóruns e outros espaços participativos.

As igrejas podem ainda, a partir de esferas/ organismos coletivos de que participam, criar, nas cidades em que atuam, fóruns virtuais de debates sobre o papel pastoral da igreja em tempos de pandemia e pensar ações conjuntas – durante e pós Covid-19.¹²⁸

¹²⁶ Ib., 269.

¹²⁷ Ib., 270.

¹²⁸ Ib., 271.

As novas práxis pastorais precisam alcançar integralmente a membresia e da mesma forma faz-se necessário também a criação de espaços que se preocupem e ofereçam orientação e cuidados à saúde mental e espiritual do líder, pois este é um momento em que todos necessitam ser cuidados.

*Não é hora de batalhas pretensiosas, não é hora de lamentar ou gerar uma cultura de suspeita. Este é o momento da solidariedade autêntica, de dar uma mão, amar realmente o próximo e multiplicar o bem e não a crítica.*¹²⁹

Faz-se necessário um esforço para que todos sejam alcançados e assim o trabalho da igreja seja visto como um trabalho para além de motivações e intenções meramente humanas, mas que seja um trabalho visto e sentido como uma expressão do Reino de Deus na terra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, no presente artigo conclui-se que a Covid-19 surpreendeu a todos e em todas as partes do mundo, e até mesmo aqueles que desacreditaram que o vírus não se sustentaria por muito tempo, atualmente assumem que este acontecimento, entrou para a história como sendo uma dos mais arrasadores do último século, e quiçá da história como um todo.

¹²⁹ SEPPIA, Cecília; JAGURABA, Mariangela. O que a Igreja faz em tempos de coronavírus? Vatican News, [online], Cidade do Vaticano, 2020. Disponível em: . Acesso em: 18 jul. 2020.

Por um lado, não se deve ignorar os efeitos da pandemia em termos numéricos para ser compreendido como o vírus prejudicou a sociedade como um todo, por outro lado é preciso pontuar os meios através dos quais a igreja tem se utilizado para superar este momento e continuar atuando de forma eficaz na vida dos seus fiéis.

O chamado “novo normal” trouxe elementos relevantes para ser usado em um futuro não tão distante e até mais próximo do que se imagina. O fato de que embora as igrejas tenham agido de forma rápida para se adequar, fazendo lives de seus cultos, atendimentos pastorais de forma online e etc, não anula a realidade, a maioria não estava preparada para enfrentar esta crise, e isso deveria acender um alerta aos líderes religiosos do país.

Daqui pra frente o “novo normal” fará parte da rotina da humanidade e conseqüentemente fará parte da rotina das igrejas e não mais poderá ser tratado como algo secundário, é preciso aprender a lidar com esta nova forma de visão de mundo, pois as conseqüências e as marcas deste tempo ficarão para sempre, quer sejam marcas boas ou ruins.

É necessário reavaliar as estruturas eclesiais e também refletir sobre o nível existente de comprometimento com a mensagem do reino de Cristo, tudo isso deve servir de alerta e apontar caminhos de reflexões profundas e arrependimento quanto aquilo que se desvirtuou do evangelho em meio a caminhada.

A necessidade da ressignificação foi um assunto amplamente abordado no presente artigo e é vital que ela aconteça a partir de agora a fim de que novas pontes sejam construídas com o objetivo de levar mais pessoas ao conhecimento do evangelho de Cristo. Novos meios de propagação da mensagem precisam ser pensados e implementados no seio da comunidade,

lives, videoconferências, atendimentos pastorais online, conferências e congressos de maneira virtuais e etc.

Será necessário um investimento pesado tanto na aquisição e implantação desta nova forma de comunicar o evangelho, quanto no conhecimento teórico e prático destes novos aparelhos tecnológicos a fim de que as pessoas sejam alcançadas pela excelência na veiculação da mensagem do reino dos céus. Mas o principal investimento a ser feito é no espaço subjetivo, pensamentos devem ser revistos, ideias transformadas, costumes alterados, para que assim a pregação universal do evangelho não se torne obsoleto e se isole em guetos.

As atitudes sensatas tomadas pela igreja ficarão registradas para a posteridade, porém as negligências de líderes religiosos mencionadas neste artigo também ficarão gravadas nos anais da história e assim será a forma como as próximas gerações vão recordar, ler e contar a história que a humanidade viveu no início do século XXI.

Por isto as ações da igreja neste momento são como termômetro capaz de medir o nível de compromisso e entendimento que a mesma tem com e do evangelho de Cristo, suas ações revelam tanto as intenções como a motivação que os impulsionam a ser (ou não ser) igreja na prática.

É preciso avaliar o comportamento da igreja e, a partir dos acertos, traçar novas possibilidades que desaguem ainda mais em ações validadoras de sua identidade como representante de Cristo. Faz-se necessário também mensurar seus erros, para que seja possível propor reflexões honestas sobre algumas virtudes evangelicais das quais a mesma se tornou alheia (consciente ou inconscientemente), e com isso resgatar os valores que definem e que tornam a igreja uma expressão do Reino de Deus.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA, 2 Coríntios, 5, 20. Tradução de Almeida Corrigida e fiel. < <https://www.bibliaonline.com.br/acf/2co/5>>. Acesso em: 19 jul. 2020.
- BÍBLIA, N.T. Epístola de Tiago. In BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada. Tradução: João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013. p. 824.
- CAMPOS JÚNIOR, Heber Carlos de. Em tempos de pandemia, como fica a comunhão? CPAJ Mackenzie, São Paulo, 2020. Disponível em: . Acesso em: 17 jul. 2020.
- COSTA, Antônio Carlos. Convulsão protestante: quando a teologia foge do templo e abraça a rua. São Paulo: Mundo Cristão, 2015. p. 37.
- CUNHA, Magali. Diante da crise do coronavírus, o que as igrejas podem fazer? São Paulo: Carta capital, 2020.
- FANTÁSTICO. Gripe espanhola, a maior pandemia do século 20, matou 50 milhões de pessoas no mundo todo. G1, 2020. Disponível em: . Acesso em: 22 jul. 2020.
- GOOGLE. Coronavírus (COVID-19). São Paulo, 2019. Disponível em: Acesso em: 24 de jul. 2020.
- Governo de SC libera funcionamento de igrejas e estabelecimentos comerciais. Notícias UOL. São Paulo, 21 abr,2020.. Acesso em: 14 jul. 2020.
- Júnior, Heber Carlos de Campos. Em tempos de pandemia, como fica a comunhão? São Paulo: Centro presbiteriano de pós-graduação Andrew Jumper, 2020.
- MICROSOFT. Rastreador do COVID-19. Bing. Disponível em: . Acesso em: 15 jul. 2020.
- NETO, Fábio Souza. Por uma crítica cristã do poder: os evangélicos, o estado e a pandemia. Voz Faifae: Revista de Teologia da Faculdade FASSEB. São Paulo, v. 10, n.2. 2020. < <http://www.faifa.edu.br/revista/index.php/voxfai/fae/article/view/150>>. Acesso em: 14 jul. 2020.
- O QUE A IGREJA FAZ EM TEMPOS DE PANDEMIA? Vatican News. Cidade do vaticano, 25 mar, 2020.< <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2020-03/acao-igrejatempos-coronavirus.html>>. Acesso em: 14 jul, 2020.
- OLIVEIRA, Márcio Divino. Cuidado pastoral da igreja em Tempos de pandemia: Covid-19. Portal Metodista. São Paulo, v.25. n1, 2020.< <https://www.metodista.br/revistas/revistasmetodista/index.php/Caminhando/article/view/10336/7240>>. Acesso em: 19 jul. 2020.
- OM MAIOR PROCURA, IGREJAS MANTÊM ATENDIMENTO VIRTUAL E AÇÕES SOCIAIS NA PANDEMIA. Brasil de Fato, São Paulo, 8 mai. 2020. . Acesso em: 15 jul. 2020.
- PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Coronavírus: como as igrejas evangélicas estão se aproveitando da crise para ocupar o vácuo do estado. The Intercept Brasil, 2020. Disponível em: . Acesso em: 17 jul. 2020.

SANTOS, Vacilius. Sete desafios para a igreja e os pastores na pandemia. Revista Ultimato. São Paulo, 05 jun ,2020.< https://www.ultimato.com.br/conteudo/7-desafios-para-a-igreja-e-os-pastores-na-pandemia?utm_source=akna&utm_medium=email&utm_campaign=Newsletter-ultimas-504-AB> . Acesso em: 19 jul. 2020.

SEPPIA, Cecília; JAGURABA, Mariangela. O que a Igreja faz em tempos de coronavírus? Vatican News, [online], Cidade do Vaticano, 2020. Disponível em: . Acesso em: 18 jul. 2020

NEOLIBERALISMO E NECROPOLÍTICA EM TEMPOS DE COVID-19

Breno Burgueira¹³⁰

Claiton Ivan Pommerening¹³¹

Norival Rosa Netto¹³²

Rudinei Silva¹³³

RESUMO

A pandemia da Covid-19 expôs várias deficiências nas áreas da economia e da saúde no Brasil, as quais estavam presentes no subterrâneo político e social, mas que não eram objeto das políticas públicas neoliberais atualmente vigentes no país. Desta forma, o presente artigo discute a proximidade entre Neoliberalismo e Necropolítica e as várias consequências que esta associação acarretou ao Brasil durante a crise pandêmica, em relação ao salário, ao emprego, à renda e a escolha, ainda que velada, entre quem deveria viver e quem deveria morrer. Propomos como resposta o

¹³⁰ Graduando em Teologia na Faculdade Refidim/CEEDUC (Joinville - SC). Graduando em Engenharia Civil de Infraestrutura na Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC (Joinville - SC).

¹³¹ Doutor e mestre em Teologia pelas Faculdades EST. Graduado em Teologia e Ciências Contábeis. Membro do Conselho Geral da RAE - Rede Assembleiana de Ensino/CGADB. Diretor e professor de Teologia na Faculdade Refidim/CEEDUC (Joinville - SC); editor da Azusa Revista de Estudos Pentecostais; editor executivo da Revista REPAS/CPAD. Pastor auxiliar na Assembleia de Deus em Joinville (SC). E-mail: claiton@ceeduc.edu.br.

¹³² Graduando em Teologia na Faculdade Refidim/CEEDUC (Joinville - SC). Graduando em Engenharia Civil de Infraestrutura na Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC (Joinville - SC).

¹³³ Graduando em Teologia na Faculdade Refidim/CEEDUC (Joinville - SC).

Evangelho de Cristo, usando um símbolo do Reino de Deus, ainda que precário, que é a Economia Solidária.

PALAVRAS-CHAVE: Neoliberalismo, precarização do trabalho, Necropolítica, Economia Solidária, assistência emergencial.

ABSTRACT The Covid-19 pandemic exposed several economic and health deficiencies in Brazil, which were present in the political and social underground, but which were not the subject of neoliberal public policies currently in force in the country. In this way, this article discusses the proximity between Neoliberalism and Necropolitics and the various consequences that this association had on Brazil during the pandemic crisis, in relation to salary, employment, income and the choice, even if veiled, between those who should live and who should die. We propose, in response to the Gospel of Christ, a symbol of the Kingdom of God, albeit precarious, which is the Solidarity Economy.

KEYWORDS: Neoliberalism, work precariousness, Necropolitics, Solidarity Economy, emergency assistance.

INTRODUÇÃO

A pandemia causada pela Covid-19, teve o registro de seu primeiro contágio na China e rapidamente se disseminou globalmente, sendo que no Brasil o primeiro caso oficial registrado foi no dia 23 de fevereiro de 2020 quando um homem de 61 anos retornou de uma viagem para a Itália¹³⁴.

¹³⁴ PINHEIRO, Chloé; RUPRECHT, Theo. Coronavírus: primeiro caso é confirmado no Brasil. [S. l.]: Veja Saúde, 26 fev. 2020. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/medicina/coronavirus-primeiro-caso-brasil/>. Acesso em: 10 jul. 2020.

Pouco tempo depois foram identificadas transmissões locais, a taxa de contágio aumentou rapidamente e o vírus se disseminou por todo o país, tendo maior concentração de casos em locais com alta densidade populacional.

O Ministério da Saúde se posicionou ao adotar medidas de quarentena e distanciamento social, dando autonomia aos governadores de cada estado para intervir da maneira mais apropriada possível. Embora tenham sido traçadas estratégias para a contenção da pandemia, o Brasil já vinha apresentando sinais de complicação no sistema único de saúde (SUS) ao longo de anos, com cortes e congelamento de verba. A redução orçamentária, somente para o Ministério da Saúde, chegou em 4,3% no primeiro ano de governo do presidente Jair Bolsonaro¹³⁵. Tais sanções adotadas pelo governo serviram de agravamento para com o atendimento de pessoas que contraíram a Covid-19 e desenvolveram complicações respiratórias graves.

Outro fator de alto risco gerado foi o despreparo no rastreamento de pessoas infectadas. No dia 29 de abril o pesquisador Marcelo Gomes da Fiocruz relatou que a subnotificação era tamanha, que os casos registrados poderiam estar cerca de 10 vezes menor que o número real.¹³⁶ O resultado desta crise de saúde pública descontrolada pode ser notada nos meios de comunicação oficial do governo e por jornais de todo o país, já no dia 17 de maio o jornal

¹³⁵ FERNANDES, Adriana. Bolsonaro corta investimentos em Educação, Saúde e Segurança. [S. l.]: Terra, 31 jan. 2020. Disponível em: <https://www.terra.com.br/economia/bolsonaro-corta-investimentos-em-educacao-saude-eseguranca,a0c81ff72f5ab50614d67ac1bd1b057a392c245i.html>. Acesso em: 10 jul. 2020.

¹³⁶ CNN BRASIL (São Paulo). Estudo indica que Brasil tem 10 vezes mais casos do que os registrados. São Paulo: CNN Brasil, 29 abr. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2020/04/29/estudo-indica-quebrasil-tem-10-vezes-mais-casos-do-que-os-registrados>. Acesso em: 10 jul. 2020.

Folha de São Paulo mostrou que em 6 estados já ocorriam lockdown¹³⁷ e no dia 10 de julho o Ministério da Saúde contabilizou mais de 70.000 mortes desde o início da pandemia¹³⁸.

Neste cenário é notável a trilha de ações governamentais nas quais muitas vezes o capital e as políticas neoliberais prevaleceram, tanto nos discursos dos entes políticos envolvidos, quanto nas medidas práticas adotadas. Sempre que os recursos materiais são colocados acima das vidas e do cuidado integral do ser pratica-se a necropolítica, ainda que de forma subjetiva. Assim, vê-se que embora sejam tomadas ações para garantir a manutenção de necessidades básicas ao cidadão, este ainda sofre com a precarização da saúde e do trabalho, onde tais penalidades se potencializam com a manifestação da pandemia em meio a ações de necropolítica.

Adotaram-se medidas econômicas e trabalhistas que afetaram muitas pessoas, algumas medidas surtiram efeitos positivos na preservação e manutenção da vida, entretanto, nem sempre estas medidas foram tomadas levando-se em conta os trabalhadores, os vulneráveis e os marginalizados pela sociedade.

1. Neoliberalismo e necropolítica

A crise da Covid-19 expôs muitas precariedades em vários âmbitos da economia, da religião e principalmente nas políticas públicas praticadas no Brasil. Aquilo que antes era apenas exposto pela mídia ou salientado por

¹³⁷ FOLHA DE SÃO PAULO. Lockdown já ocorre em cidades do Rio de Janeiro, Pará, Tocantins, Amapá, Roraima e Paraná. [S. l.]: Folha de São Paulo, 17 maio 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/05/lockdown-ja-ocorre-em-cidades-do-rio-de-janeiro-paratocantins-amapa-roraima-e-parana.shtml>. Acesso em: 10 jul. 2020.

¹³⁸ MINISTÉRIO DA SAÚDE. Coronavírus Brasil. Painel Coronavírus. [S. l.], 10 jul. 2020. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br>. Acesso em: 10 jul. 2020.

pesquisadores, agora ficou escancarado para aquela parcela da sociedade elitista e burguesa que sempre se esforçou para negar as vicissitudes dos pobres e miseráveis do Brasil. Agora não há como esconder tanto assim, embora se continue tentando.

Michel Foucault já falava do biopoder como o controle do Estado sobre a vida dos cidadãos, muitas vezes alcançado pela manipulação, para impor a obediência servil e silenciosa dos indivíduos, especialmente daqueles econômica e politicamente desprovidos de expressão e proeminência. Assim, a elite dominante poderia continuar com suas práticas, manter o poder e, obviamente, acumular riquezas indefinidamente. Neste sentido foucaultiano, se contextualizado com o Evangelho de Cristo, seria Mamom dando as diretrizes e tomando as decisões finais, logicamente, em detrimento do Deus bíblico, manifestado em Cristo como aquele que deu espaço de expressão, cura e liberdade para marginalizados da sociedade.

Recentemente, ampliando os conceitos de Foucault, o filósofo e historiador camaronês Joseph-Achile Mbembe cunhou o termo “necropolítica” que seria a “destruição material dos corpos e populações de humanos julgados como descartáveis e supérfluos”¹³⁹, através de políticas de estado discriminatórias. “É a forma como o poder público se apropria da morte e seus desdobramentos para fazer a gestão pública.” Em suma, seria a decisão de quem deve morrer, quando e como deve acontecer esta morte,¹⁴⁰ mesmo que sejam em atitudes e gestos simples como comprar ou não um medicamento, desviar dinheiro público, fazer ou não o isolamento social,

¹³⁹ MBEMBE, Joseph-Achile. Necropolítica: biopoder soberania estado de exceção política da morte. Arte & ensaios, nº 32, 2016.

¹⁴⁰ SOUZA, Josué de. A morte como forma de fazer política. O município, Blumenau, 15 abr. 2020.

negar ou supervalorizar a crise. O próprio isolamento social é uma necropolítica que favorece a classe média e a classe alta, os pobres geralmente vivem confinados em pequenos espaços físicos e, portanto, são potenciais vítimas. O terror e a insegurança, como forma de tumultuar a política e os campos de poder também são formas de necropolítica, porque o povo é influenciado no sentido de tomar partido A ou B numa possível guerra contra o mal, no caso, este sempre o outro. O termo guerra ao vírus não traria embutida esta perspectiva?

Romero Maranhão descreve uma necropolítica ainda mais severa, quando afirma que “até a teoricamente trivial fórmula “água e sabão” salvas” pode ser uma forma de empurrar determinados segmentos para a marginalidade, quando “sabe-se que muitas comunidades economicamente vulneráveis e vítimas de um racismo ambiental estruturado não têm água encanada nas torneiras de forma regular e segura.”¹⁴¹

A discussão se saúde ou economia são prioridades é a forma mais aguda de praticar a necropolítica, porque dependendo do resultado dessa discussão, está-se decidindo quem vai viver e quem vai morrer, dependendo de que lado da equação se encontram os detentores do poder ou os subordinados. Por isso, a necropolítica para dar certo, precisa da conivência dos dominados, portanto, ela não é atitude isolada do governante, embora este seja o principal responsável por ela.

Carlos Silva, discorrendo sobre a necropolítica, escreveu que “o ato de matar nem sempre se apresenta de forma nítida, ele tem todo um conjunto

¹⁴¹ MARANHÃO, Romero de Albuquerque. Os cientistas sociais no combate ao coronavírus e contra a necropolítica: primeiras batalhas. Boletim de Conjuntura, Ano II, Vol. 2, nº 5, Boa Vista, 2020.

de técnicas que silencia sua atuação, sua configuração produzida pelo soberano pode surgir de forma disfarçada ou escancarada através do exercício do poder.”¹⁴² Por este motivo, a necropolítica inclui também a morte simbólica, no sentido de que, quando analisadas as declarações do presidente da República do Brasil,¹⁴³ percebe-se uma política de Estado que adota a possibilidade real da morte, através de declarações de omissão, deboche e negacionismo, outras raivosas e ameaçadoras, que podem levar ao uso ilegítimo da força, do extermínio e da inimizade.¹⁴⁴

Uma forma ainda mais direta de manifestar a necropolítica, foi quando o governo federal quis lançar a campanha publicitária “O Brasil não pode parar”,¹⁴⁵ onde se priorizava a economia e o trabalho produtivo em detrimento do isolamento social e da consequente diminuição das mortes por Covid-19. Embora foi proibida de ser veiculada, nas redes sociais a hashtag teve uma boa aceitação pelos defensores da política governista. O vídeo disseminava e reforçava mensagens que criticavam a paralisia da economia em nome do isolamento social, o baixo índice de fatalidade dos jovens infectados e incentivava os brasileiros a retornarem às suas rotinas.

A melhor solução governamental é definida na frase do ex ministro da economia Luiz Carlos Bresser-Pereira: "O que os governos de todos os países devem fazer é usar seu Estado para salvar as pessoas da morte, para

¹⁴² SILVA, Carlos Matheus Alves da. Covid-19 e necropolítica na conjuntura brasileira. Boletim de Conjuntura Boca/UFRR, ano II, vol. 2, n. 6, Boa Vista, 2020.

¹⁴³ BBC News Brasil. As declarações de Bolsonaro na crise do coronavírus. Disponível em: . Acesso em: 11 jun. 2020.

¹⁴⁴ Neste caso as ameaças aos demais poderes e aos adversários políticos materializados pelos atos simbólicos dos grupos de seguidores. GULLINO, Daniel. Manifestantes jogam fogos de artifício contra STF. Disponível em: . Acesso em: 11 jun. 2020.

¹⁴⁵ MAIA, Gustavo. Secom apaga postagens com slogan 'O Brasil não pode parar' e diz que campanha não existe. Disponível em: . Acesso em: 11 jun. 2020.

salvar as empresas da quebra, e para salvar os empregos."¹⁴⁶ A crise de mortalidade que a necropolítica expõe de forma escancarada, quanto à questão racial no Brasil, é o fato de que morrem quatro vezes mais pretos, pardos e analfabetos pelo corona vírus do que brancos com ensino superior (80,35% contra 19,65%).¹⁴⁷ Neste sentido, o racismo é evidenciado como o exercício do biopoder, “aquele velho direito soberano de morte”. Quando a necropolítica se alia ao liberalismo econômico, o racismo e a discriminação ficam ainda mais evidenciados. Contextualizando Foucault, essa é “a condição para a aceitabilidade do fazer morrer”.¹⁴⁸

2. Precarização do trabalho e da saúde do trabalhador na Covid-19

Devido à desvalorização dos serviços básicos de saúde, que garantem que os marginalizados, compostos geralmente pela classe trabalhadora, tenham o mínimo de condições para a devida proteção à pandemia, estes precisariam de serviços como: atendimento médico, hospitais para internação, medicamentos e equipamentos necessários para exames e ajuda para a recuperação da saúde. Há um número muito maior de pacientes do que leitos nos hospitais, bem como falta de material humano especializado para o devido atendimento necessário para os infectados.

O enfrentamento da COVID-19, dentro das instituições de saúde, requer uma diversidade profissional que inclui trabalhadores da saúde e serviços de apoio: serventes,

¹⁴⁶ MARASCIULO, Marília. Na pandemia de Covid-19, negros morrem mais do que brancos. Por quê? Disponível em: . Acesso em: 11 jun. 2020.

¹⁴⁷ MBEMBE, 2016.

¹⁴⁸ BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Salvar as pessoas, as empresas e o emprego. Disponível em: . Acesso em: 11 jun. 2020.

copeiras, seguranças, entre outros. São categorias profissionais com vínculos empregatícios, carga horária e jornadas de trabalho diferenciadas. Entre os profissionais de saúde, os Profissionais de Enfermagem (PE) [...] representam aproximadamente 2,2 milhões no Brasil, que atuam em diferentes regiões e em proporções não igualitárias. São profissionais que estão na linha de frente no cuidado prestado, independentemente do tipo de atendimento e da situação de saúde, pandêmica ou não.¹⁴⁹

A situação de pandemia em que o mundo está vivendo faz com que os profissionais da saúde fiquem sobrecarregados, principalmente os profissionais de enfermagem, cuja principal característica é o cuidado, então, devido a isso, tem-se um desgaste físico e mental, que se tornam uma situação comum nos casos de pandemia, provocando alguns conflitos gerando desconforto nas tomadas de decisões éticas e nas responsabilidades, quando é preciso optar pelo que é necessidade urgente, sem tomar os cuidados necessários para o procedimento que é preciso. Uma preocupação importante em casos de pandemia está na questão das informações relacionadas a própria Covid-19 e seu cuidado para que não haja contaminação. Verifica-se uma estrutura deficiente, certo descaso quando se trata da proteção de trabalhadores da área de saúde.

Nesse mesmo grupo de profissionais da saúde que estão no enfrentamento ao Covid-19 de maneira direta, não estão presentes apenas médicos e enfermeiros, mas todos aqueles que estão ligados ao atendimento

¹⁴⁹ MIRANDA, Fernanda Moura D.'Almeida et al. Condições de trabalho e o impacto na saúde dos profissionais de enfermagem frente a Covid-19. *Cogitare Enfermagem*, v. 25, 2020.

ao público como copeiros, seguranças, recepcionistas, bombeiros, entre outros, e que muitas vezes, por falta de equipamentos, não são devidamente protegidos. E uma falta que foi detectada na pesquisa, estão os testes necessários para verificação do Covid-19. Não há o suficiente nem para aqueles que estão diretamente ligados ao enfrentamento da pandemia. O desperdício de 6,8 milhões de testes de Covid-19 confirmam a dimensão necropolítica com a qual a doença é tratada.

O profissional de enfermagem segue uma rotina de extensas jornadas, desvalorização profissional, conflitos interpessoais, entre outros fatores desencadeantes de desgastes físicos e psíquicos, e que num momento de pandemia se intensificam, além da escassez de equipamentos de proteção individual, fazendo com que fiquem num lugar de vulnerabilidade, aumentando o desgaste físico e emocional, devido ao medo de contaminação.¹⁵⁰ Mas não é somente o profissional da saúde que teve seu trabalho precarizado, muitos outros trabalhadores, que não puderam trabalhar em home office, também correram riscos. Além disso, um enorme contingente de trabalhadores perdeu seus empregos, tiveram reduzidos seus salários e muitos tiveram que, para subsistir, recorrer ao trabalho informal.

De maneira geral numa situação de pandemia todos sofrem, pois as rotinas se modificam, é necessário adaptação, como por exemplo, trabalhar de maneira remota, as escolas e universidades se adaptando a essa nova situação, empresas reduzindo horário de trabalho ou procurando meios alternativos para que todos sejam beneficiados, e não haja desemprego. O trabalho de maneira geral faz parte da construção social do ser humano, faz

¹⁵⁰ MIRANDA, Fernanda Moura D.'Almeida et al. Condições de trabalho e o impacto na saúde dos profissionais de enfermagem frente a Covid-19. *Cogitare Enfermagem*, v. 25, 2020.

parte de sua identidade, de sua sobrevivência. O conceito de trabalho já se modificou muitas vezes na história, em momentos foi visto como castigo, outros momentos como parte da existência humana, e hoje vemos outra ressignificação, na qual é necessário que o trabalhador tenha certas habilidades e que se adapte em meio aos avanços tecnológicos. Na atualidade, vemos o trabalho também como um meio para o acúmulo de bens e riquezas, não deixando de ser uma necessidade para o bem estar e sobrevivência, visto que vivemos num mundo capitalista, no qual é necessário dinheiro para comprar aquilo que são consideradas necessidades básicas como: vestimentas, alimentação, higiene, moradia, entre outros.

Vivemos em meio às novas medidas de adaptação devido a pandemia, muitos trabalhadores em situação de vulnerabilidade, em que a possibilidade de adaptação, com o auxílio de tecnologias como, computador e internet não é possível, e também alguns serviços em que não há a possibilidade de serem executados de maneira remota, comprometem e aumentam ainda mais o número de vulneráveis e desempregados.

Também devemos notar como as divisões de classe adquiriram uma nova dimensão em meio ao pânico do corona vírus. Somos bombardeados por apelos para trabalharmos de casa, na segurança do isolamento – mas quem de fato pode fazer isso? Trabalhadores intelectuais precários e gestores capazes de cooperar por meio de teleconferências e outras formas de conexões digitais, de modo que, até mesmo em quarentena, nosso trabalho continua de modo mais ou menos tranquilo (talvez até ganhemos mais tempo para “explorar a nós mesmos”). Mas e aqueles cujo trabalho precisa acontecer fora de

*casa, em fábricas e no campo, em lojas, hospitais e no transporte público? Muitas coisas precisam continuar funcionando na insegurança do lado de fora para que eu possa sobreviver na minha quarentena.*¹⁵¹

Nos casos em que o trabalhar em casa era possível, aparentemente o problema foi solucionado, porém vemos alguns setores que isso não se torna possível. O que o Brasil está passando hoje nessas questões, obviamente, não é apenas reflexo da pandemia, mas de um reflexo de crises econômicas anteriores, na qual se geraram muitos desempregados,¹⁵² a pandemia apenas potencializou tal realidade.

3. Assistência emergencial do governo para desempregados e empresas e seus efeitos práticos

3.1 Impacto econômico

Com o desenvolvimento da pandemia e as medidas de quarentenas aplicadas na maioria do território nacional, todas as atividades de serviços não essenciais foram temporariamente restritas, tendo o seu funcionamento reduzido ou até mesmo paralisado. Nesse momento, a partir da crise de saúde pública dada pela pandemia, dá-se início a uma forte recessão econômica agravada por fatores macroeconômicos e microeconômicos,

¹⁵¹ ŽIŽEK, Slavoj. Pandemia: Covid-19 e a reinvenção do comunismo (Pandemia Capital). São Paulo: Boitempo Editorial, 2020. Edição do Kindle, posição 739.

¹⁵² NITAHARA, Akemi. Desemprego na pandemia continua subindo e chega a 13,7%. Agência Brasil, 14 ago. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-08/desemprego-na-pandemiacontinua-subindo-e-chega137#:~:text=Nos%20%C3%BAltimos%20quatro%20meses%2C%20em,12%2C9%20milh%C3%B5es%20de%20pessoas.&text=E%20a%20taxa%20de%20desocupa%C3%A7%C3%A3o,em%203%2C2%20pontos%20percentuais>. Acesso em: 31 ago 2020.

podendo ser observados exemplos como a forte valorização do dólar, chegando a ter seu preço de venda acima de R\$5,90 no dia 13 de maio¹⁵³, a dificuldade de negociação de commodities, a queda brusca na bolsa de valores brasileira, o índice Bovespa acumulou uma perda de até 45% durante o mês de março desde o início de 2020¹⁵⁴, além disso ocorreram 5 circuit breakers em um intervalo de apenas 2 semanas na Ibovespa¹⁵⁵, o que refletiu ainda mais na insegurança de investidores no período turbulento e volátil em que o sistema econômico se encontrou.

Foram registrados fechamentos de empresas e postos de trabalho. Uma reportagem da CNN relatou que "Pelo menos 600 mil micro e pequenas empresas fecharam as portas e 9 milhões de funcionários foram demitidos em razão dos efeitos econômicos da pandemia do novo corona vírus"¹⁵⁶, esse fato demonstra que a maioria dos microempresários possuem reserva de caixa pequena e que não possuem condições de enfrentarem crises de grande porte sem o auxílio do Estado.

3.2 Intervenção do Ministério da Economia

¹⁵³ ISTO É DINHEIRO (ed.1179). Dólar opera acima de R\$ 5,90 após fechar com recorde na véspera. [S. l.]: Isto É Dinheiro, 13 maio 2020. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/dolar-opera-acima-de-r-590-aposfechar-em-r-586-na-vespera/>. Acesso em: 10 jul. 2020.

¹⁵⁴ ELIAS, Juliana (ed.). Ibovespa tem 9 ações valendo mais agora que antes da crise. [S. l.]: CNN Brasil, 3 jun. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/2020/06/03/ibovespa-ja-tem-9-aco-es-valendomais-agora-que-antes-da-cri-se-veja-a-lista>. Acesso em: 10 jul. 2020.

¹⁵⁵ G1. Entenda o circuit breaker e relembre momentos de turbulência na bolsa. [S. l.]: G1, 9 mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/03/09/entenda-o-circuit-breaker-e-relembre-momentos-deturbulencia-na-bolsa.ghtml>. Acesso em: 10 jul. 2

¹⁵⁶ BROTERO, Mathias. Mais de 600 mil pequenas empresas fecharam as portas com coronavírus. Brasília: CNN Brasil, 9 abr. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/2020/04/09/mas-de-600-milpequenas-empresas-fecharam-as-portas-com-coronavirus>. Acesso em: 10 jul. 2020.

O Ministério da Economia, liderado pelo ministro Paulo Roberto Nunes Guedes, se manteve ativo desde o início da pandemia quando o Governo Federal declarou estado de emergência, até mesmo extrapolando o teto de gastos públicos estabelecidos anualmente. Foram propostos auxílios direcionados aos estados e municípios para a saúde e a fiscalização, também foram adotadas medidas de auxílio para empresas e desempregados. Tais medidas representam a prioridade para Guedes que afirmou “Sem a saúde, o país não decola. Sem a economia, também não decola. Pássaro para voar precisa bater as duas asas. Sem o problema da saúde equacionado não conseguimos voar. Sem economia não consegue também”¹⁵⁷. A estratégia para a gestão da crise elaborada por Guedes tem sido caracterizada pela criação de leis de auxílio à renda, ao emprego, às empresas e a atuação ativa do Banco Central e demais bancos privados.

Com o fechamento de inúmeros postos de trabalho, o Ministério da Economia agiu na promoção de medidas de auxílio para o desempregado para quem não estivesse mais recebendo seguro-desemprego, e para famílias que se encontravam em estado de vulnerabilidade social e econômica. A Lei nº 13.982, de 2020 publicada em 2 de abril,¹⁵⁸ que também ficou conhecida como “coronavoucher”, é responsável por beneficiar em R\$600,00 o trabalhador informal e aos que já estão cadastrados no programa bolsa-

¹⁵⁷ MURAKAWA, Fabio; BITENCOURT, Rafael. Para Guedes, economia brasileira é uma das poucas que pode se recuperar rápido. Brasília: Valor, 15 maio 2020. Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/mercados/brasil-e-politica/noticia/2020/05/15/para-guedes-economia-brasileirae-uma-das-poucas-que-pode-se-recuperar-rapido.ghtml>. Acesso em: 11 jul. 2020.

¹⁵⁸ SENADO FEDERAL. Agência Senado (ed.). Para Guedes, economia brasileira é uma das poucas que pode se recuperar rápido. Brasília: Agência Senado, 1 jul. 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/07/01/mp-abre-credito-de-r-101-bi-para-prorrogaao-doauxilio-emergencial>. Acesso em: 11 jul. 2020.

família e em outros programas de auxílio financeiro do governo¹⁵⁹. O auxílio emergencial tinha inicialmente a proposta de duração para 3 meses e foi ampliado com a progressão da pandemia, aumentando a captação de crédito em mais R\$ 101 bilhões¹⁶⁰. Apesar do programa ter enfrentado uma série de vetos antes de ser aprovado e ter enfrentado problemas de implementação, como o cadastro indevido de pessoas e a falta de inclusão de necessitados, o coronavoucher já beneficiou quase 54 milhões de brasileiros¹⁶¹, sendo determinante para o sustento básico das famílias.

Para suporte de empresas a atuação do Banco Central foi decisiva, cortando a taxa SELIC para 2,25% no dia 17 de junho¹⁶², o que resulta em uma possível redução de juros em empréstimos feitos para pessoas físicas e empresas. Para o funcionamento pleno desta medida, é necessária a colaboração dos bancos privados, estes que já foram os pivôs em outras crises financeiras, agora atuam como fornecedores de crédito, auxiliando na injeção ativa de dinheiro na economia. O resultado dessa parceria pode ser observado no “Programa Emergencial de Suporte a Empregos”, onde R\$ 40 bilhões foram destinados ao auxílio de pequenas e médias empresas, isto é, empresas com o faturamento entre R\$ 360 mil e R\$ 10 milhões¹⁶³. O empréstimo possui o objetivo de subsidiar o salário de colaboradores da

¹⁵⁹ (SENADO FEDERAL, 2020)

¹⁶⁰ (SENADO FEDERAL, 2020)

¹⁶¹ (SENADO FEDERAL, 2020)

¹⁶² VILELA, Pedro Rafael. Copom reduz taxa Selic para 2,25% ao ano. Brasília: Agência Brasil, 17 jun. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-06/copom-reduz-taxa-selic-para-225-aoano>. Acesso em: 11 jul. 2020.

¹⁶³ MAZUI, Guilherme. Programa para financiar salários de pequenas e médias empresas é criado e aguarda regulamentação. Brasília: G1, 4 abr. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/04/04/programa-para-financiar-salarios-de-pequenas-e-mediasempresas-e-criado-e-aguarda-regulamentacao.ghtml>. Acesso em: 11 jul. 2020.

empresa “com o limite de dois salários mínimos por trabalhador”¹⁶⁴, e “os juros serão de 3,75% ao ano, com seis meses de carência e prazo de 36 meses de pagamento”¹⁶⁵. Do montante “total de R\$ 40 bilhões que serão ofertados, 85% virão do Tesouro Nacional e outros 15% de bancos privados.”¹⁶⁶ Além disso, é importante destacar que o auxílio também beneficia os colaboradores da empresa, que além de não poderem ser demitidos durante o recebimento do auxílio, também tem sua fonte de renda garantida durante a pandemia. Com isso, a indústria continua o seu funcionamento e o montante dado pelo governo no seguro-desemprego é reduzido.

Já para a classificação em que se encaixam as micro e pequenas empresas, no dia 19 de maio, “o presidente Jair Bolsonaro sancionou, com vetos, a lei que cria linha de crédito para auxiliar micro e pequenas empresas durante a crise do novo corona vírus”¹⁶⁷. “O valor dos empréstimos previstos pela lei será de até 30% da receita bruta anual da empresa em 2019. O montante máximo do benefício é de R\$108 mil para microempresas e R\$1,4 milhão para pequenas empresas”¹⁶⁸, além disso, o Governo Federal cogita a adoção de outros incentivos. Ainda que as medidas tomadas sejam de grande benefício para as empresas, nota-se certo receio da distribuição de renda, onde os maiores incentivos concentram-se para médias e pequenas

¹⁶⁴ (MAZUI, 2020)

¹⁶⁵ (MAZUI, 2020)

¹⁶⁶ AMATO, Fábio; MAZUI, Guilherme; BARBIÉRI, Luiz Felipe. Governo anuncia R\$ 40 bi para financiar salário do trabalhador de pequenas e médias empresas. Brasília: G1, 27 mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/03/27/governo-anuncia-linha-de-credito-de-r-40-bi-para-financiar-folha-de-pequenas-e-medias-empresas.ghtml>. Acesso em: 11 jul. 2020

¹⁶⁷ O ESTADO DE S. PAULO. Bolsonaro sanciona lei que cria linha de crédito para micro e pequenas empresas. [S. l.]: O Estado de São Paulo, 19 maio 2020. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-sanciona-lei-que-cria-linha-de-credito-para-micro-e-pequenas-empresas,70003307368>. Acesso em: 11 jul. 2020.

¹⁶⁸ (O ESTADO DE S. PAULO, 2020)

empresas, sendo que a última possui a elegibilidade para ambos os programas de incentivos, mencionados anteriormente. As microempresas por sua vez, geralmente possuem o menor fluxo de caixa e o menor faturamento dentre todas as categorias e já que a maior parte do seu lucro líquido é comumente reinvestido na própria empresa, para estimular seu crescimento, em uma situação crítica de recessão econômica o risco de falência se torna alto.

O Ministério da Economia publicou no dia 2 de julho um relatório intitulado “Análise do Impacto Fiscal das Medidas de Enfrentamento ao Covid-19”¹⁶⁹, onde se espera uma variação do PIB estimada em -6,5% e um resultado primário de -R\$521,30 bilhões, sendo que R\$254,20 bilhões compõem o auxílio financeiro emergencial¹⁷⁰. Com essas estimativas, a dívida pública comporá 98,2% do PIB até o final de 2020, ou até 100,6% caso o PIB real alcance -8,5% até o fim do ano¹⁷¹. O resultado desse processo é a crescente necessidade de intervenção do Ministério da Economia onde, no mesmo relatório, é elencada uma agenda de reformas para que se atinja o equilíbrio fiscal.

4. Propostas teológicas de economia solidária

Dadas as considerações anteriores, é mister que se busquem ações e caminhos como alternativas às dificuldades e dilemas encontrados na atual conjuntura social, política e econômica brasileira. Uma alternativa de

¹⁶⁹ GOVERNO FEDERAL. Ministério da Economia. Medidas Fiscais no combate aos efeitos da Covid-19 alcançam R\$ 521,3 bilhões. [S. l.]: Ministério da Economia, 2 jul. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/economia/pt-br/assuntos/noticias/2020/julho/medidas-fiscais-no-combate-aos-efeitos-dacovid-19-alcancam-r-521-3-bilhoes>. Acesso em: 11 jul. 2020.

¹⁷⁰ (GOVERNO FEDERAL, 2020)

¹⁷¹ (GOVERNO FEDERAL, 2020)

caminho a seguir é a que pode ser encontrada em meio às proposições da chamada “Economia Solidária”. O termo Economia Solidária não é único, mas contempla uma forma de pensar a economia dentro de uma perspectiva semelhante às ideias e terminologias introduzidas por outros autores como: economia popular, economia do trabalho, terceiro setor ou setor não-lucrativo, economia social.¹⁷²

Ao iniciar é necessário entender do ponto de vista teórico o que é solidariedade. A solidariedade e, por conseguinte sua definição, é parte importante do como e por quê da economia solidária. Algumas das definições encontradas são:

*Sentimento de amor ou compaixão pelos necessitados ou injustiçados, que impele o indivíduo a prestar-lhes ajuda moral ou material. Ligação recíproca entre duas ou mais coisas ou pessoas, que são dependentes entre si. Responsabilidade recíproca entre os membros de uma comunidade, de uma classe ou de uma instituição. Apoio em favor de uma causa ou de um movimento. [...] Estado ou situação de um grupo que resulta do compartilhamento de atitudes e sentimentos, tornando o grupo uma unidade mais coesa e sólida, com a capacidade de resistir às pressões externas.*¹⁷³

¹⁷² AZAMBUJA, Lucas Rodrigues. Os Valores da Economia Solidária. Sociologias, Porto Alegre, ed. 21, p. 282- 317, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/soc/n21/12.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2020.

¹⁷³ SOLIDARIEDADE. In: MICHAELIS (org.). Dicionário brasileiro da língua portuguesa. [S. l.]: Editora Melhoramentos, [2020?]. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portuguesbrasileiro/solidariedade>. Acesso em: 8 jul. 2020.

Uma segunda definição, feita por um dos especialistas em Economia Solidária, ou economia da solidariedade, Luís Razeto Migliaro em seu livro intitulado “Los caminos de la economía de la solidaridad”, assim afirma:

A ideia de solidariedade se encaixa geralmente no chamado ético e cultural ao amor e a fraternidade humana, faz referência a ajuda mútua para enfrentar problemas compartilhados, à benevolência ou generosidade para com os pobres ou necessitados de ajuda, à participação em comunidades integradas por vínculos de amizade e reciprocidade. Este chamado à solidariedade, enraizado na natureza humana e sendo, portanto, conatural ao homem, qualquer que seja sua condição ou seu modo de pensar, encontrou sua mais elevada expressão nas buscas espirituais e religiosas, sendo na mensagem cristã de amor onde a solidariedade é levada a sua mais alta e sublime valorização.¹⁷⁴ (tradução nossa)

Diante destas definições de solidariedade, é possível vislumbrar algumas noções a respeito de Economia Solidária. A mesma possui dentro de seus aspectos sociais e instrutivos características de compartilhamento, generosidade e fraternidade, ou seja, compromissos com o próximo. Há, contudo, a necessidade de estabelecer definições mais rígidas, que englobam os aspectos técnicos e históricos da economia solidária. Segundo Lucas Azambuja houveram na década de 1970 algumas situações que produziram

¹⁷⁴ MIGLIARO, Luís Razeto. Los caminos de la economía de solidaridad. [S. l.]: Lumen-Hvmanitas, 1997.

prejuízos aos trabalhadores e aos setores mais pobres da população, como a crise do modelo fordista-taylorista, bem como o desmanche de alguns mecanismos de proteção social como a previdência e outros serviços públicos.¹⁷⁵ Diante destes fatos ele escreve:

Tais prejuízos fizeram com que estes últimos (trabalhadores e setores mais pobres da população) organizassem uma série de iniciativas econômicas para geração alternativa de trabalho e renda [...]. É neste processo que, então, é formulada a noção de Economia Solidária, isto é, tal noção representa o esforço de alguns pensadores em não só compreender a lógica de certas iniciativas de geração alternativa de trabalho e renda, como também, identificar nelas o potencial para resolução dos problemas gerados pela crise do fordismo e do Estado de Bem-Estar (...).¹⁷⁶

A partir deste momento histórico, tais pensadores citados acima, iniciaram o processo de categorizar e melhor definir a economia solidária. Um destes autores e pensadores, Paul Singer, seguiu pelo caminho de uma nova forma econômica e empresarial, em que as cooperativas teriam mais importância na construção do processo de Economia Solidária que segundo o mesmo “compreende diferentes tipos de ‘empresas’, associações voluntárias com o fim de proporcionar a seus associados benefícios

¹⁷⁵ AZAMBUJA, 2009.

¹⁷⁶ AZAMBUJA, 2009.

econômicos. Estas empresas surgem como reações a carências que o sistema dominante se nega a resolver.”¹⁷⁷

Paul Singer sustenta um ponto importante destas empresas cooperativas que é o fato de a solidariedade substituir o capital faltante, pois em geral, tais agrupamentos não possuem muitos recursos. Ele encerra o conceito afirmando que “a ‘acumulação primitiva’ se viabiliza pelo auto sacrifício dos associados.”¹⁷⁸ (grifo nosso)

Projetos de economia solidária buscam atingir pessoas pertencentes às classes mais populares, bem como aqueles que se encontram fora do mercado formal de trabalho. Esses projetos servem como outros meios de geração de renda. Dentro da economia solidária, os projetos podem assumir diversas formas como cooperativas, defendidas por Paul Singer, ou pequenas empresas ou empresas familiares. Mas as grandes empresas e bancos também poderiam aderir à esta ideologia econômica, se estivessem dispostos a diminuir, em alguns casos, aos lucros aviltantes.

Outra definição pode ser encontrada por Luís Razeto como citado por Lucas Azambuja que “entende a Economia Solidária como um processo constante e difuso de inserção de práticas econômicas de caráter solidário no seio da estrutura econômica atual, isto é, a solidariedade como força transformadora [...], resultando em uma nova racionalidade econômica.”¹⁷⁹

¹⁷⁷ SINGER, Paul. Economia Solidária vs Economia Capitalista. Sociedade e Estado, Brasília, v. 16, ed. 2, p. 100- 112, jun./dez. 2001. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922001000100005. Acesso em: 8 jul. 2020.

¹⁷⁸ SINGER, 2001.

¹⁷⁹ RAZETO, 1997 apud AZAMBUJA, 2009.

A Economia Solidária seria um projeto por construir, mas sem um modelo predefinido, ou seja, não existe uma fórmula de incorporação da solidariedade no fazer econômico e, sim, diferentes formas que interagem entre si, podendo até mesmo convergirem, acentuando esse processo de incorporação da solidariedade. Estas formas são elaboradas e realizadas pelos próprios atores sociais, por isso a importância, segundo o autor, em mostrar as vantagens da solidariedade na Economia e, assim, fazer com que mais e mais pessoas estejam engajadas e comprometidas neste processo de inserção da solidariedade na Economia.¹⁸⁰

Percebe-se a partir das definições expostas anteriormente, principalmente as de Luís Razeto, um dos grandes pensadores da Economia Solidária, uma busca por inserção de solidariedade nos planos econômicos. Sejam os já existentes, ou em novas formas de se fazer economia que não seja a vigente.

Deste modo, um primeiro exemplo de solidariedade econômica teológica é o que pode ser encontrado na descrição bíblica a seguir de Atos dos apóstolos capítulo 2 verso 42 ao verso 47:

42 E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações. 43 Em cada alma havia temor; e muitos prodígios e sinais eram feitos por intermédio dos apóstolos. 44 Todos os que creram

¹⁸⁰ RAZETO, 1997 apud AZAMBUJA, 2009.

estavam juntos e tinham tudo em comum. 45 Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade. 46 Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam suas refeições com alegria e singeleza no coração, 47 louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo. Enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos.¹⁸¹ (grifo nosso)

O texto acima destaca a generosidade, compartilhamento, auto sacrifício e solidariedade das primeiras comunidades cristãs. Consoante ao que foi destacado no início das definições de solidariedade e sua relação com o amor, o teólogo Matthew Henry escreve sobre a atitude religiosa desta comunidade de primeiros cristãos, onde para ele “o Espírito Santo os encheu com tal amor, que cada um era para o outro como para si mesmo. E deste modo, fez com que todas as coisas fossem comuns, sem destruir a propriedade, mas suprimindo o egoísmo e incentivando o amor.”¹⁸²

De maneira mais objetiva “A implicação é a de que, quando surgiam as necessidades especiais, algum crente, ou alguns crentes, vendiam propriedades e tornavam os resultados da venda disponíveis para solucionar a emergência.”¹⁸³

¹⁸¹ (Atos dos Apóstolos 2.42-47; p.729) BÍBLIA. Bíblia Sagrada. Tradução: João Ferreira De Almeida. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

¹⁸² HENRY, Matthew. Comentário Bíblico de Matthew Henry. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

¹⁸³ EARLE, Ralph; MAYFIELD, Joseph H. Comentário Bíblico Beacon. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006. v. 7.

Um segundo caso de proposta teológica com aspectos de Economia Solidária pode ser encontrado na segunda carta bíblica creditada ao apóstolo Paulo à igreja na cidade de Corinto e sua região. Este trecho do capítulo 9 têm por destaque uma oferta assistencial à necessidade de companheiros de fé de outra região, chamados de santos, como visto a seguir:

1 Ora, quanto à assistência a favor dos santos, é desnecessário escrever-vos, 2 porque bem reconheço a vossa presteza, da qual me glorio junto aos macedônios, dizendo que a Acaia está preparada desde o ano passado; e o vosso zelo tem estimulado a muitíssimos. [...] 11 enriquecendo-vos, em tudo, para toda a generosidade, a qual faz que, por nosso intermédio, sejam tributadas graças a Deus. 12 Porque o serviço desta assistência não só supre a necessidade dos santos, mas também redundando em muitas graças a Deus.¹⁸⁴

Destaca-se do trecho anterior a declaração de presteza ao assistir às necessidades, ou seja, um forte senso comunitário, indicativo não somente de um sentimento solidário forte bem como de uma compreensão teológica a respeito das ofertas, indicado na expressão “redunda em muitas graças a Deus.”

Concernente a esta passagem, a comunhão é destacada também por Greathouse, Metz e Carver onde escrevem que “a preocupação com as

¹⁸⁴ (2 Coríntios 9; p. 780). BÍBLIA, 1999

necessidades de um irmão na fé era uma expressão direta da comunhão orgânica peculiar de que os cristãos desfrutavam ‘em Cristo’.¹⁸⁵

Um aspecto geral de uma Economia Capitalista ou Neoliberal gira em torno da competitividade entre os participantes, inevitavelmente, embora haja o discurso de igualdade de oportunidades, em um sistema competitivo os ganhos de uns se sobrepõem aos ganhos de outros, ou colocado de outra maneira, alguns ganham e outros perdem. Dentro das conceituações de Economia Solidária, há uma proposta de sistema de ganho coletivo mais efetivo, não levando em consideração para esta discussão se a distribuição do grupo é igualitária ou se há pequenas diferenças nas distribuições de lucro baseado nos serviços prestados. O fato é que, nestas considerações, há uma aproximação da Economia Solidária com as propostas indicadas no trecho bíblico anterior conforme explicado: “Em primeiro lugar, o apóstolo explica que o cristão generoso é ‘alguém que semeia’. Não há medo de destituição na generosidade, pois ‘dar é semear’ e semear significa esperar uma colheita.”¹⁸⁶

A relação com o “ganho” é diferente nos diferentes modos econômicos, por motivos óbvios, olhar apenas um aspecto dos mesmos não é indicativo de melhor ou pior, mas sim como os sistemas se relacionam com a teologia. A Economia Solidária, bem como as análises dos textos teológicos, parecem indicar outro tipo de “colheita”, onde o retorno não gira em torno do lucro máximo a ser obtido de maneira individual e sim de um sistema de retorno onde o coletivo também se beneficia. Greathouse, Metz

¹⁸⁵ GREATHOUSE, William M.; METZ, Donald S.; CARVER, Frank G. Comentário Bíblico Beacon. Rio de Janeiro: CPAD, 2006. v. 8.

¹⁸⁶ GREATHOUSE, METZ e CARVER; 2006.

e Carver encerram o trecho anterior dizendo que “O mundo enriquece tirando dos outros; o cristão enriquece dando aos outros.”¹⁸⁷

Existem muito mais exemplos ao longo da história que demonstram esse desenvolvimento coletivo a medida em que existe uma intenção solidária, coletiva e compreensiva dentro de uma comunidade, nesses casos específicos, de cristãos. Contudo, é válido um destaque para o Movimento de Lausanne e o documento posterior vindo deste movimento, o Pacto ou “Aliança” de Lausanne.

O Movimento de Lausanne é de interesse, pois vem como uma resposta evangelical ao processo de globalização. Sobre esse processo, o filósofo e teólogo Albert Longchamp discorre que “a Globalização ameaça com o lançamento de uma religião sem compaixão, onde as necessidades humanas não são prioridade e onde a rentabilidade é o novo nome da redenção.”¹⁸⁸

Frente às mudanças advindas da globalização e do mundo contemporâneo, constituiu-se o Pacto de Lausanne. Em seu artigo sobre ajuda humanitária e missão cristã Maerly Fertig discorre bem sobre o início do movimento.

Na ausência de compaixão e humanidade, a Missão Cristã é chamada com urgência para a compreensão deste cenário, e para a ação por mudanças dentro do propósito de Deus e apontando para o Seu projeto redentor. [...] Novos atores atuam na cena internacional, fazendo frente

¹⁸⁷ GREATHOUSE, METZ e CARVER; 2006.

¹⁸⁸ LONGCHAMP, Albert. Globalização: o novo nome do desenvolvimento. In: LEBRET, L. J. (Org.). Globalização e Fé. Coleção Humus. Bauru: EDUSC, 2000, p. 123-159.

*aos desafios e dilemas que o mundo globalizado traz à humanidade. Neste contexto, aborda-se o Movimento de Lausanne como expressão organizada transnacional da concertação cristã, no âmbito das denominações evangélicas protestantes, contemplando temas ligados à Missão Cristã, associados à evangelização e à Ajuda Humanitária.*¹⁸⁹

O destaque principal do Pacto de Lausanne em correlação com os temas abordados neste artigo podem ser encontrados no Parágrafo 5 do pacto. É perceptível a relação que a economia tem com o contexto social, seja essa relação produtora de igualdades ou desigualdades. O esforço cristão, trazido no Parágrafo 5 do pacto, não trata em si de uma busca por um sistema econômico ou político de valor absoluto e final, mas sim da responsabilidade cristã e teológica sobre os dilemas sociais encontrados.

Afirmamos que Deus é o Criador e o Juiz de todos os homens. Portanto, devemos partilhar o seu interesse pela justiça e pela conciliação em toda a sociedade humana, e pela libertação dos homens de todo tipo de opressão. Porque a humanidade foi feita à imagem de Deus, toda pessoa, sem distinção de raça, religião, cor, cultura, classe social, sexo ou idade possui uma dignidade intrínseca em razão da qual deve ser respeitada e servida, e não explorada. Aqui também nos arrependemos de nossa

¹⁸⁹ FERTIG, Maerly Cristine Schaeffer. Ajuda Humanitária e Missão Cristã no Mundo Globalizado: Impulsos do Movimento de Lausanne. Vox Scripturae: Revista Teológica Internacional, São Bento do Sul, v. 23, ed. 2, p. 123- 156, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://vox.flt.edu.br/oai/open/28/160>. Acesso em: 12 jul. 2020.

negligência e de termos algumas vezes considerado a evangelização e a atividade social mutuamente exclusivas. Embora a reconciliação com o homem não seja reconciliação com Deus, nem a ação social evangelização, nem a libertação política salvação, afirmamos que a evangelização e o envolvimento sócio-político são ambos parte do nosso dever cristão. Pois ambos são necessárias expressões de nossas doutrinas acerca de Deus e do homem, de nosso amor por nosso próximo e de nossa obediência a Jesus Cristo. A mensagem da salvação implica também uma mensagem de juízo sobre toda forma de alienação, de opressão e de discriminação, e não devemos ter medo de denunciar o mal e a injustiça onde quer que existam. Quando as pessoas recebem Cristo, nascem de novo em seu reino e devem procurar não só evidenciar, mas também divulgar a retidão do reino em meio a um mundo injusto. A salvação que alegamos possuir deve estar nos transformando na totalidade de nossas responsabilidades pessoais e sociais. A fé sem obras é morta.¹⁹⁰

Como indicado anteriormente, as primeiras propostas técnicas e teóricas sobre Economia Solidária tiveram início na década de 1970. O nome Economia Solidária, surgiu durante a campanha eleitoral de 1996 para a

¹⁹⁰ O PACTO DE LAUSANNE. Movimento de Lausanne. 1974. Disponível em: <https://www.lausanne.org/ptbr/recursos-multimedia-pt-br/pacto-de-lausanne-pt-br/pacto-de-lausanne>. Acesso em: 12 jul. 2020.

prefeitura de São Paulo.¹⁹¹ Contudo, é perceptível pelos exemplos apresentados, como algumas proposições da Economia Solidária, principalmente no que tange os aspectos de solidariedade, comunhão, repartir os recursos e senso de unidade, eram aspectos já vividos por comunidades cristãs ao longo dos primeiros anos depois de Cristo, que entenderam essa forma de viver como resposta à realidade religiosa e doutrinária em que viviam. Além disso, o movimento de compromisso social caminhou ao longo dos séculos junto à esfera religiosa, culminando em um movimento e um pacto como em Lausanne e outros que vieram após.¹⁹²

Para Luís Razeto a Economia Solidária não tem por objetivo substituir de maneira total o sistema econômico vigente.¹⁹³ Porém cabe uma crítica ao modelo de “igualdade” apresentado por este sistema. A desigualdade não é decorrência de apenas uma ação, ou um modelo, e a mudança do mesmo não significa que vá existir uma transformação completa da realidade atual. Há contudo, oportunidade de se pensar em modos diferentes de se fazer economia, quando é perceptível que a realidade prática não corrobora em sua totalidade com a realidade teórica. É muito improvável existirem absolutos, seja na Economia Solidária, seja na Economia Capitalista ou no Neoliberalismo. Há, contudo, portas de oportunidades a serem enxergadas para ambientes que carecem de transformação urgente.

Tendo em vista as semelhanças apontadas entre as propostas teológicas e a Economia Solidária, é imperioso uma busca por reformulação

¹⁹¹ BRASIL DEBATE. Paul Singer. In: Carta Capital. Brasília, 17 abr. 2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/brasil-debate/Paul-Singer-Economia-solidaria-se-aproximada-origenssocialismo/>. Acesso em: 10 jul. 2020.

¹⁹² FERTIG, 2015.

¹⁹³ MIGLIARO, 1997.

sistemática do modo de pensar exclusivista para um modo de pensar mais solidário, como critica Paul Singer:

Os pobres são religiosos, mais do que os ricos, e as religiões pregam a solidariedade. Não importa saber se os pobres são religiosos porque a solidariedade funciona para eles ou se eles são solidários porque suas religiões os levam a este tipo de conduta. Eu suspeito que os pobres são solidários porque têm empatia pelo necessitado. A lei 'ame o próximo como a ti mesmo' é quase uma definição de empatia. Há muita gente generosa entre os ricos, que se dedica a ajudar o próximo. Mas, não a generalidade. Os que se empenham em competições múltiplas o tempo todo, têm pouca disponibilidade 'psíquica' para o exercício da solidariedade. Quem está empenhado, por exigência das situações que vive, em vencer o próximo tem pouquíssima inclinação a ajudá-lo.¹⁹⁴

Propostas teológicas e Economia Solidária não são codependentes, e sim correlatas, ou seja, existem características de uma em outra. Estas semelhanças permitem um olhar mais apurado sobre como desenvolver os aspectos econômicos dentro de um contexto teologicamente adequado.

¹⁹⁴ A crítica do economista e sociólogo Paul Singer neste trecho não é apologética à pobreza ou acusativa à riqueza, e sim uma crítica à mentalidade generalizada que pobreza e riqueza contemplam em seus modos de viver. SINGER, 2001.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os valores da sociedade nem sempre são condizentes com aquilo que preconiza a bioética aplicada às situações de emergência e precariedade, como no caso da Covid-19, por este motivo, as situações de vulnerabilidade humana são potencializadas pelas decisões que os governantes e os produtores de capital tomam em momentos de extrema crise como a que se vive durante a pandemia. Desta forma, foram revelados alguns aspectos políticos e econômicos e refletiu-se neste texto sobre algumas teorias em relação ao assunto, bem como comparou-se com a realidade do Evangelho de Cristo, especialmente propondo o conceito de Economia Solidária.

O objetivo, ao elaborar propostas teológicas a partir da Economia Solidária, não é indicar que somente a partir desta há solução para todos os dilemas enfrentados dentro do contexto social, político e econômico atual, nem utilizar a Economia Solidária como filtro único interpretativo dos modelos econômicos, principalmente os de generosidade e solidariedade cristãs.

O ponto chave da discussão sobre Neoliberalismo, Necropolítica, precarização do trabalho, Economia Solidária e geração de propostas teológicas é mostrar a correlação entre a proposta social de solidariedade da Economia Solidária e a proposta de solidariedade e generosidade cristã, seja pelos exemplos que podem ser utilizados a partir de uma análise histórica-bíblica das igrejas do primeiro século depois de Cristo, seja pelos exemplos das instituições e grupos religiosos ao longo dos séculos anteriores. O foco se concentra muito mais nos aspectos da solidariedade como geradora e impulsionadora econômica e menos nos aspectos técnicos da Economia Solidária.

Deste modo, a partir da análise crítica e contextual descrita neste artigo, podem-se estabelecer alternativas não somente teóricas, no que tange âmbitos mais abrangentes de análise como país e governo, mas também alternativas práticas, que são materializadas nas ações dos grupos como associação de bairros, igrejas, ONGs, pequenas comunidades, entidades sociais, empresas, etc. O comprometimento com a solidariedade tem potencial transformador nas dimensões locais e potencial expansivo para dimensões nacionais e globais.

REFERÊNCIAS

AMATO, Fábio; MAZUI, Guilherme; BARBIÉRI, Luiz Felipe. Governo anuncia R\$ 40 bi para financiar salário do trabalhador de pequenas e médias empresas. Brasília: G1, 27 mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/03/27/governo-anuncialinha-de-credito-de-r-40-bi-para-financiar-folha-de-pequenas-e-medias-empresas.ghtml>. Acesso em: 11 jul. 2020.

AZAMBUJA, Lucas Rodrigues. Os Valores da Economia Solidária. Sociologias, Porto Alegre, ed. 21, p. 282-317, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/soc/n21/12.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2020.

BBC News Brasil. As declarações de Bolsonaro na crise do corona vírus. Disponível em: . Acesso em: 11 jun. 2020.

BÍBLIA. Bíblia Sagrada. Tradução: João Ferreira De Almeida. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BRASIL DEBATE. Paul Singer. In: Carta Capital. Brasília, 17 abr. 2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/brasil-debate/Paul-Singer-Economia-solidaria-seaproximada-origens-socialismo/>. Acesso em: 10 jul. 2020.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Salvar as pessoas, as empresas e o emprego. Disponível em: . Acesso em: 11 jun. 2020.

BROTERO, Mathias. Mais de 600 mil pequenas empresas fecharam as portas com corona vírus. Brasília: CNN Brasil, 9 abr. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/2020/04/09/mais-de-600-mil-pequenas-empresasfecharam-as-portas-com-coronavirus>. Acesso em: 10 jul. 2020.

CNN BRASIL (São Paulo). Estudo indica que Brasil tem 10 vezes mais casos do que os registrados. São Paulo: CNN Brasil, 29 abr. 2020. Disponível em:

Azusa: Revista de Estudos Pentecostais, Joinville, v. 11, n.2, jul./dez. 2020.

<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2020/04/29/estudo-indica-que-brasil-tem-10-vezes-mais-casos-do-que-os-registrados>. Acesso em: 10 jul. 2020.

EARLE, Ralph; MAYFIELD, Joseph H. Comentário Bíblico Beacon. Rio de Janeiro: CPAD, 2006. v. 7.

ELIAS, Juliana (ed.). Ibovespa tem 9 ações valendo mais agora que antes da crise. [S. l.]: CNN Brasil, 3 jun. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/2020/06/03/ibovespa-ja-tem-9-acoes-valendo-mais-agora-que-antes-da-crise-veja-a-lista>. Acesso em: 10 jul. 2020.

FERNANDES, Adriana. Bolsonaro corta investimentos em Educação, Saúde e Segurança. [S. l.]: Terra, 31 jan. 2020. Disponível em: <https://www.terra.com.br/economia/bolsonaro-cortainvestimentos-em-educacao-saude-eseguranca,a0c81ff72f5ab50614d67ac1bd1b057a392c245i.html>. Acesso em: 10 jul. 2020.

FERTIG, Maerly Cristine Schaeffer. Ajuda Humanitária e Missão Cristã no Mundo Globalizado: Impulsos do Movimento de Lausanne. Vox Scripturae: Revista Teológica Internacional, São Bento do Sul, v. 23, ed. 2, p. 123-156, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://vox.flt.edu.br/oai/open/28/160>. Acesso em: 12 jul. 2020.

FOLHA DE SÃO PAULO. Lockdown já ocorre em cidades do Rio de Janeiro, Pará, Tocantins, Amapá, Roraima e Paraná. [S. l.]: Folha de São Paulo, 17 maio 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/05/lockdown-ja-ocorre-em-cidades-dorio-de-janeiro-para-tocantins-amapa-roraima-e-parana.shtml>. Acesso em: 10 jul. 2020.

G1. Entenda o circuit breaker e lembre momentos de turbulência na bolsa. [S. l.]: G1, 9 mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/03/09/entenda-o-circuitbreaker-e-relembre-momentos-de-turbulencia-na-bolsa.ghtml>. Acesso em: 10 jul. 2020.

GOVERNO FEDERAL. Ministério da Economia. Medidas Fiscais no combate aos efeitos da covid-19 alcançam R\$ 521,3 bilhões. [S. l.]: Ministério da Economia, 2 jul. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/economia/pt-br/assuntos/noticias/2020/julho/medidas-fiscais-nocombate-aos-efeitos-da-covid-19-alcancam-r-521-3-bilhoes>. Acesso em: 11 jul. 2020.

GREATHOUSE, William M.; METZ, Donald S.; CARVER, Frank G. Comentário Bíblico Beacon. Rio de Janeiro: CPAD, 2006. v. 8.

GULLINO, Daniel. Manifestantes jogam fogos de artifício contra STF. Disponível em: . Acesso em: 11 jun. 2020.

HENRY, Matthew. Comentário Bíblico de Matthew Henry. 4ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

ISAAC, Pedro. O mundo do trabalho e a pandemia de covid-19: um olhar sobre o setor informal. Caderno De Administração, v. 28, n. Edição E, p. 66-70, 2020.

ISTO É DINHEIRO (ed.1179). Dólar opera acima de R\$ 5,90 após fechar com recorde na véspera. [S. l.]: Isto É Dinheiro, 13 maio 2020. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/dolar-opera-acima-de-r-590-apos-fechar-em-r-586-navespera/>. Acesso em: 10 jul. 2020.

JACKSON FILHO, José Marçal et al. A saúde do trabalhador e o enfrentamento da COVID19. Rev. bras. saúde ocup., v. 45, p. e14, 2020. Disponível em: http://www.cesteh.ensp.fiocruz.br/sites/default/files/editorial_rbso_-_a_saude_do_trabalhador_e_o_enfrentamento_da_covid_19.pdf acesso em: 03/06/2020

LONGCHAMP, Albert. Globalização: o novo nome do desenvolvimento. In: LEBRET, L. J. (Org.). Globalização e Fé. Coleção Humus. Bauru: EDUSC, 2000, p. 123-159.

MAIA, Gustavo. Secom apaga postagens com slogan 'O Brasil não pode parar' e diz que campanha não existe. Disponível em: . Acesso em: 11 jun. 2020.

MARANHÃO, Romero de Albuquerque. Os cientistas sociais no combate ao corona vírus e contra a necropolítica: primeiras batalhas. Boletim de Conjuntura, Ano II, Vol. 2, nº 5, Boa Vista, 2020.

MARASCIULO, Marília. Na pandemia de Covid-19, negros morrem mais do que brancos. Por quê? Disponível em: . Acesso em: 11 jun. 2020.

MAZUI, Guilherme. Programa para financiar salários de pequenas e médias empresas é criado e aguarda regulamentação. Brasília: G1, 4 abr. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/04/04/programa-para-financiar-salarios-de-pequenas-e-medias-empresas-e-criado-e-aguarda-regulamentacao.ghtml>. Acesso em: 11 jul. 2020.

MBEMBE, Joseph-Achile. Necropolítica: biopoder soberania estado de exceção política da morte. Arte & ensaios, nº 32, 2016.

MIRANDA, Fernanda Moura D.'Almeida et al. Condições de trabalho e o impacto na saúde dos profissionais de enfermagem frente a Covid-19. Cogitare Enfermagem, v. 25, 2020.

MIGLIARO, Luís Razeto. Los caminos de la economía de solidaridad. [S. l.]: LumenHvmanitas, 1997.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Corona vírus Brasil. Painel Corona vírus. [S. l.], 10 jul. 2020. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br>. Acesso em: 10 jul. 2020.

MURAKAWA, Fabio; BITENCOURT, Rafael. Para Guedes, economia brasileira é uma das poucas que pode se recuperar rápido. Brasília: Valor, 15 maio 2020. Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/mercados/brasil-e-politica/noticia/2020/05/15/para-guedeseconomia-brasileira-e-uma-das-poucas-que-pode-se-recuperar-rapido.ghtml>. Acesso em: 11 jul. 2020.

NITAHARA, Akemi. Desemprego na pandemia continua subindo e chega a 13,7%. Agência Brasil, 14 ago. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-08/desemprego-na-pandemia-continua-subindo-e-chega137#:~:text=Nos%20%C3%BAltimos%20quatro%20meses%2C%20em,12%2C9%20mil%C3%B5es%20de%20pessoas.&text=E%20a%20taxa%20de%20desocupa%C3%A7%C3%A3o,em%203%2C2%20pontos%20percentuais>. Acesso em: 31 ago 2020.

O ESTADO DE S. PAULO (ed.). Bolsonaro sanciona lei que cria linha de crédito para micro e pequenas empresas. [S. l.]: O Estado de S. Paulo, 19 maio 2020. Disponível em:

<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-sanciona-lei-que-cria-linha-decredito-para-micro-e-pequenas-empresas,70003307368>. Acesso em: 11 jul. 2020.

O PACTO DE LAUSANNE. Movimento de Lausanne. 1974. Disponível em: <https://www.lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/pacto-de-lausanne-pt-br/pacto-de-lausanne>. Acesso em: 12 jul. 2020.

PINHEIRO, Chloé; RUPRECHT, Theo. Corona vírus: primeiro caso é confirmado no Brasil. [S. l.]: Veja Saúde, 26 fev. 2020. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/medicina/coronavirus-primeiro-caso-brasil/>. Acesso em: 10 jul. 2020.

SENADO FEDERAL. Agência Senado (ed.). Para Guedes, economia brasileira é uma das poucas que pode se recuperar rápido. Brasília: Agência Senado, 1 jul. 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/07/01/mp-abre-credito-de-r-101-bi-paraprorrogacao-do-auxilio-emergencial>. Acesso em: 11 jul. 2020.

SILVA, Carlos Matheus Alves da. Covid-19 e necropolítica na conjuntura brasileira. Boletim de Conjuntura (BOCA), v. 2, n. 6, p. 70-85, 2020.

SILVA, Carlos Matheus Alves da. Covid-19 e necropolítica na conjuntura brasileira. Boletim de Conjuntura Boca/UFRR, ano II, vol. 2, n. 6, Boa Vista, 2020.

SINGER, Paul. Economia Solidária vs Economia Capitalista. Sociedade e Estado, Brasília, v. 16, ed. 2, p. 100-112, jun./dez. 2001. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922001000100005. Acesso em: 8 jul. 2020.

SOLIDARIEDADE. In: MICHAELIS (org.). Dicionário brasileiro da língua portuguesa. [S. l.]: Editora Melhoramentos, [2020?]. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/modernoportugues/busca/portugues-brasileiro/solidariedade>. Acesso em: 8 jul. 2020.

SOUZA, Josué de. A morte como forma de fazer política. O município, Blumenau, 15 abr. 2020.

VILELA, Pedro Rafael. Copom reduz taxa Selic para 2,25% ao ano. Brasília: Agência Brasil, 17 jun. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-06/copom-reduz-taxa-selic-para-225-ao-ano>. Acesso em: 11 jul. 2020.

ŽIŽEK, Slavoj. Pandemia: Covid-19 e a reinvenção do comunismo (Pandemia Capital). São Paulo: Boitempo Editorial, 2020. Edição do Kindle